



**LSPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Experiência de jovens com medida de internamento em  
Centro Educativo e a sua perceção do YLS/CMI

Jessica Krause Nunes

Orientador da dissertação:

PROF. DOUTOR VICTOR AMORIM RODRIGUES

Coordenador de seminário de dissertação:

PROF. DOUTOR VICTOR AMORIM RODRIGUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2019

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de  
Prof. Doutor Victor Amorim Rodrigues apresentada no ISPA –  
Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre  
na especialidade de Psicologia Clínica.

## **Agradecimentos**

Ao professor Victor Amorim Rodrigues, pelo apoio, disponibilidade e orientações ao longo deste projeto;

À professora Luísa Mascoli, pela ajuda em impulsionar este projeto, sem si não saberia por onde começar;

À equipa da DSJJ, por todo o apoio, orientação e aprendizagens que me proporcionaram, sem vocês este projeto não teria sido possível;

À Elsa, a minha amiga de todas as horas, fiel companheira na faculdade, fonte de motivação, apoio, força e paciência. Sem ti seria tudo mais difícil!;

And last but not least, aos meus pais, irmão, namorado e amigas, que estão sempre lá para mim, por todo o amor e apoio que me fornecem.

## Índice

Artigo - Experiência de jovens com medida de internamento em Centro Educativo e a sua perceção do YLS/CMI.....	1
Apêndice A - Revisão de literatura.....	20
Apêndice B - Guião de entrevista.....	37
Apêndice C – Questionário de caracterização sociodemográfico.....	39
Apêndice D - Carta de consentimento informado.....	40
Apêndice E – Pedido de autorização formal.....	41
Apêndice F – Tabela de análise das entrevistas.....	43
Apêndice G – Tabela de constituintes essenciais.....	110

## Lista de Tabela

Tabela 1 – <i>Constituintes essenciais na experiência subjetiva dos jovens institucionalizados em CE</i> .....	7
--	---

## **Siglas e Abreviaturas**

CE – Centro Educativo

DGRSP – Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

DSJJ – Direção de Serviços de Justiça Juvenil

IPA – Interpretative Phenomenological Analysis

YLS/CMI – Inventário de Avaliação do Risco de Reincidência e de Gestão de Caso para Jovens.

### Resumo

**Problema:** Falta de estudos qualitativos sobre a experiência subjetiva de jovens institucionalizados tendo em conta o instrumento YLS/CMI. **Objetivo:** Explorar e compreender as experiências subjetivas de jovens internados em CE, de acordo com os fatores de risco previstos no YLS/CMI. **Método:** Fenomenológico interpretativo com entrevistas semiestruturadas a seis jovens (quatro do género feminino e dois do género masculino) com idades entre os 15 e os 18 anos. **Resultados:** Revelaram-se dez temas emergentes, Importância do CE, Mudança de perspetiva, Posicionamento em relação às regras, Transformação positiva na relação com a família, Modificação da perceção sobre a escola, Impacto na relação com os pares, Perceção negativa sobre a forma como passavam os tempos livres, Perceção utilitária do YLS/CMI, Planos para o futuro e Sentimentos quando pensam na sua saída do CE. **Conclusão:** Os jovens reconhecem a importância do CE para si mesmos e para os seus futuros, tendo contribuído para uma mudança de perceção a vários níveis, em parte devido ao YLS/CMI que os ajudou a reconhecer o que era necessário mudar em si mesmos e a estabelecer objetivos tanto dentro do CE como para planearem a sua vida fora do CE.

**Palavras-chave:** Delinquência juvenil; Centro Educativo; YLS/CMI; Método Fenomenológico IPA.

### Abstract

**Problem:** Lack of qualitative studies on the subjective experience of institutionalized young people considering the YLS/CMI instrument. **Goal:** To explore and understand the subjective experiences of youths institutionalized in a Youth Detention Centre (YDC). **Method:** Interpretative phenomenological with semi-structured interviews with six young people (four female and two male) aged 15 to 18 years. **Results:** Our results revealed ten psychological units of meaning of the general structural description were revealed, Importance of the YDC, Change of perspective, Positioning in relation to rules, Positive transformation in relationship with family, Modification of perception about school, Impact on peers relations, Negative perception of the free time, YLS/CMI utility perception, Plans for the future and Feelings when they think about leaving the YDC. **Conclusion:** Young people recognized the importance of YDC for themselves and their future, that it contributed to a change in perceptions at multiple levels, in part due to YLS/CMI that helped them recognize what they needed to change in themselves and to set goals within the YDC and to plan their life outside YDC.

**Keywords:** Juvenile delinquency; Youth Detention Centre; YLS/CMI; Phenomenological Method IPA.

## Introdução

Experiências significativas de vida que ocorrem na adolescência, incluem mudanças no desenvolvimento físico, na escolaridade, nos papéis e estatutos, nos relacionamentos com os pares e os pais, que deixam os jovens em risco de ofender e, se estas transições não forem feitas com sucesso pode aumentar a probabilidade de envolvimento no crime (Fagan & Western, 2005).

Informações sobre a experiência institucional dos jovens delinquentes podem contribuir para um melhor entendimento de como intervir com estes jovens infratores (Schubert, Mulvey, Loughran & Losoya, 2012).

Segundo o estudo de Manso e Almeida (2009), os jovens reconhecem o Centro Educativo (CE) como um local que fornece a educação necessária que não conseguiam no exterior por absentismo escolar, para que não voltem a ter comportamentos desviantes. E, ainda eram capazes de reconhecer que, para além das aprendizagens intrínsecas às atividades letivas e formativas, existia outro tipo de aprendizagens no qual se baseia a orientação e intervenção do CE, como o respeito pelo outro e a não reincidência no ato ilícito, que remetem para o ganho de valores e

para um conjunto de direitos e deveres (Figueiredo, 2001, cit. por Manso & Almeida, 2009).

Segundo Abrams (2012), os jovens com grande motivação e abertura à mudança, empenham-se em criar uma visão de futuro que inclua um futuro diferente para si mesmos.

Azevedo (2013) percebe que a maior parte dos jovens atribui importância ao CE, devido às mudanças atingidas e à forma como podem influenciar a concretização das suas expectativas futuras, percecionando um percurso útil no seu crescimento pessoal, social, comportamental e profissional.

No estudo de Azevedo (2013), a maioria dos jovens declaram que há regras com as quais não concordam, considerando-as o pior no CE, não conseguindo compreender a importância de tais regras para a sua vida futura e sem qualquer aplicabilidade no seu dia-a-dia.

Estes jovens percecionam um ambiente familiar como um lugar caótico e desestruturado, marcado por brigas e falta de coesão familiar (Barnert, *et al.*, 2015), nas quais as relações familiares são pautados por relações de natureza conflitual e pela constante necessidade da sua adaptação ao grupo familiar, caracterizado pela

privação afetiva e por sucessivas rupturas nos laços sociais (Carvalho, 2005).

De acordo com Nunes (2014), a maioria dos jovens percebe apoio familiar desde que está no CE, identificam ainda melhorias no relacionamento com os seus familiares, especialmente maior proximidade e valorização.

As experiências na escola, anteriores à institucionalização, são marcadamente negativas, no qual o insucesso escolar, o elevado absentismo e o abandono precoce surgem associados às primeiras referências oficiais a práticas desviantes ou delinquentes, geralmente concretizadas em grupos de pares (Carvalho, 2005), no entanto, apesar destas experiências na escola, os jovens passam a considerar a escola o mais importante no CE, havendo duas explicações possíveis: i) perceberem a importância das habilitações para uma integração futura no contexto profissional; ii) perceberem a escola como um espaço de socialização (Azevedo, 2013). No CE a escola é dirigida para os interesses e necessidades dos jovens, havendo um apoio constante e orientado para um aumento da autoconfiança das

competências de cada um (Azevedo, 2013).

O grupo de pares, para os jovens, é sentido essencialmente como sinónimo de partilha, onde existe compreensão, companheirismo e troca de experiências, apesar de ser neste contexto que ocorre o consumo de substâncias e alguns dos comportamentos delinquentes (Conde & Teixeira, 2017), levando à aparente correlação entre a associação de pares e o desenvolvimento deste tipo de comportamentos (Donges, 2015).

A partir de insucessos escolares e de relacionamentos pobres com familiares e pares, o jovem começa a procurar um grupo com o qual se identifique, envolvendo-se em grupos antissociais caracterizados pelo consumo de substâncias e comportamentos delinquentes (Nardi & Dell'Aglio, 2010), não obstante, muitos destes jovens entendem a importância de criar relacionamentos com pares pró-sociais e abandonar os relacionamentos antissociais (Amemiya, Kieta & Monahan, 2017).

No estudo de Azevedo (2013) a maioria dos jovens percebe o seu comportamento, antes da entrada no CE como negativo, refletindo sobre as atitudes e os atos cometidos, e percebem que predominavam os

consumos de substâncias ilícitas, as agressões contra terceiros, a desobediência às figuras de autoridade e às normas vigentes, no entanto, com a entrada no CE, criaram-se hábitos e rotinas, aquisições de competências no âmbito escolar e profissional e interrupção do percurso delinvente, mostrando capacidade de refletir sobre o impacto positivo do internamento nas suas vidas futuras.

Matos e Carvalhosa (2001, cit. por Carvalho, 2005), verificaram uma associação positiva entre o abandono escolar precoce e a iniciação em consumos de tabaco, drogas e álcool.

O Inventário de Avaliação do Risco de Reincidência e de Gestão de Caso para Jovens (YLS/CMI), desenvolvido por D. A. Andrews e J. Bonta e aperfeiçoado por R. D. Hoge e D. A. Andrews, é um instrumento estruturado aplicado por técnicos credenciados que permite apurar a probabilidade de ocorrência do comportamento criminal, avalia o risco de reincidência criminal, identifica as necessidades criminógenas e guia a gestão de casos de jovens delinquentes (Pimentel, Quintas, Fonseca & Serra, 2015; Simões, Almeida & Gonçalves, 2017). Faz uma avaliação dos fatores de risco/necessidades criminógenas e define o planeamento das intervenções

junto dos jovens, possibilitando a adequação entre a avaliação e o desenvolvimento do plano de gestão de caso (Simões, *et al.*, 2017).

A investigação de Azevedo (2013), veio demonstrar que os jovens ao perspectivarem o futuro conseguem criar objetivos para alcançarem um projeto de vida, sendo que a maior parte planeia recuperar o percurso escolar através dos cursos de formação fornecidos pelo CE, enquanto que outros planeiam a inserção laboral. Numa análise prospetiva, o discurso dos jovens é um discurso de intenções mais do que um discurso de projetos (Neves, 2008).

Os jovens ao imaginarem o seu futuro fora do CE, possuem esperança, ansiedade e medo de não serem capazes de concretizarem os seus objetivos (Christianakis, 2016), manifestando assim algumas incertezas e/ou receios (Manso & Almeida, 2010), que são compreensíveis pois após o internamento, os jovens passam de um dia-a-dia estruturado e monitorado para as suas casas e têm de conjugar esta liberdade com a mudança das suas identidades pessoais e sociais alcançada no CE juntamente com um estilo de vida no qual cumprem a lei (Abrams, 2012).

## **Método**

Tipo de estudo exploratório de corte transversal, com metodologia qualitativa de foro fenomenológico.

### *Objetivo do estudo*

Visto que existem poucos dados na literatura de estudos qualitativos sobre a experiência subjetiva de jovens institucionalizados em CE tendo em conta os fatores de risco/ necessidades criminógenas do YLS/CMI, a presente investigação procura colmatar este problema.

Como tal, esta investigação tem como objetivo tentar compreender a experiência subjetiva de jovens institucionalizados em CE, através dos domínios do instrumento YLS/CMI.

### *Participantes*

A seleção dos participantes foi intencional. Segundo os critérios de inclusão deveriam ser a) adolescentes com as idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos e b) institucionalizados em CE.

A amostra deste estudo é composta por seis participantes portugueses, dos quais quatro são do género feminino e dois do género masculino, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos.

### *Instrumentos*

A entrevista presencial foi eleita como a técnica escolhida, visto ser o principal recurso para a obtenção de uma descrição completa e detalhada da experiência vivida pelos jovens entrevistados, tanto como as explicitações de significado sobre o fenómeno em estudo.

Tendo em conta a finalidade do estudo, para as entrevistas foi utilizado um guião de entrevista semiestruturado baseado nos domínios do instrumento YLS/CMI e ainda, foi aplicado um questionário de caracterização sociodemográfica.

As entrevistas efetuadas foram gravadas através de um gravador áudio e transcritas na sua íntegra para um documento Word em um computador.

O tratamento dos dados recolhidos na entrevista foi feito a partir do método fenomenológico IPA (Interpretative Phenomenological Analysis) de Smith e Osborn (2003).

### *Procedimentos*

O início do estudo foi pautado pelos pedidos de autorização para a realização do presente estudo à Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP). Após a autorização da DGRSP, foi comunicado e acordado com dois CE a

calendarização das entrevistas bem como quem seriam os jovens a ser entrevistados. Numa fase seguinte, foram recolhidos os instrumentos (YLS/CMI) já previamente aplicados aos jovens, na Direção de Serviços de Justiça Juvenil (DSJJ).

Após a aceitação da realização da entrevista por parte dos participantes, foi criado um ambiente empático e informal com os mesmos, em que se agradeceu a sua disponibilidade e foi apresentada a finalidade desta investigação assim como garantido o carácter voluntário, confidencial e anonimato dos dados, prosseguindo com a assinatura do respetivo consentimento informado.

As entrevistas foram realizadas entre Março e Abril do presente ano, com duração entre 18 e 26 minutos, e, posteriormente transcritas na íntegra para um documento digital e analisadas segundo o método fenomenológico (IPA).

#### *Método fenomenológico IPA*

A psicologia fenomenológica procura, através de um conjunto de passos metodológicos tanto da fenomenologia como da psicologia, desenvolver uma análise dos significados psicológicos de

experiências de indivíduos (Giorgi & Sousa, 2010).

O objetivo deste método é investigar um determinado fenómeno através da descrição detalhada da experiência vivida dos participantes, chegando ao sentido da experiência humana (Giorgi & Sousa, 2010).

O objetivo do estudo do IPA é a exploração detalhada da visão de um participante sobre o tópico sob investigação, o papel do pesquisador é reconhecido pela maneira como interpreta a compreensão de um participante (Langdridge, 2007).

Os estudos do IPA utilizam entrevistas semiestruturadas para recolher dados, permitindo que o participante articule tantos detalhes sobre a experiência quanto possível (Langdridge, 2007).

A análise temática é a principal abordagem analítica utilizada com o IPA, em que o analista preocupa-se em dar sentido ao mundo do participante para identificar os principais temas (Langdridge, 2007).

Este método possui quatro estágios: 1) Ler e reler a transcrição, adicionando comentários na margem esquerda sobre o significado de secções específicas da transcrição, o objetivo é afirmar o que está a acontecer no texto, ficando mais

próximo ao significado inerente ao texto; 2) Os temas emergentes são anotados na margem direita, as notas iniciais tornam-se em declarações mais significativas; 3) Os temas são listados separadamente, o analista tenta identificar vínculos comuns entre temas e reordená-los de uma maneira mais analítica ou teórica; 4) Produz-se uma tabela de temas com ordem coerente, são apropriadamente nomeados e cada tema é vinculado ao texto de origem por meio de referências a citações específicas (Langdridge, 2007).

## Resultados

### *Síntese de significados*

Tabela 1 – *Temas emergentes na experiência subjetiva dos jovens institucionalizados em CE.*

<i>Importância do CE</i>
<i>Mudança de perspectiva</i>
<i>Posicionamento em relação às regras</i>
<i>Transformação positiva na relação com a família</i>
<i>Modificação da percepção sobre a escola</i>
<i>Impacto na relação com os pares</i>
<i>Percepção negativa sobre a forma como passavam os tempos livres</i>
<i>Percepção utilitária do YLS/CMI</i>
<i>Planos para o futuro</i>

### *Sentimentos quando pensam na sua saída do CE*

Os seis participantes parecem reconhecer a **Importância do CE** (ver tabela 1), na medida em que este lhes proporciona novas aprendizagens (P1, P2, P3, P4, P5), ajuda a nível de crescimento e mudança pessoal (P1, P3, P4, P5), fornece oportunidades como conhecer sítios novos (P3) ou poder terminar a escola (P4, P5, P6), contribui também para um ganho de consciência do que é errado (P1, P2, P4), e ainda, pelo impacto positivo que acreditam ter para o futuro (P1, P2, P3, P4, P5, P6). Esta institucionalização no CE tem ainda grande importância pela **Mudança de perspectiva** (ver tabela 1) que propicia, seja na capacidade de se colocar no lugar do outro (P1), de se perceber a si mesmo (P1), de perceber que o CE é para o seu bem e mudança (P2), a ver as situações de outra forma (P3, P4), a perceber que certos comportamentos eram incorretos (P3, P4), a querer mudar a forma de viver (P4, P5), a pensar de outra forma (P5) e a pensar por si próprio (P6). Contudo, faz parte do CE o cumprimento de regras, e os participantes experienciam um **Posicionamento em relação às regras** (ver tabela 1), como excessivas (P1, P3, P4), difíceis (P4), mas também

como algo positivo porque é para o seu bem (P1, P4), fazem sentido (P3), simples que fora do CE não eram praticadas (P2), e que quando começaram a ser cumpridas facilitaram a adaptação ao CE (P5, P6). Segundo os participantes, a institucionalização no CE contribuiu para uma **Transformação positiva na relação com a família** (ver tabela 1) comparando com a relação existente antes da entrada no CE (P1, P2, P3, P4, P5, P6), através do apoio sentido por parte da família, seja por visitas ou por chamadas (P1, P5, P6), por uma maior valorização da família (P1, P2) e uma melhor comunicação com a família (P4, P6). Com a entrada no CE, deu-se uma **Modificação da percepção sobre a escola** (ver tabela 1) para os participantes, por um lado, com um ganho de consciência da importância da escola (P1, P2, P3, P4, P5, P6) e por outro, que possuem capacidades que anteriormente não conseguiam aproveitar por diversas razões (P3, P6), no entanto também serve como um ponto de refúgio por estar rodeado de pessoas (P5). Relativamente ao **Impacto na relação com os pares** (ver tabela 1), alguns participantes afirmam tê-lo sentido, na medida em que deixaram de se relacionar com as amigas que mantinham (P2, P3, P4,

P5, P6) por se deixarem de identificar com os mesmos (P3, P4, P5, P6) pelos seus comportamentos desviantes (P3, P4, P6) e porque deixaram de manter contacto criando insegurança em relação aos pares (P2), enquanto para os outros participantes, este impacto não se verificou, já que a relação com os pares não mudou e sentem-se apoiados por estes (P1, P4). Também influenciada pela entrada no CE, foi a **Percepção negativa sobre a forma como passavam os tempos livres** (ver tabela 1), isto é, passou a ser sentida como errada (P1), má (P2), não saudável (P3), distrativa (P4), sem cabimento (P6), devido à inexistência de hábitos regulares (P3, P4, P5, P6), causado pela abstinência escolar (P3, P4, P5, P6), sendo nos tempos livres que os atos desviantes (P2, P6) e o consumo de substâncias (P2, P5, P6) tiveram lugar.

Os participantes possuem uma **Percepção utilitária do YLS/CMI** (ver tabela 1) nomeadamente, porque serviu para estes compreenderem o que era necessário mudar em si (P1, P2, P3, P4), para estabelecer objetivos dentro do CE (P1, P2, P3, P4, P6), para planear a sua vida fora do CE (P4, P6) e também para os técnicos que aplicam o instrumento compreenderem melhor as necessidades dos participantes (P5).

Deste modo, todos os participantes possuem **Planos para o futuro** (ver tabela 1), concretamente planos para quando saírem do CE, estes planos incidem numa continuação do percurso académico (P1, P2, P3, P4), em arranjar um emprego (P4, P5, P6) para ajudar a família (P6), em tirar a carta de condução (P1, P6) e comprar um carro (P6), em fazer voluntariado (P2), em criar uma relação estável com a família (P3) ou construir uma família (P5) e em emigrar para um ambiente diferente (P5). No entanto, surgem diversos **Sentimentos quando pensam na sua saída do CE** (ver tabela 1), como o alívio (P1), euforia (P2), felicidade (P3), alegria (P6) e liberdade (P3, P6) porque é como recomeçar a vida (P5, P6), mas também ansiedade (P1, P2, P4), medo (P2, P4), insegurança (P3) e receio (P6) por sentirem que fora do CE não possuem uma rede de apoio tão sólida como dentro do CE (P3, P4).

Para os participantes, a experiência de estar institucionalizado em CE parece ter levado a uma consciencialização da **Importância do CE**, através de uma **Mudança de perspetiva** e dos **Posicionamento em relação às regras** como relevantes. Deste modo, a institucionalização possibilitou uma **Transformação**

**positiva na relação com a família** e uma **Modificação da perceção sobre a escola**. Propiciou ainda, um **Impacto na relação com os pares** para alguns participantes, e um ganho de uma **Perceção negativa sobre a forma como passavam os tempos livres**. A **Perceção utilitária do YLS/CMI** que os participantes possuem, foi em si útil para criar **Planos para o futuro**, que geram uma série de **Sentimentos quando pensam na sua saída do CE**.

### **Discussão**

O presente estudo serve para compreender as temáticas existenciais presentes na institucionalização em CE e de que forma são significativas para a experiência subjetiva dos indivíduos. Como já mencionado, conceberam-se dez temas emergentes que se revelaram comuns a todos os participantes.

#### *Diálogo com a literatura*

##### *Importância do CE*

No estudo de Manso e Almeida (2009), verificou-se que alguns dos jovens eram capazes de reconhecer que, para além das aprendizagens intrínsecas às atividades letivas e formativas [“podem dizer que nós aprendemos todos os dias e é verdade, nós aprendemos todos os dias coisas novas” (P1); “conhecer sítios novos e

aqui nós temos por exemplo, museus e essas coisas” (P3)], existia outro tipo de aprendizagens no qual se baseia a orientação e intervenção do CE [“Porque se não, não aprendia nem metade daquilo que aprendi cá dentro (...) também autocontrolo, porque era muito impulsivo, tudo o que me vinha à cabeça eu fazia, não pensava duas vezes, não pensava na vítima (...)” (P5); “Sinto que mudei e que coisas que eu fazia lá fora não eram certas, aprendi a fazer muita coisa aqui dentro, aprendi a ter respeito pelas pessoas (...)” (P4)], como o respeito pelo outro e a não reincidência no ato ilícito, que remetem para o ganho de valores e para um conjunto de direitos e deveres (Figueiredo, 2001, cit. por Manso & Almeida, 2009), como se verifica nos discursos dos participantes deste estudo. Os jovens reconhecem o CE como um local que fornece a educação necessária [“Porque eu se não tivesse vindo para aqui acho que nunca mais ia à escola, acho que não conseguiria usufruir de uma formação que eu adoro” (P4); “encaro muito mais como uma oportunidade, de fazer o 9º ano” (P6)] que não conseguiam no exterior por absentismo escolar (Manso & Almeida, 2009).

Segundo Abrams (2012), os jovens com motivação e abertura à

mudança, empenham-se em criar uma visão de futuro que incluía um futuro diferente para si mesmos do que tinham outrora [“é completamente importante para o nosso futuro nós percebermos que estarmos aqui é fundamental para não voltarmos, para termos uma noção que “não, não vou fazer isto não porque não posso mas sim porque está errado” ” (P2)].

#### *Mudança de perspetiva*

Segundo Azevedo (2013), os jovens percebem a importância do CE e o quanto benéfico é na concretização de expectativas futuras [“ao longo do meu tempo percebi que tudo o que tavam a fazer naquele momento era para o meu bem, para a minha mudança” (P2)], devido às mudanças atingidas, nomeadamente a nível de crescimento pessoal [“Torno-me numa pessoa completamente diferente, eu sinto-me uma pessoa completamente diferente” (P1)], social, comportamental e profissional, que se reflete através de maior maturidade e responsabilidade [“Já tou a pensar numa maneira diferente de viver, já não quero saber desta vida que é tipo um bocado foleira, se tá a perceber” (P5)], com maior autocontrolo e pensamento consequencial [“numa das situações que eu tinha lá fora eu via de uma forma e agora quando eu entrei

vejo as mesmas situações mas de outra forma (...), agora se houver algum problema ou assim com a minha mãe de ela me dizer que não a qualquer coisa que eu ache que deva dizer que sim, eu consigo para dentro e para fora reagir bem...” (P3); “Fez-nos aprender que, que às vezes era incorreto certos comportamentos que tínhamos lá fora, e faz-nos ver de outra maneira” (P4); “Não sei, já tenho outra maneira de pensar, já um bocado mais à frente em vez de tar sempre no mesmo sítio já tou a pensar “se fizer isto assim, depois vai ser pior, então tenho de fazer doutra maneira” ” (P5); e “penso por mim próprio agora, penso muito mais por mim próprio” (P6)], com maior consciência do que é o respeito pelo outro [“Consigo-me colocar no lugar do outro, coisa que eu não conseguia, eu só pensava em mim praticamente, e agora consigo” (P1)], maior assertividade na forma de ser e de estar, entre outros, como é possível verificar nos participantes deste estudo.

#### Posicionamento em relação às regras

Segundo Azevedo (2013), os jovens referem não concordar com as regras, considerando as regras o pior do CE, não reconhecendo a importância das regras tanto para o seu futuro como para o seu dia-a-dia, e embora alguns dos jovens da presente

investigação também considerarem as regras como algo negativo [“há muitas regras e eu tenho 17 anos não é... o que eu gostava era de estar lá fora a curtir a vida entre aspas, sim, como qualquer adolescente, mas tem muitas regras” (P1); “As regras, as regras são bastante difíceis” (P4)] conseguem também perceber o seu lado positivo [“Mas as regras também fazem bem né?” (P1); “É mau ter tantas regras mas pensando bem é bom, porque as regras têm algum sentido né?” (P3); “as regras são coisas tão pequeninas tão pequeninas tipo não fazem sentido mas que são coisas tão simples que nós não praticávamos lá fora e eu então acho que nós aprendemos também...” (P2); “quando comecei a entrar no... entrar no pronto nas regras e isso, a entrar nas regras e isso fui me adaptando e acho isto tranquilo, sim” (P6)].

#### Transformação positiva na relação com a família

Estes jovens percebem o ambiente familiar como um lugar caótico e desestruturado, marcado por brigas e falta de coesão familiar (Barnert, *et al.*, 2015), pautados por relações de natureza conflitual e pela constante necessidade da sua adaptação ao grupo familiar, caracterizado pela privação afetiva e por sucessivas rupturas nos laços sociais (Carvalho,

2005), no entanto, com a entrada destes jovens no CE, verifica-se uma melhoria na relação entre os jovens com as suas famílias, como realçado por Nunes (2014), segundo o qual os jovens percecionam uma melhoria significativa [“Sim sim, há uma diferença enorme porque sei lá, às vezes é preciso estas coisas acontecerem não é?” (P2)], bem como apoio familiar através de telefonemas e visitas [“Sinto (...), a minha mãe vem a todas as visitas, liga-me todos os dias, sempre, pronto ela disse que o possível que pode fazer é vir a todas as visitas (...)” (P6)], maior proximidade e maior valorização [“Eu aprendi a dar muito mais valor à minha mãe (...) a minha família para mim é tudo, tudo.” (P1); “Hum, eu e a minha mãe tínhamos uma relação que era basicamente discutir todos os dias, discutíamos, discutíamos, discutíamos, porque eu era teimosa, porque ela dizia-me isto e aquilo e eu não queria saber, e agora eu já ouço mais, ela já me ouve mais e já temos uma relação melhor.” (P4)].

#### Modificação da perceção sobre a escola

Segundo Carvalho (2005) o percurso escolar de jovens delinquentes é marcado pelo insucesso, elevado absentismo e abandono precoce, trata-se sobretudo de

experiências escolares negativas, no entanto Azevedo (2013) refere que com a institucionalização no CE, os jovens ganham uma nova perceção, isto é, a escola torna-se um dos fatores mais importantes que o CE lhes fornece, por perceberem a sua importância para uma futura integração no contexto profissional [“E eu acho que é importante termos estudos na vida para sermos alguém.” (P4)] e por percecionarem a escola como um espaço de socialização [“Eu sempre gostei da escola numa maneira geral, é um ponto de refúgio tá a perceber? É tipo, tou rodeado de pessoas (...)” (P5)], e por ser orientada segundo os interesses e necessidades dos jovens aumentando a autoconfiança das suas competências [“Sinto que afinal tenho capacidades, que sou inteligente e que se me esforçar que também gostava de andar na faculdade mas não sei, porque eu como chumbei perdi muitas bases. Mas aqui a escola é diferente, é muito mais fácil, não nos dá aquela matéria do 9º ano.” (P3)].

#### Impacto na relação com os pares

Segundo Nardi e Dell’Aglio (2010), a partir de insucessos escolares e de relacionamentos pobres com familiares e pares, o jovem começa a procurar um grupo com o qual se identifique, envolvendo-se em grupos

antissociais caracterizados pelo consumo de substâncias e comportamentos delinquentes [“Os outros não eram bem amigos, eram conhecidos, andavam na má vida (...) muitas das vezes eu também fazia (...) porcaria com eles (...)” (P4)], levando à aparente correlação entre a associação de pares e o desenvolvimento deste tipo de comportamentos (Donges, 2015). Não obstante, Amemiya, Kieta e Monahan (2017), verificam que muitos adolescentes infratores entendem a importância de estabelecer relacionamentos com pares mais pró-sociais e terminar os relacionamentos antissociais [“Bem neste momento sinto que agora comparado com o passado eu não tinha amigos, que simplesmente não tinha, todos os que eu sentia que tinha ou que pensava que tinha neste momento tipo desapareceram” (P2); “o tempo passa e as pessoas mudam e o que ele pensa posso eu não pensar e da maneira que ele age posso eu não agir tá a perceber?” (P5) e “(...) pessoas que se calhar deixei de tar presente na minha família para ajudar algumas pessoas ou para estar com algumas pessoas neste momento simplesmente não tão e fico tipo com o pé atrás em relação às pessoas, agora hoje em dia fico com o pé atrás sempre mas sempre tipo, é

uma insegurança enorme.” (P2)]. Ainda assim, o grupo de pares, para os jovens, é também sentido como sinónimo de partilha, onde existe compreensão, companheirismo e troca de experiências [“Mandam mensagem à minha mãe, mandam mensagem a mim, perguntam por mim. São meus amigos. Estão-me a apoiar em tudo.” (P1)] (Conde & Teixeira, 2017).

*Perceção negativa sobre a forma como passavam os tempos livres*

Azevedo (2013), verifica que de uma forma genérica, os jovens percecionam o seu comportamento, antes da entrada no CE, de forma negativa, demonstrando capacidade de refletir sobre as atitudes e os atos cometidos [“O que eu sinto? Que estava errado, sinto que está errado.” (P1); “basicamente era coisas más” (P2); “Sinto que era bom como eu passava mas que não era saudável” (P3); “Hum eram bons mas ao mesmo tempo eram depois distraía-me da escola” (P4); “(...) agora encaro-me e acho muito que coisas que fiz foram muito estúpidas muito sem cabimento, que não valiam mesmo a pena (...)” (P6)], sendo que o CE contribuiu na criação de hábitos e rotinas outrora inexistentes [“não tinha assim uma rotina, às vezes deixava de ir às aulas só para tar com os meus amigos, não

tinha assim um horário, não tinha hábitos, um dia ficava em casa a comer cereais e a olhar para a televisão outro dia já ia sair com os amigos” (P3)]. Ainda, no estudo de Matos e Carvalhosa (2001, cit. por Carvalho, 2005), verifica-se uma relação entre o abandono escolar e a iniciação em consumo de substâncias, e no estudo de Azevedo (2013), uma relação entre o consumo de substâncias e os comportamentos desviantes, que se verifica em alguns dos participantes desta investigação [“Basicamente nenhuma escola me aceitava, porque era faltas disciplinares, era pancada, arma de fogo na escola e essas cenas assim, (...) por isso basicamente tava sempre em tempos livres.” (P5); “(...) só coisas más por isso é que depois também parti para o roubo e para o furto porque justamente quando nós temos demasiado tempo livre acho que a cabeça fica desocupada e então pensamos, e além de pensarmos em coisas más consumimos drogas e essas coisas todas e ainda é pior.” (P2) e “Tava sempre na rua, tava sempre com amigos e consumia também” (P6)].

#### Perceção utilitária do YLS/CMI

Segundo Simões e colegas (2017) o YLS/CMI é aplicado por técnicos credenciados [“(...) acho que é útil para quem faz esse questionário

(...) para perceber um pouco da gente, perceber um pouco do que é que a gente quer, do que é que nós não queremos, do que é que nós somos e essas cenas.” (P5)] com o objetivo de realizar uma avaliação dos fatores de risco/necessidades criminógenas dos jovens ofensores, definir o planeamento das intervenções com os jovens e assim, possibilita a adequação entre a avaliação e o desenvolvimento do plano de gestão de caso [“Enquanto eu estou cá, os meus objetivos e passar de fase, ajudar a controlar a minha impulsividade. Por isso, ajudou-me.” (P1)].

Uma contribuição útil deste estudo, não referida na literatura, é a constatação de que a utilidade do YLS/CMI para os técnicos e jovens não se cinge à criação de objetivos para o planeamento de intervenções, enquanto os jovens se encontram institucionalizados em CE, mas também para a compreensão por parte dos jovens sobre o que seria necessário mudar em si mesmos [“(...) acho que é bom porque acho que também nos ajuda a perceber onde é que, quais os nossos pontos fracos (...)” (P2)] e na construção de objetivos pessoais para quando saírem do CE [“Serve para planearmos a nossa vida.” (P4)].

#### Planos para o futuro

Segundo Azevedo (2013), os jovens ao perspetivarem o futuro conseguem elaborar um projeto de vida e criar objetivos para o alcançarem, sendo que, a maior parte dos jovens planeia recuperar o percurso escolar [“Quando eu sair daqui vou estagiar numa cozinha de um hotel (...) depois vou para a escola vou tirar o 12º ano, curso de pastelaria e, e depois acabo a escola e vou arranjar um emprego na área que eu gosto que é cozinha/pastelaria.” (P4)] através dos cursos de formação fornecidos pelo CE, enquanto que outros planeiam a inserção laboral [“e depois ir trabalhar e ajudar a minha mãe” (P6)], como é possível observar nos discursos dos jovens deste estudo. Segundo Neves (2008), o discurso dos jovens é mais um discurso de intenções do que de projetos futuros [“Sim, a carta de condução.” (P1); “também juntar dinheiro para comprar um carro” (P6); “fazer voluntariado tipo nem que seja só na minha zona de, na minha área de residência só tipo ou até fora” (P2); “E pronto, ter uma relação estável com a minha mãe.” (P3) ou “quero arranjar uma mulher e construir uma família” (P5); e “quero emigrar, não quero ficar aqui, hum, Portugal já não dá com nada, quero voltar para Inglaterra, seguir caminhos totalmente diferentes,

quero conhecer pessoas novas, fazer amigos diferentes, noutra tipo de ambiente.” (P5)].

#### Sentimentos quando pensam na sua saída do CE

Christianakis (2016) verifica que os jovens ao imaginarem o seu futuro fora do CE, possuem esperança como se verifica nos participantes deste estudo [experenciam o alívio (P1), a euforia (P2), felicidade (P3), alegria (P6) e liberdade (P3, P6), porque é como recomeçar a vida (P5, P6) “Penso num começo novo, poder recomeçar mais ou menos.” (P5)] e ansiedade e medo de não serem capazes de concretizarem os seus objetivos [ansiedade (P1, P2, P4), medo (P2, P4), insegurança (P3)], manifestando assim algumas incertezas e/ou receios (Manso & Almeida, 2010) [receio (P6)], compreensíveis uma vez que terminada a medida, os jovens passam de um dia-a-dia estruturado e monitorado para as suas casas e têm de conjugar esta liberdade com a mudança das suas identidades pessoais e sociais alcançada no CE juntamente com um estilo de vida no qual cumprem a lei (Abrams, 2012) [“Ansiedade, medo (...) porque a nossa vida vai começar outra vez, do zero entre aspas, vai começar de novo mas lá fora, ou seja, lá fora não tenho tantas pessoas ao pé

de mim, tanto apoio (...) só tenho a família. Ou seja, é um bocado mais difícil, e se nós não seguirmos um bom caminho, ou seja perdemos e eu às vezes penso nisso, tenho um bocado de medo (...)” (P4) e “Sinto-me um bocado insegura porque eu não sei como é que eu vou reagir lá fora, aqui mesmo quando tenho um problema aqui dentro tenho sempre alguém a dar-me apoio, a chamar-me à razão (...)” (P3)].

#### *Limitações do estudo*

Embora a pertinência deste estudo, verificam-se algumas limitações. Primeiro, apesar de haver estudos qualitativos sobre a experiência de jovens institucionalizados em CE, não existem estudos que abordem este tema tendo em conta o instrumento YLS/CMI, impossibilitando uma discussão comparativa. E segundo, o método escolhido implica uma análise subjetiva por parte do investigador da experiência individual dos participantes, e embora tenha sido realizada uma discussão sobre este fenómeno, esta análise não pode ser generalizada a todos os jovens que vivenciaram a experiência de estar institucionalizado em CE.

#### *Propostas futuras*

Para o objetivo da presente investigação, que se prende com a exploração da experiência subjetiva e individual de jovens institucionalizados em CE tendo em conta o instrumento YLS/CMI, a escolha de um método qualitativo de natureza fenomenológica parece a mais indicada para esta investigação, uma vez que parte da descrição de experiências pessoais para alcançar a unidade de significado psicológico, descrito no discurso dos participantes. Existe a possibilidade de prolongar o estudo em termos de análises mais profundas sobre as variâncias empíricas das experiências e os seus respetivos significados. Considero ainda útil uma investigação longitudinal de forma a perceber se há variações na estrutura da experiência.

#### **Referências**

- Abrams, L. S. (2012). Envisioning life “on the outs”: Exit narratives of incarcerated male youth. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 56(6), 877–896. doi: 10.1177/0306624X11415042.
- Amemiya, J., Kieta, J., & Monahan, K. C. (2017). Adolescent

- Offenders' Qualitative Reflections on Desistance From Crime. *Journal of Research on Adolescence*, 27(4), 765–781. doi:10.1111/jora.12313.
- Azevedo, C.T. (2013). *Institucionalização e Lei Tutelar Educativa: As representações de jovens, profissionais e direção de um Centro Educativo*. Tese de Mestrado em Estudos da Criança: Intervenção Psicossocial com Crianças, Jovens e Famílias, Universidade do Minho. Minho: Portugal.
- Barnert, E. S., Perry, R., Azzi, V. F., Shetgiri, R., Ryan, G., Dudovitz, R., ... Chung, P. J. (2015). Incarcerated Youths' Perspectives on Protective Factors and Risk Factors for Juvenile Offending: A Qualitative Analysis. *American Journal of Public Health*, 105(7), 1365–1371. doi:10.2105/AJPH.2014.302228.
- Carvalho, M. (2005). Jovens, espaços, trajetórias e delinquências. *Sociologia, problemas e práticas*, nº49, 2005, pp.71-93.
- Conde, R. & Teixeira, S. (2017). Histórias de vida de jovens delinquentes: O contributo da investigação qualitativa para a compreensão da Delinquência juvenil, *Investigação qualitativa em Ciências Sociais*, volume 3.
- Christianakis, M., & Mora, R. (2016). (Re)writing Identities: Past, Present, and Future Narratives of Young People in Juvenile Detention Facilities. *European Journal of Life Writing*, 15(1), 43–58. doi:10.1080/14484528.2016.1138568.
- Donges, W. E. (2015). A Qualitative Case Study: The Lived Educational Experiences of Former Juvenile Delinquents. *The Qualitative Report*, 20(7), 1009-1028.
- Fagan, A. A., & Western, J. (2005). Escalation and Deceleration of Offending Behaviours From Adolescence to Early Adulthood. *Australian & New Zealand Journal of Criminology (Australian Academic Press)*, 38(1), 59–76.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método Fenomenológico de*

- Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Langdridge, D. (2007). *Phenomenological psychology: Theory, research and method*. Harlow, UK: Pearson Education.
- Manso, A., & Almeida, A. (2009). Um discurso a duas vozes: Potencialidades de um estudo interpretativo sobre lei e institucionalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 455-465.
- Manso, A., & Almeida, A. T. (2010). «... E depois o que é que querem que faça?» Educar para o Direito: Pontes de ligação do centro educativo à comunidade. *Educação, Sociedade & Culturas*, 30, 23-40.
- Nardi, F. L., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Delinquência juvenil: Uma revisão teórica. *Acta Colombiana de Psicología*, 13(2), 69-77.
- Neves, T. (2008). *Entre Educativo e Penitenciário: Etnografia de um centro de internamento de menores delinquentes*. Porto: Edições Afrontamento.
- Nunes, A. I. C. (2014). *Delinquência juvenil, família e internamento: As percepções de jovens a cumprir medida tutelar em centro educativo*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto: Portugal.
- Pimentel, A., Quintas, J., Fonseca, E., & Serra, A. (2015). Estudo normativo da versão Portuguesa do YLS/CMI - Inventário de avaliação do risco de reincidência e de gestão de caso para jovens. *Análise Psicológica*, 33(1), 55-71. doi: 10.14417/ap.883.
- Schubert, C. A., Mulvey, E. P., Loughran, T. A., & Losoya, S. H. (2012). Perceptions of institutional experience and community outcomes for serious adolescent offenders. *Criminal Justice and Behavior*, 39(1), 71-93.
- Simões, M. R., Almeida, L. S., & Gonçalves, M. M. (2017). *Psicologia Forense: Instrumentos de Avaliação* (1a ed.). Lisboa: PACTOR.
- Smith, J. A., & Osborn, M. (2003). Interpretative phenomenological analysis. In

J. A. Smith (ed.) *Qualitative Psychology*. London: Sage.

# Apêndices

## **Apêndice A – Revisão de literatura**

### **1.1 – Adolescência**

Nos últimos 20 anos tem-se vindo cada vez mais a dar atenção ao comportamento antissocial dos jovens, e por isso mesmo também têm surgido avanços significativos na compreensão deste mesmo comportamento (Aguilar, Sroufe, Egeland & Carlson, 2000). A adolescência, significativamente entre os 12 e os 18 anos, marca o início e o desenvolvimento da formação da personalidade dos jovens. Este processo inicia-se com uma mudança intrapsíquica, momento em que o jovem passa por uma reorganização interna (Luzes, 2010).

Criminologistas do desenvolvimento postulam que experiências significativas de vida que ocorrem durante a adolescência, incluem mudanças substanciais no desenvolvimento físico, na escolaridade, nos papéis e status, nos relacionamentos de pares e com os pais, que deixam os adolescentes em risco considerável de ofender e, se estas transições não forem feitas com sucesso, pode aumentar a probabilidade de envolvimento no crime (Fagan & Western, 2005).

Acredita-se que a relação que existe entre a adolescência e estas transições é obrigatória ou até mesmo necessária para o próprio desenvolvimento, crescimento e novas formas de socialização do jovem. Sendo que, neste sentido, se relaciona às estratégias que se adotam para solucionar um conflito (Aguilar, *et al.*, 2000).

Nesta fase, pode-se considerar que o jovem ao cometer atos delituosos pode ser como uma forma de procura de limites e referências, e não necessariamente uma condição patológica. Embora, muitas vezes o jovem ao infringir as normas acaba por ser intitulado como delinquente pela sociedade (Luzes, 2010). Aguilar e colegas (2000), referem que o comportamento antissocial relacionado à adolescência pode ser considerado como sendo estatisticamente normativo e visto como uma forma de o próprio jovem tentar expressar a sua autonomia.

### **1.2 – Delinquência juvenil**

Segundo Benavente (2002), há um número de transgressões cometidas por jovens elevado, que é identificado como delinquência juvenil, constituindo um grave problema social com tendência para aumentar.

Para Negreiros (2011), quer os atos ilegais quer outros atos que envolvam uma transgressão de normas ou leis, que não sejam ilegais em virtude da idade do indivíduo, constituem comportamentos caracterizados como antissociais, é o caso dos

furtos, da agressão, ou do vandalismo. E muitos desses comportamentos envolvem igualmente uma ação contra o ambiente, incluindo pessoas e bens (Kazdin, 1996 cit. por Negreiros, 2001).

Ainda, para Duarte (2011), a delinquência juvenil, na sua definição legal, pode ser definida como a prática de atos proibidos pela lei de uma determinada sociedade, por parte de crianças e jovens. Inclui-se nesta definição o conjunto de respostas e de intervenções institucionais e legais em relação aos menores que cometem infracções criminais ou com comportamentos potencialmente delinquentes.

A delinquência juvenil, que está associada a complexas consequências sociais, estende-se pelos diversos domínios das ciências sociais e humanas como a psicologia, a sociologia e o direito (Benavente, 2002). Verificando-se que a delinquência é em si, um fenómeno complexo, que resulta da interação de fatores estruturais, sociopsicológicos e individuais (Zappe & Dias, 2012).

Moffit (1993), propõe uma taxonomia da delinquência, de modo a auxiliar a compreensão do comportamento antissocial, de dois tipos qualitativamente distintos, uma que está limitada à adolescência – *adolescence-limited delinquency* – e outra que é persistente ao longo da vida – *life-course persistent offenders*. A primeira diz que embora haja um comportamento antissocial este é temporário e situacional, em que os fatores causais podem ser proximais, específicos do próprio período de desenvolvimento adolescente (Moffit, 1993), iniciando por volta dos 12 anos os atos delinquentes que variam consoante o tipo de situações ou as oportunidades mas com o propósito de ganho material, ganho de prestígio ou de adesão a um grupo (Born, 2005). Ao passo que a segunda é um comportamento antissocial estável e persistente, iniciando-se na infância e havendo continuidade ao longo da vida (Moffit, 1993), é neste período da infância que surgem evidências de algumas perturbações comportamentais e aquando da acumulação de vários problemas como os insucessos escolares, os conflitos de aprendizagem ou a deficitária vinculação nas relações com os pais e posteriormente com os pares juntamente com os fatores ambientais, tanto na vida adolescente como mais tarde na vida adulta, que leva ao aumento dos comportamentos disruptivos e assim, ao início de uma carreira delinvente (Born, 2005).

### 1.2.1 - Perspetivas da delinquência

Segundo Born (2005), não existe apenas uma forma de explicar o que é a delinquência e, propõe, assim, quatro perspetivas de forma a que se possa definir o que é a delinquência de diversas formas, uma psicossocial, uma criminológica, outra desenvolvimental e ainda uma clínica.

A perspetiva psicossocial postula a existência de vários tipos de comportamentos considerados delinquentes, é o caso dos comportamentos associativos em que se provoca um dano embora sem vontade de prejudicar, como empurrar alguém por distração, e dos comportamentos antissociais como roubar ou agredir mas com intenção negativa. Segundo esta perspetiva, estes são atos sociais que surgem na interação dos seres humanos, mesmo que não numa relação imediata, e por isso mesmo é que defende que é através da sociedade que o ato delincente é definido, através das leis, normas e regras (Born, 2005).

A perspetiva criminológica assume o ponto de vista legal, isto é, vem dizer que é considerado crime os atos que violarem as normas previstas na lei (Cusson, 2007). Sendo que em Portugal, é a Lei Tutelar Educativa (LTE) que se encarrega da adoção de um conjunto de medidas aplicadas aos menores, que tenham praticado facto qualificado como crimes, entre os 12 e os 16 anos até à data da prática dos factos, com a finalidade (artº 2º da Lei Tutelar Educativa, Lei n.º 166/99, de 14 de setembro, atualizada na Lei n.º 4/2015, de 15 de janeiro) orientada à educação do menor para o direito e a sua inserção, de forma digna e responsável, na vida em comunidade. Mas esta perspetiva diz também que a opinião pública tem uma grande importância, embora hajam situações em que a opinião pública e a lei tenham discordâncias quanto à classificação da gravidade dos atos, tal como no que é ou não considerado um ato delincente (Born, 2005).

A perspetiva desenvolvimental, por sua vez, defende que para compreender o ato delincente deve-se focar nos processos de socialização e de associalização na vida dos adolescentes, mais propriamente na adolescência. O jovem, ao começar uma fase em que os pares se tornam pessoas de referência, e há processos de aprendizagem, em relação às regras de socialização ou no que toca a gerir certo tipo de situações, quando surgem falhas nestes processos de socialização, o indivíduo pode ganhar uma dificuldade em ter consideração pelos outros ou as necessidades dos outros, podendo levar a processos de exclusão do jovem, que por sua vez leva à

associalização. E assim, permite que o jovem se mantenha neste registo de desviância (Born, 2005).

Por último, a perspectiva clínica utiliza estudos de caso focados no funcionamento interno do indivíduo, integrando fatores familiares e individuais, para daí chegar a hipóteses gerais sobre as características possíveis da personalidade dos delinquentes (Born, 2005).

É ainda importante contextualizar a delinquência juvenil numa perspectiva fenomenológica. E, segundo Brunelle, Cosineau e Brochu (2002, cit. por Garrido, 2012), esta perspectiva procura compreender o comportamento dito delinquente como um processo, focando-se na experiência e na evolução cronológica. É de notar que muitos dos estudos realizados se basearam sobretudo no estudo da trajetória de vida dos jovens que os levou a cometerem atos delinquentes e não na experiência dos jovens, na interação destes com o seu contexto. Por isso, os autores Brunelle, Cosineau e Brochu (2002b, cit. por Garrido, 2012), preocuparam-se em, a partir de uma amostra de jovens institucionalizados, chegar à essência das suas vivências, aos significados e emoções destes jovens a determinadas circunstâncias da vida deles, concluindo que antes de entrarem em contacto com a delinquência, possuíam sentimentos negativos associados a situações negativas, como a rejeição, a culpa e o desprezo. Estes autores chegam à conclusão de que, o envolvimento inicial na delinquência se interliga ao prazer, no sentido de procura de sensações, e ao desenvolvimento de uma autoestima positiva, no sentido de querer provar que não têm medo. A intensificação deste estilo de vida, por sua vez, estará correlacionada à interpretação que os jovens realizam de certos eventos e aos significados que lhes atribuem, recorrendo ao consumo de drogas como forma de esquecer os seus problemas, ou ainda, ao comportamento desviante como forma de reagir, confrontar ou lutar perante experiências de vitimação, humilhação, dificuldades ou culpa. A desistência da delinquência, suceder-se-á aquando de um acontecimento de algo percecionado pelo jovem como importante na sua vida (Garrido, 2012).

### **1.2.2 – Fatores de risco e de proteção do YLS/CMI na delinquência juvenil**

O conceito de risco foi articulado em torno dos fatores que aumentam (fatores de risco) ou diminuem (fatores de proteção) a probabilidade de aparecimento de certas doenças ou comportamentos e dos processos que lhes estão subjacentes (Haggerty, Sherrod, Garmesy & Rutter, 1996 cit. por DGRSP, 2013). A identificação dos fatores

permite poder-se efetuar previsões em relação aos indivíduos em risco de sofrer determinado tipo de problemas (DGRSP, 2013). Os fatores de proteção são fatores que diminuem o potencial efeito prejudicial dos fatores de risco, por exemplo, o envolvimento pró-social e o suporte social saudável (Vincent, Guy & Grisso, 2012). Fatores de risco são variáveis associadas ao aumento da probabilidade de delinquência ou violência. Podem estar relacionados a aspetos do comportamento, pensamentos, disposição ou circunstâncias da vida de uma pessoa (Vincent, *et al.*, 2012). Existem dois tipos de fatores de risco: estático e dinâmico. Os estáticos são as características históricas dos jovens que não podem ser mudadas através do tratamento como, por exemplo, a história de comportamento violento ou a criminalidade parental. No caso dos dinâmicos são características que podem mudar com o tempo, devido ao tratamento ou ao processo normal de desenvolvimento. Alguns exemplos são as práticas parentais inadequadas, a associação a pares delinquentes e o abuso de substâncias (Vincent, *et al.*, 2012).

A partir de uma meta-análise realizada por Gendreau, Goggin e Little (1996a, 1996b, cit. por DGRSP, 2013), para perceber quais são os fatores preditores da reincidência criminal, chegou-se a quatro principais fatores de risco que são conhecidos por *big four*, estes são a história criminal, a personalidade antissocial, as cognições e atitudes antissociais e a associação a pares antissociais. No entanto, são considerados oito os fatores que predizem melhor a reincidência criminal, que incluem os *big four*, mais outros quatro que possuem menor poder preditivo, estes são a família, a escola/emprego, os tempos livres e o abuso de substâncias. Estes oito fatores denominam-se por *central eight*, e são assim, os oito centrais domínios de risco/necessidades criminógenas (DGRSP, 2013).

Um fator de necessidade criminógeno é um fator de risco dinâmico que está relacionado ao risco de reincidir para um determinado jovem (Vincent, *et al.*, 2012).

Os instrumentos de avaliação do risco/necessidades criminógenas têm como finalidade estabelecer a probabilidade da prática de crimes e identificar as condições pessoais e circunstâncias que podem ser mudadas para reduzir a ocorrências desses atos. É o caso do Inventário de Avaliação do Risco de Reincidência e de Gestão de Caso para Jovens (YLS/CMI), que é um instrumento estruturado e que foi criado para avaliar os níveis de risco de reincidência de delinquentes juvenis e as suas necessidades criminógenas. A formulação dos itens que compõem a primeira parte

deste instrumento resulta da introdução dos fatores de risco de reincidência, os *central eight* (Pimentel, Quintas, Fonseca, & Serra, 2015).

### 1.2.2.1 – YLS/CMI

O YLS/CMI foi desenvolvido por D. A. Andrews e James Bonta, posteriormente aperfeiçoado e adaptado por Robert D. Hoge e D. A. Andrews em 2003, e adaptado à população portuguesa por Alberto Pimentel, Ernesto Fonseca, Jorge Quintas, Alexandra Serra e Esmeralda Coelho, em 2009, tendo sido aprovada e autorizada pela *Multi-Health Systems* (Simões, Almeida & Gonçalves, 2017). Permite apurar a probabilidade de ocorrência do comportamento criminal de jovens, avalia o risco de reincidência criminal, identifica as necessidades criminógenas e guia a gestão de casos de jovens delinquentes (Simões, *et al.*, 2017; Pimentel, Quintas, Fonseca & Serra, 2015). Auxilia os profissionais na avaliação de jovens ofensores, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, quer do sexo masculino como do feminino, em sede de justiça juvenil (Simões, *et al.*, 2017). Faz uma avaliação dos fatores de risco/necessidades criminógenas e fatores de responsividade e permite definir o planeamento das intervenções junto dos jovens ofensores, possibilitando a adequação entre a avaliação e o desenvolvimento do plano de gestão de caso. É utilizado para informar decisões judiciais por técnicos devidamente credenciados (Simões, *et al.*, 2017).

Este instrumento é constituído por sete secções. A primeira secção diz respeito à avaliação dos riscos e das necessidades, é composto por 42 itens distribuído por oito domínios:

1. Delitos e medidas anteriores e atuais
2. Contexto familiar / Práticas parentais
3. Educação/Emprego
4. Relação com os pares
5. Abuso de substâncias
6. Tempos livres
7. Personalidade/Comportamento
8. Atitudes/Orientação

Em cada item cota-se como ausente (0) ou presente (1), o total de cotações presente em cada domínio leva ao resultado final, é ainda possível cotar em sete destes domínios a existência de fator de proteção, o que será relevante na avaliação

final do risco e das necessidades e na planificação da intervenção (Simões, *et al.*, 2017). As restantes seis secções dizem respeito a: resumo dos riscos e das necessidades (havendo quatro níveis de reincidência criminal – baixo, moderado, alto e muito alto); avaliação de outras necessidades e considerações especiais (contexto familiar e práticas parentais e o que diz respeito ao próprio jovem); avaliação do nível geral de risco/necessidades do jovem (resulta de uma estimativa do nível de risco tendo em conta as informações disponíveis); nível de contacto (nível de supervisão a recomendar, se administrativo, ou se supervisão mínima, média ou máxima); plano de gestão de caso (feita juntamente com o jovem); (re)avaliação da gestão do caso (Simões, *et al.*, 2017).

### **1.2.3 – Intervenção na delinquência juvenil**

O uso de ferramentas validadas de avaliação de risco para gerir o risco de reincidência juvenil e o foco das intervenções de tratamento em necessidades criminogênicas individuais, pode reduzir de forma mais eficiente e eficaz o risco de reincidência (Andrews & Bonta, 2010 cit. por Hilterman, Nicholls & van Nieuwenhuizen, 2014), sendo especialmente importante na prevenção da delinquência juvenil, pode contribuir para uma redução significativa dos custos emocionais, sociais e económicos das agressões juvenis (Cohen, Piquero & Jennings, 2010 cit. por Hilterman, *et al.*, 2014).

O objetivo da avaliação de risco mudou nos últimos anos de um modelo orientado para a previsão focado na identificação dos riscos, para um modelo orientado à necessidade, que foca o uso de necessidades criminogênicas para aplicar estratégias de redução de risco (Heilbrun, 2009, cit. por Hilterman, *et al.*, 2014).

O modelo Risco-Necessidades-Responsividade (RNR) é talvez o modelo mais influente na avaliação e intervenção em delinquentes (Ward, Mesler & Yates, 2007, cit. por DGRSP, 2013). Este modelo RNR inclui três princípios que devem guiar a intervenção com os infratores: de risco; de necessidade; e de responsividade. O princípio de risco sugere que os infratores com maior risco de reincidência irão beneficiar mais com níveis mais altos de intervenção e que infratores de menor risco devem receber intervenção mínima, de rotina ou nenhuma intervenção. O princípio da necessidade propõe que apenas aqueles fatores associados a reduções na reincidência (isto é, necessidades criminógenas, referidos como os *central eight*) devam ser direcionados à intervenção. O princípio da responsividade afirma que os programas

correcionais devem ser compatíveis com as características do ofensor, tais como o estilo de aprendizagem, o nível de motivação e as circunstâncias pessoais e interpessoais do indivíduo. Os dois primeiros princípios (risco e necessidade) são usados para seleccionar a intensidade e os objetivos do tratamento, e todo o conjunto é usado para orientar a maneira como a prática é realmente implementada (Ward, Mesler & Yates, 2007). Um quarto princípio, o da discricção profissional, afirma que o julgamento clínico deve prevalecer sobre os princípios acima, se as circunstâncias o justificarem. Este princípio permite flexibilidade de tratamento e inovação sob certas circunstâncias (Ward, *et al.*, 2007).

### **1.3 – O sistema de Justiça de Menores em Portugal: A Lei Tutelar Educativa**

A Lei Tutelar Educativa (LTE), preconiza a adoção de um conjunto de medidas, que podem ser aplicadas a menores que tenham praticado factos qualificados como crimes com, à data da prática dos factos, entre 12 e os 16 anos. As finalidades (art.º 2º da LTE) das medidas tutelares educativas são a educação do menor para o direito e a sua inserção, de forma digna e responsável, na vida em comunidade (Lei nº 166/99, de 14 de setembro, atualizada na Lei nº 4/2015, de 15 de janeiro). Não obstante, o cumprimento das medidas tutelares educativas podem prolongar-se até o jovem completar os 21 anos, idade em que cessa obrigatoriamente (art.º 5º da LTE).

A intervenção tutelar educativa deve ser proporcional não só à gravidade do facto, mas também à necessidade de educação do menor para o direito (manifestada na prática do facto e subsistente no momento de decisão), o que pressupõe o conhecimento, pela autoridade com competência de decisão, das circunstâncias individuais e sociais do menor – conhecimento da personalidade do menor, incluída a sua conduta e inserção socioeconómica, educativa e familiar (art.ºs 7º n.º1 e 65º, 75º n.ºs 2 e 3 e 71º da LTE; DGRSP, 2013).

Constituem medidas tutelares educativas: “a admoestação; a privação do direito de conduzir ciclomotores ou de obter permissão para conduzir ciclomotores; a reparação ao ofendido; a realização de prestações económicas ou tarefas a favor da comunidade; a imposição de regras de conduta; a imposição de obrigações; a frequência de programas formativos; o acompanhamento educativo; o internamento em centro educativo” (art.º 4º nº1 da LTE).

A medida de internamento em Centro Educativo (CE) é uma medida institucional enquanto que todas as outras medidas referidas são medidas não institucionais (art.º 4º nº1 da LTE).

Ainda o artigo 4º da LTE, refere os diferentes regimes de execução da medida de internamento em CE, podem ser executados em regime aberto, semiaberto ou fechado. O regime aberto e o regime semiaberto têm a duração mínima de seis meses e máxima de dois anos (art.º 18º nº1 da LTE), o último é aplicável quando o menor tiver cometido facto qualificado como crime contra as pessoas a que corresponda pena máxima de prisão superior a três anos ou tiver cometido dois ou mais factos qualificados como crimes a que corresponda pena máxima superior a três anos (art.º 17º nº3 da LTE). O regime fechado é aplicável quando o menor tiver cometido facto qualificado como crime a que corresponda pena máxima de prisão superior a cinco anos ou cometido dois ou mais factos contra as pessoas qualificados como crime a que corresponda pena máxima de prisão superior a três anos, e é ainda aplicável a menores que tenham idade igual ou superior a 14 anos à data da aplicação da medida (art.º 17º nº4 da LTE). A medida de internamento tem a duração mínima de seis meses e máxima de dois anos ou de três anos, dependendo da gravidade dos factos (art.º 18º nºs 2 e 3 da LTE).

#### **1.4 – A experiência subjetiva dos jovens institucionalizados**

Até recentemente, o ponto de vista dos jovens infratores em relação à sua experiência em contextos institucionais não tem sido explorado, o que pode estar parcialmente enraizado numa desconfiança generalizada das visões dos infratores adolescentes, bem como na falta de um método claro, consistente e viável para avaliar os pontos de vista destes adolescentes (Schubert, Mulvey, Loughran & Losoya, 2012).

Pese embora, informações sobre a experiência institucional dos jovens delinquentes podem contribuir para um melhor entendimento de como intervir com estes adolescentes infratores. As perceções dos adolescentes acerca da experiência institucional pode ajudar a identificar áreas que facilitem ou prejudiquem os objetivos gerais dos programas de intervenção (Schubert, *et al.*, 2012).

No estudo de Conde e Teixeira (2017) sobre as experiências centrais das histórias de vida dos jovens, estes referem experienciar sentimentos de revolta por serem retirados da sua família, da sua casa e do seu ambiente, o que promove uma dificuldade no processo de integração na institucionalização.

Já Schubert e colegas (2012), indicam que para um ambiente institucional ser eficaz é essencial a modelagem positiva e a relação entre os funcionários e os educandos, na medida em que, a forma como os jovens percebem o nível da severidade da instituição, aquando da sua entrada no CE, possui uma influência no ajustamento destes ao mesmo. Pois tal como qualquer pessoa, também os delinquentes juvenis mudam o seu comportamento em consequência das exigências ambientais atuais, e as percepções da experiência do sistema de justiça juvenil podem influenciar os comportamentos subsequentes e o desenvolvimento nestes jovens (Steinberg, 2009, cit. por Schubert, *et al.*, 2012).

Segundo o estudo de Manso e Almeida (2009), o CE é percebido, de acordo com os jovens “como um local onde os jovens que transgridem a lei cumprem a medida que lhes é imposta em termos de privação da liberdade, e que é sentido de forma penosa”. Mas também reconhecem o CE como um local que fornece a educação necessária que não conseguiam no exterior por absentismo escolar, para que não voltem a ter comportamentos ilegais. Ainda, no estudo das autoras Manso e Almeida (2009), verificou-se que alguns dos jovens eram capazes de reconhecer que, para além das aprendizagens intrínsecas às atividades letivas e formativas, existia outro tipo de aprendizagens no qual se baseia a orientação e intervenção do CE, como o respeito pelo outro e a não reincidência no ato ilícito, que remetem para o ganho de valores e para um conjunto de direitos e deveres (Figueiredo, 2001, cit. por Manso & Almeida, 2009).

No estudo realizado por Azevedo (2013), a maior parte dos jovens atribui importância ao CE, devido às mudanças atingidas e à forma como podem influenciar a concretização das suas expectativas futuras, percebendo um percurso útil no seu crescimento pessoal, social, comportamental e profissional. A maioria dos jovens referem que as principais mudanças adquiridas ao longo da institucionalização foram a maturidade, a responsabilidade, o empenho e a motivação no desenvolvimento das atividades escolares, o controlo da impulsividade e da agressividade, o pensamento consequencial e a maior assertividade na interação pessoal. Já os profissionais referem que as mudanças destes jovens prendem-se com o facto de se mostrarem com maior autocontrolo, com maior consciência do que significa o respeito pelo outro, com maiores capacidades ao nível da comunicação, com melhor organização do pensamento e com maior assertividade na forma de ser e de estar (Azevedo, 2013).

Na investigação de Azevedo (2013), a maioria dos jovens declaram que há regras com as quais não concordam, considerando-as o pior no CE, são exemplos o facto de não ser autorizado falar nos movimentos, de fazerem fila indiana e serem encostados à parede e o facto de estarem privados de liberdade, a obrigatoriedade de pedir licença sempre que se movimentam e a restrição do discurso, não conseguindo compreender a importância de tais regras para a sua vida futura e sem qualquer aplicabilidade no seu dia-a-dia.

No que toca ao contexto familiar, Conde e Teixeira (2017), percebem que para os jovens, a família é tanto o significado de amor, união, proteção e segurança como de ausência de amor, desproteção, de instabilidade e de mágoa, contudo para a maior parte dos jovens a família faz parte destes quer quando realizam uma retrospectiva da sua vida como quando percecionam o seu futuro. Estes jovens percecionam um ambiente familiar como um lugar caótico e desestruturado, marcado por brigas e falta de coesão familiar (Barnert, *et al.*, 2015), sendo as relações familiares destes marcadas por relações de natureza conflitual e pela constante necessidade da sua adaptação ao grupo familiar, caracterizado pela privação afetiva e por sucessivas ruturas nos laços sociais (Carvalho, 2005).

Segundo o estudo de Nunes (2014), a maioria dos jovens perceciona apoio familiar desde que está no CE, mais através de telefonemas e menos por contactos face a face, identificam ainda melhorias no relacionamento com os seus familiares, especialmente maior proximidade e maior valorização, bem como o crescimento pessoal e mudança do estilo de vida.

Segundo o estudo de Carvalho (2005), as experiências de escolaridade, anteriores à institucionalização, são marcadamente negativas, no qual o insucesso escolar, o elevado absentismo e o abandono precoce surgem associados às primeiras referências oficiais a práticas desviantes ou delinquentes, geralmente concretizadas em grupo(s) de pares. Como se verifica no estudo realizado por Azevedo (2013), jovens que possuíam elevados níveis de absentismo, abandono e insucesso escolar passam a considerar a escola o mais importante no CE, havendo duas explicações possíveis para esta referência feita pelos jovens: i) perceberem a importância das habilitações para uma integração futura no contexto profissional; ii) percecionarem a escola como um espaço de socialização. Sendo que, no CE trata-se de uma escola dirigida para os interesses e necessidades dos jovens, havendo um apoio constante e

orientado para um aumento da autoconfiança das competências de cada um (Azevedo, 2013).

Conde e Teixeira (2017), perceberam que o grupo de pares, para os jovens, é sentido essencialmente como sinónimo de partilha, onde existe compreensão, companheirismo e troca de experiências, apesar de Schubert e colegas (2012) verificarem que os jovens na instituição ao experienciarem uma influência negativa dos seus pares possuem maior probabilidade de se envolverem em atividades antissociais após saírem da instituição e, segundo Donges (2015) levando à aparente correlação entre a associação de pares e o desenvolvimento deste tipo de comportamentos.

De acordo com Conde e Teixeira (2017), os jovens delinquentes assumem uma postura de desresponsabilização dos atos que cometeram, atribuindo a culpa a causas externas, apesar de assumirem os crimes que cometeram, quer contra a propriedade quer contra as pessoas, embora expressem sentimentos de culpa e remorsos. Ainda, segundo os discursos dos jovens do estudo de Manso e Almeida (2009), estes exibem pouca capacidade de se colocarem no lugar do outro, manifestando um discurso egocêntrico no qual não reconhecem prejuízos provocados no outro.

A partir de insucessos escolares e de relacionamentos pobres com familiares e pares, o jovem começa a procurar um grupo com o qual se identifique, envolvendo-se em grupos antissociais caracterizados pelo consumo de substâncias e comportamentos delinquentes (Nardi & Aglio, 2010), não obstante, muitos adolescentes infratores entendem a importância de estabelecer relacionamentos com pares mais pró-sociais e acabar com relacionamentos antissociais (Amemiya, Kieta & Monahan, 2017)

No estudo de Azevedo (2013) a maioria dos jovens percecionam o seu comportamento, antes da entrada no CE como negativo, refletindo sobre as atitudes e os atos cometidos, e verificam que os consumos de substâncias ilícitas, as agressões contra terceiros, em parte devido a casos consequentes dos furtos, a desobediência às figuras de autoridade e às normas vigentes predominam na caracterização que fazem do próprio comportamento, no entanto, com a entrada no CE, criaram-se hábitos e rotinas, aquisições de competências no âmbito escolar e profissional e interrupção do percurso transgressivo, mostrando capacidade de refletir sobre o impacto do internamento nas suas vidas futuras.

No estudo de Matos e Carvalhosa (2001, cit. por Carvalho, 2005), verifica-se uma associação positiva entre o abandono escolar precoce e a iniciação em consumos de tabaco, drogas e álcool.

No que toca à educação, a investigação de Azevedo (2013), veio demonstrar que os jovens ao perspectivarem o futuro conseguem elaborar um projeto de vida e criar objetivos para o alcançarem. Segundo esta autora, a maior parte dos jovens planeia recuperar o percurso escolar através dos cursos de formação fornecidos pelo CE, enquanto que outros planeiam a inserção laboral. Numa análise prospetiva, o discurso dos jovens é um discurso de intenções mais do que um discurso de projetos (Neves, 2008).

Azevedo (2013) verifica que alguns dos jovens ao pensarem na sua saída do CE, antecipam uma dificuldade relacionada a fatores pessoais, como por exemplo a impulsividade, enquanto que outros não preveem dificuldades, tal como Christianakis (2016) que confirma que os jovens ao imaginarem o seu futuro fora do CE, possuem esperança, ansiedade e medo de não serem capazes de concretizarem os seus objetivos.

Abrams (2012), vem acrescentar e constatar que a forma como os jovens articulam as suas visões futuras está relacionada e é influenciada pela motivação que têm. Isto é, verificou que para os jovens com menor abertura à mudança, não possuíam objetivos futuros. Para outros, que acreditavam que para alcançar uma mudança dependia inteiramente de si próprios, criavam incertezas sobre a capacidade de criar e sustentar um futuro diferente apesar das estratégias práticas e internas que desenvolveram no CE. Mas para os jovens com grande motivação e abertura à mudança, empenhavam-se em criar uma visão de futuro que incluísse um futuro diferente para si mesmos do que tinham outrora (Abrams, 2012).

Os jovens reconhecem a possibilidade da mudança uma vez terminado o tempo de internamento, embora manifestem algumas incertezas e/ou receios (Manso & Almeida, 2010), que são compreensíveis uma vez que após o término do internamento, o jovem passa de uma vigilância constante na instituição para o seu meio exterior, frequentemente desestruturado (Neves, 2008).

Segundo Abrams (2012), a maioria dos jovens após estarem institucionalizados meses ou até anos com um dia-a-dia estruturado e monitorado, acabam a regressar às suas casas e comunidades e têm de conjugar esta liberdade com a mudança das suas identidades pessoais e sociais alcançada no CE juntamente com

um estilo de vida no qual cumprem a lei. Ter alguém que ajude nesta transição, através do foco no desenvolvimento de certas habilidades, é relevante para evitar o envolvimento futuro em comportamentos antissociais e para acrescer a probabilidade de os jovens se comprometerem de forma construtiva na comunidade (Schubert, 2012).

O facto de os jovens se encontrarem detidos num CE, proporciona-lhes tempo para contemplarem e refletirem acerca das suas circunstâncias temporais, espaciais e em si próprios (Christianakis & Mora, 2018).

### Referências

- Abrams, L. S. (2012). Envisioning life “on the outs”: Exit narratives of incarcerated male youth. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 56(6), 877–896.
- Aguilar, B., Sroufe, A., Egeland, B., & Carlson, E. (2000). Distinguishing the early-onset/persistent and adolescence-onset antisocial behavior types: from birth to 16 years. *Development and Psychopathology*, 12, 109-132.
- Amemiya, J., Kieta, J., & Monahan, K. C. (2017). Adolescent Offenders’ Qualitative Reflections on Desistance From Crime. *Journal of Research on Adolescence*, 27(4), 765–781. doi:10.1111/jora.12313.
- Azevedo, C.T. (2013). *Institucionalização e Lei Tutelar Educativa: As representações de jovens, profissionais e direção de um Centro Educativo*. Tese de Mestrado em Estudos da Criança: Intervenção Psicossocial com Crianças, Jovens e Famílias, Universidade do Minho. Minho: Portugal.
- Barnert, E. S., Perry, R., Azzi, V. F., Shetgiri, R., Ryan, G., Dudovitz, R., ... Chung, P. J. (2015). Incarcerated Youths’ Perspectives on Protective Factors and Risk Factors for Juvenile Offending: A Qualitative Analysis. *American Journal of Public Health*, 105(7), 1365–1371. doi.org/10.2105/AJPH.2014.302228.
- Benavente, R. (2002). Delinquência juvenil: Da disfunção social à psicopatologia = Juvenile delinquency: From social dysfunction to psychopathology. *Análise Psicológica*, 20(4), 637–645.
- Born, M. (2005). *Psicologia da Delinquência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Carvalho, M (2005). Jovens, espaços, trajetórias e delinquências. *Sociologia, problemas e práticas*, nº49, 2005, pp.71-93.

- Christianakis, M., & Mora, R. (2016). (Re)writing Identities: Past, Present, and Future Narratives of Young People in Juvenile Detention Facilities. *Life Writing*, 15(1), 43–58. doi:10.1080/14484528.2016.1138568.
- Conde, R. & Teixeira, S. (2017). Histórias de vida de jovens delinquentes: O contributo da investigação qualitativa para a compreensão da Delinquência juvenil, *Investigação qualitativa em Ciências Sociais*, volume 3.
- Cusson, M. (2007). *Criminologia: Só pelo Conhecimento se Pode Evitar a Criminalidade*. Leya.
- DGRSP (2013). *Manual de assessoria pré-sentencial na área tutelar educativa*. Documento não publicado.
- Donges, W. E. (2015). A Qualitative Case Study: The Lived Educational Experiences of Former Juvenile Delinquents. *The Qualitative Report*, 20(7), 1009-1028.
- Duarte, V. (2011). *Os caminhos de Alice do outro lado do espelho: Discursos e percursos na delinquência juvenil feminina*. Tese de Doutoramento em Sociologia, Especialidade de Sociologia e Metodologia Fundamentais, Universidade do Minho. Minho: Portugal.
- Fagan, A. A., & Western, J. (2005). Escalation and Deceleration of Offending Behaviours From Adolescence to Early Adulthood. *Australian & New Zealand Journal of Criminology (Australian Academic Press)*, 38(1), 59–76.
- Garrido, C. E. (2012). *O desenvolvimento e significação de trajetórias desviantes*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, Universidade do Porto. Porto: Portugal.
- Hilterman, E. L. B., Nicholls, T. L., & van Nieuwenhuizen, C. (2014). Predictive validity of risk assessments in juvenile offenders: Comparing the SAVRY, PCL:YV, and YLS/CMI with unstructured clinical assessments. *Assessment*, 21(3), 324–339.
- Langdrige, D. (2007). *Phenomenological psychology: Theory, research and method*. Harlow, UK: Pearson Education.
- Lei Tutelar Educativa (2015). Lei nº166/99 de 14 de Setembro atualizada na Lei nº 4/2015, de 15 de janeiro.
- Luzes, C. (2010). Um olhar psicológico sobre a delinquência. *Psicologia.pt – O Portal dos Psicólogos*. Consultado em: [www.psicologia.com.pt](http://www.psicologia.com.pt).

- Manso, A., & Almeida, A. (2009). Um discurso a duas vozes: Potencialidades de um estudo interpretativo sobre lei e institucionalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 455-465.
- Manso, A., & Almeida, A. T. (2010). «... E depois o que é que querem que faça?» Educar para o Direito: Pontes de ligação do centro educativo à comunidade. *Educação, Sociedade & Culturas*, 30, 23-40.
- Moffitt, T. (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100(4), 674-701.
- Nardi, F. L., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Delinquência juvenil: Uma revisão teórica. *Acta Colombiana de Psicología*, 13(2), 69-77.
- Negreiros, J. (2001). *Delinências juvenis* (1a ed.). Lisboa: Notícias Editorial.
- Neves, T. (2008). Entre Educativo e Penitenciário: Etnografia de um centro de internamento de menores delinquentes. Porto: Edições Afrontamento.
- Nunes, A. I. C (2014). *Delinquência juvenil, família e internamento: As perceções de jovens a cumprir medida tutelar em centro educativo*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto: Portugal.
- Pimentel, A., Quintas, J., Fonseca, E., & Serra, A. (2015). Estudo normativo da versão Portuguesa do YLS/CMI - Inventário de avaliação do risco de reincidência e de gestão de caso para jovens. *Análise Psicológica*, 33(1), 55-71.
- Simões, M. R., Almeida, L. S., & Gonçalves, M. M. (2017). *Psicologia Forense: Instrumentos de Avaliação* (1a ed.). Lisboa: PACTOR.
- Schubert, C. A., Mulvey, E. P., Loughran, T. A., & Losoya, S. H. (2012). Perceptions of institutional experience and community outcomes for serious adolescent offenders. *Criminal Justice and Behavior*, 39(1), 71-93.
- Vincent, G. M., Guy, L. S., & Grisso, T. (2012). *Risk Assessment in Juvenile Justice: A Guidebook for Implementation*. New York, N.Y.: Models for Change.
- Ward, T., Melsner, J., & Yates, P. M. (2007). Reconstructing the Risk-Need-Responsivity model: A theoretical elaboration and evaluation. *Aggression and Violent Behavior*, 12(2), 208-228.
- Zappe, J., & Dias, A. (2012). Violência e fragilidades nas relações familiares: refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia*, 17(III), 389-395.

## Apêndice B – Guião de entrevista

Esta entrevista, enquadrada no âmbito da investigação sobre a delinquência juvenil, concretamente sobre a “A experiência de jovens com medida de internamento em Centro Educativo e a sua perceção do YLS/CMI”, levada a cabo por uma Mestranda do ISPA-IU, tem como objetivo principal compreender a experiência subjetiva do jovem institucionalizado quanto à institucionalização tendo em conta o instrumento YLS/CMI.

1. Como é para ti estar aqui?
2. Que aspetos positivos encontras em estar aqui?
3. Que dificuldades encontras em estar aqui? Ou seja, o que é o mais difícil para ti de estar aqui?
4. Fala-me um pouco sobre ti... Como achas que és?
5. Sentes-te apoiado pela tua família?
  - 5.1. Achas que há alguma diferença na relação que tens com eles agora, relativamente a como era antes?
6. O que fazias nos teus tempos livres? E o que sentes em relação a isso?
7. Fala-me um pouco sobre os teus amigos.
  - 7.1. O que sentes em relação a eles? Sentes-te apoiado? Como?
8. Como é que te sentes no geral na escola?
  - 8.1 Achas que serve para alguma coisa?
8. Que planos tens para o teu futuro?
9. Já Tens algum projeto/plano para quando saíres de cá? Podes falar-me um pouco desse teu projeto?
10. Que sentimentos tens quando pensas na saída? Porquê?
11. O que mais gostarias que te acontecesse quando saíres de cá? Podes dizer-me porquê?
12. Na tua opinião, pensas que vais ter algumas dificuldades? Por exemplo, quais?
13. Achas que para o teu futuro foi/é importante estares aqui? Porquê?
14. O que achas do YLS/CMI?

14.1 Sentes que serve para alguma coisa ou é só mais uma coisa burocrática?

14.2 Achas que te ajudou de alguma forma a criar um objetivo para quando saíres daqui?

### **Apêndice C – Questionário de caracterização sociodemográfico**

O meu nome é Jessica Krause Nunes, aluna do segundo ano do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do ISPA- IU, e estou a realizar um estudo no qual se pretende perceber a experiência sentida pelo jovem institucionalizado em Centro Educativo.

Para tal gostaria de pedir a sua colaboração para o preenchimento de um questionário. Pede-se que seja o mais honesto possível, garantindo desde já que todos os dados serão confidenciais.

A todos os participantes agradeço a sua colaboração.

#### **Questionário Sociodemográfico**

Idade \_\_\_\_\_

Sexo \_\_\_\_ F \_\_\_\_ M

Estado Civil \_\_\_\_\_

Grau de Escolaridade \_\_\_\_\_

Agregado Familiar \_\_\_\_\_

Qual o delito porque foi condenado \_\_\_\_\_

Há quanto tempo se encontra institucionalizado \_\_\_\_\_

Tempo de institucionalização \_\_\_\_\_

Qual o regime de institucionalização \_\_\_\_\_

Detenções anteriores \_\_\_\_\_

### Apêndice D – Carta de consentimento informado

Declaro ter conhecimento das condições de realização da investigação abaixo apresentada e que pretendo colaborar de forma voluntária na mesma.

A investigação prende-se com a finalidade de elaborar uma dissertação para o grau de Mestre, do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do ISPA- Instituto Universitário (ISPA-IU), levada a cabo por Jessica Krause Nunes e orientada pelo Professor Doutor Vítor Amorim, assim será neste âmbito realizada uma entrevista individual, que poderá ser caso o consinta gravada, cujo Tema é “A experiência de jovens com medida de internamento em Centro Educativo e a sua perceção do YLS/CMI”. Para esta investigação pretende-se que os/as Jovens falem sobre a sua experiência de institucionalização no Centro Educativo e toda a relação da mesma na sua vida. Depois de conseguidas, as entrevistas serão analisadas ao nível do seu conteúdo, garantindo sempre o anonimato e a confidencialidade das mesmas.

A minha participação neste estudo é anónima, voluntária e gratuita, sem que exista algum tipo de recompensa ou despesa pessoal, podendo desistir a qualquer momento da investigação sem justificação.

Declaro ter sido informado(a) sobre o objetivo da investigação e aceito que os dados recolhidos bem como os seus resultados serão, em regime de completo anonimato, utilizados neste estudo e em publicações futuras.

Declaro ter sido informado antecipadamente das condições de aplicação da entrevista, e ter-me sido respondido(a) eventuais dúvidas sobre a mesma. Foi-me também informado que ao participar nesta investigação não haverá quaisquer riscos para mim bem como para terceiros.

---

Eu, \_\_\_\_\_, aceito de livre e espontânea vontade participar no estudo realizado por Jessica Nunes. Declaro que fui devidamente informado/a sobre objetivos e procedimentos, bem como da garantia do anonimato. Autorizo a gravação da entrevista.

Participante: \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Investigador: \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## Apêndice E – Pedido de autorização formal

Jessica Krause Nunes

Rua X

X@gmail.com

Exmo. Sr. Diretor Geral da Reinserção e dos Serviços Prisionais

Exmo. Sr. Diretor de Serviços de Planeamento e de Relações

Externas

Travessa da Cruz do Torel, nº1 1150-122 Lisboa

dirgeral@dgrsp.mj.pt

18.01.2019

Assunto: Pedido de autorização para proceder a investigação no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA).

Jessica Krause Nunes, portadora do cartão de cidadão nº XXXXXXXXX, moradora da Rua X, nºX XXXX-XXX, com o número de telefone 9XXXXXXXXX com o seguinte correio eletrónico: X@gmail.com estudante do segundo ano do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica no ISPA-IU (número de aluna 25861), no ano letivo 2018/2019, e estando a realizar o estágio académico na DSJJ, sob orientação da Dra. X, venho por este meio requerer a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, autorização para a recolha de dados na DG, no sentido de recolher amostra para a realização da minha tese de mestrado sob orientação do Prof. Doutor Vítor Amorim Rodrigues.

A dissertação de mestrado debruça-se sobre o tema da “A experiência de jovens com medida de internamento em Centro Educativo e a sua perceção do YLS/CMI”. Por ser um tema em que, apesar de encontrarmos literatura quantitativa, ainda é escassa a literatura qualitativa no que toca à experiência subjetiva dos jovens em relação à institucionalização e aos objetivos do instrumento YLS/CMI em vigor nesta direção.

O objetivo do estudo prende-se em compreender a perspetiva do jovem institucionalizado quanto à institucionalização, tal como perceber que planos tem para o futuro. Não obstante é de igual importância ter como objetivo deste estudo perceber

se a gestão de caso realizada com o YLS/CMI vai de encontro com os planos futuros do jovem, sendo por isso útil também à institucionalização.

Os dados recolhidos serão sistematizados através de um questionário sociodemográfico anonimizado. Numa fase posterior pretende-se realizar uma entrevista com consentimento informado, não sem antes ter sido aprovado pela comissão ética do ISPA-IU. As entrevistas serão tratadas posteriormente através do Método Fenomenológico IPA.

Por este meio vinha requerer a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> autorização para recolher os dados acima referidos nos eventuais Centros Educativos localizados na zona de Lisboa.

Lisboa, 16 de Janeiro de 2019

Pede deferimento,

O Aluno

O Orientador

---

(Dr. Victor Amorim)

**Apêndice F – Tabela de análise das entrevistas**

<p>P1 – Rapariga de 17 anos, foi-lhe aplicada medida de internamento de 1 ano, encontra-se institucionalizada há 10 meses em regime aberto por ter praticado 2 crimes de furto qualificado e 2 crimes de furto na forma tentada.</p>		
<p>P1 refere que foi difícil a primeira fase de adaptação ao CE e que é difícil estar longe da família.</p>	<p>E – Bom dia, obrigada por teres vindo, vou começar por fazer uma pergunta mais geral. Como é para ti estar aqui? Aqui no Centro Educativo.</p> <p>P1 – Para mim é difícil porque sou privada da minha liberdade, mas agora já me habituei mais. Nos primeiros tempos foi difícil porque tive no quarto, tive fechada no quarto e tive muita vez de castigo. Eu não pensava mas agora já me habituei mais...</p> <p>E – Ok...</p> <p>P1 – Mas é difícil não é, é sempre difícil estarmos longe da nossa família e... é sempre difícil.</p> <p>E – Ok... então isso é o mais difícil para ti? Estar longe da tua família?</p> <p>P1 – Sim.</p>	<p>Privação da liberdade.</p> <p>Dificuldade inicial na adaptação ao CE.</p> <p>Dificuldade em estar longe da família</p>
<p>P1 refere que o CE ajudou no sentido de ganhar uma capacidade de se colocar no lugar do outro.</p>	<p>E – Ok... e pronto já disseste que era difícil estar aqui por causa da tua família mas que aspetos positivos encontras em estar aqui?</p> <p>P1 – Torno-me numa pessoa completamente diferente, eu sinto-me uma pessoa completamente diferente.</p> <p>E – Em que aspeto?</p> <p>P1 – Consigo-me colocar no lugar do outro, coisa que eu não conseguia, eu só pensava em mim praticamente, e agora consigo. Há... há muitos aspetos positivos.</p> <p>E – E consegues dizer mais?</p> <p>P1 – É isso, eu não sou muito boa a expressar as coisas, eu faço um esforço mas não sou...</p> <p>E – Sim, ok...</p>	<p>Consegue colocar-se no lugar do outro.</p> <p>Mudança pessoal, tornou-se numa pessoa diferente.</p>
<p>P1 refere que uma das dificuldades</p>	<p>E – Então e que dificuldades é que encontras em estar aqui?</p>	<p>Ambivalência relativamente às</p>

<p>que encontra em CE são as regras, que acaba também por ser uma coisa boa.</p>	<p>P1 – Dificuldades... há muitas regras e eu tenho 17 anos não é... o que eu gostava era de estar lá fora a curtir a vida entre aspas, sim, como qualquer adolescente, mas tem muitas regras. Mas as regras também fazem bem né?</p> <p>E – Sim... não tinhas muitas regras lá fora?</p> <p>P1 – Não tinha nenhuma, nenhuma.</p> <p>E – Ok fazias o que querias, quando querias... Não tinhas horas para estar em casa...</p> <p>P1 – Sim, não tinha horas pa nada.</p> <p>E – Ok então isso é também por outro lado bom para ti aqui...</p> <p>P1 – É isso que eu disse, aspetos positivos é isso também... é negativo e é positivo porque torna-nos numa pessoa... pessoas melhores e é isso.</p>	<p>regras.</p> <p>Ausência de regras fora do CE.</p> <p>Boa influência das regras em si.</p>
<p>Sente que o CE a ajudou a aprender muitas coisas, mas que vai aprender mais coisas fora do CE.</p> <p>Sente que é boa pessoa no entanto que abusam dela.</p> <p>Refere como a família é importante para si.</p>	<p>E – Agora quero que me fales um pouco sobre ti, ou seja, o que é que achas de ti própria...</p> <p>P1 – Hum... podes explicar se-faz-favor...</p> <p>E – Por exemplo... agora já disseste uma das tuas características que era seres um bocado egocêntrica, ou seja, pensares só em ti e não muito nos outros... mas mais coisas? Ou seja, o que é que achas sobre ti própria?</p> <p>P1 – Sim, o que é que eu acho... estou a tentar arranjar as palavras...</p> <p>E – Também não tens de arranjar as palavras exatas, diz da forma como tu pensas, como te sair.</p> <p>P1 – O que eu penso de mim? Penso que, ainda há muitos aspetos que eu tenho de melhorar, mas acho que aqui eu acho que já aprendi... podem dizer que nós aprendemos todos os dias e é verdade, nós aprendemos todos os dias coisas novas, mas acho que aqui já aprendi, aqui dentro acho que já aprendi tudo o que tinha para aprender, agora a minha vida é lá fora, a minha vida vai ensinar o resto, o mundo lá fora vai se encarregar de me ensinar o resto,</p>	<p>CE percecionado como local para aprendizagens.</p> <p>Sente que já não tem nada a aprender em CE.</p> <p>Sente que é boa pessoa e que abusam dela.</p> <p>Ligação afetiva à família.</p>

vou crescer lá fora, está a perceber? Aqui dentro já cresci muito, mas lá fora também vou crescer mais, de maneiras diferentes. É isso.

E – Hum hum, ok mas que características é que tu achas que tens?

P1 – Que características?

E – Sim.

P1 – Positivas?

E – Sim, as que tu achares de ti própria.

P1 – Acho que sou boa pessoa, muito boa pessoa, demais às vezes. Às vezes abusam comigo, não é abuso de me fazerem mal, é fazerem mal em outros aspetos, é pisam-me, tás a perceber?

E – Sim, abusam...

P1 – Abusam um bocado de mim, e eu vou sempre atrás sempre atrás sempre atrás, é isso, isso é negativo para mim. Positivo é que sou boa pessoa, negativo é que me pisam muito.

E – Não sabes dizer que não...

P1 – Sim. E eu quando gosto das pessoas, dou sempre oportunidade, dou sempre e vou dando oportunidade e depois vão-me sempre magoando e eu dou sempre oportunidade. É uma coisa que eu também tenho de mudar...

E – Porque neste momento sentes que isso é uma coisa má para ti, ou seja se mudares vai ser um ponto positivo para ti.

P1 – Exatamente.

E – Ok, mais coisas?

P1 – Mais coisas... não sei... mais coisas... eu quero ajudar mas... hum... sou muito ligada também à minha família.

E – Hum hum

	<p>P1 – Muito muito ligada, a minha família para mim é tudo, tudo.</p> <p>E – Isso é bom, porque é um suporte.</p> <p>P1 – Sim.</p>	
<p>Aqui refere que aprendeu a valorizar a família, que houve uma melhoria na relação com a família e o reconhecimento por parte da mãe de uma melhoria de comportamento de P1.</p>	<p>E – Sentes-te apoiada pela tua família?</p> <p>P1 – Muito muito, vêm todos os fins-de-semana, ligam todas as semanas, muito apoiada muito.</p> <p>E – Aliás... achas que há alguma diferença na relação que tens com eles agora e a relação que tinhas com eles antes de entrares para aqui?</p> <p>P1 – Eu aprendi a dar muito mais valor à minha mãe, antes eu maltratava entre aspas a minha mãe, abusava um bocado com ela, não fazia assim nada fisicamente, não isso era incapaz, mas abusava um bocado...</p> <p>E – Respondias mal?</p> <p>P1 – Sim, abusava um bocado com ela, mas agora não, agora cada vez que vou de fim-de-semana, ela até me diz “estás mesmo diferente” ela diz mesmo “estás diferente”, coisas simples, ajudar a pôr a mesa, ajudar a levantar a mesa, a lavar a louça, a arrumar a casa, antes nunca fazia nada disso, estava sempre na rua. Mas ela agora “estás mesmo diferente, não, vai lá descansar um bocadinho que agora estás de folga estes dias, já estás farta de trabalhar lá” aqui “estás de folga estas dias”.</p> <p>E – Que bom.</p> <p>P1 – É bom.</p>	<p>Apoio familiar.</p> <p>CE ajudou a reconhecer a importância da família.</p> <p>Reconhecimento por parte da mãe (família) de uma melhoria de comportamento.</p>
<p>Refere que passa os tempos livres com os amigos a consumir drogas e é sentido como algo errado. Expressa vontade</p>	<p>E – Em relação ao passado, o que é que fazias nos teus tempos livres?</p> <p>P1 – No passado?</p> <p>E – Sim.</p> <p>P1 – Fumava e estava com os meus amigos, convivía, ficava na casa deles e ia sair.</p> <p>E – Fumavas o quê?</p>	<p>Tempos livres sentido como algo errado.</p> <p>Vontade de ajudar a família.</p>

<p>em arranjar trabalho para poder ajudar a família.</p>	<p>P1 – Fumava ganza, mas nunca me meti em mais nada sem ser...</p> <p>E – E álcool?</p> <p>P1 – Não, álcool, álcool sim, mas por exemplo, heroína e cocaína isso não, não sou capaz.</p> <p>E – Ok e o que é que sentes em relação a isso, à forma como tu antes passavas os teus tempos livres?</p> <p>P1 – O que eu sinto? Que estava errado, sinto que está errado. Agora o que eu quero é arranjar um trabalho, para ajudar a minha mãe, a minha irmã e o meu sobrinho. Quero é arranjar um trabalhinho para ajudar lá em casa.</p> <p>E – A tua irmã tem que idade?</p> <p>P1 – Tem 25.</p> <p>E – E o teu sobrinho?</p> <p>P1 – Tem 9, fez 9 este ano.</p> <p>E – Ok.</p>	<p>Consumo de substâncias.</p>
<p>Aqui fala sobre o apoio dos amigos de P1, e em como a sua progenitora tem receio que a P1 volte a consumir drogas na presença dos amigos.</p>	<p>E – Fala-me um bocado sobre os teus amigos.</p> <p>P1 – Os meus amigos, são meus amigos né, gosto deles, mesmo que eles agora não estão num bom caminho né, mas não deixam de ser meus amigos e vou apoiá-los em tudo, também como eles me têm apoiado muito enquanto estou cá dentro. Mandam mensagem à minha mãe, mandam mensagem a mim, perguntam por mim. São meus amigos. Estão-me a apoiar em tudo.</p> <p>E – Ok, isso é bom.</p> <p>P1 – E, portanto, no que eles precisarem eu tou cá para todos, como eles sempre tiveram para mim eu vou estar também.</p> <p>E – Ok então no fundo estes são os teus amigos que tu tinhas antes de vires para cá, com quem às vezes fazias assim umas asneiras?</p> <p>P1 – Sim, mas isso não quer dizer que eu volte a fazer as mesmas coisas, mas não vão deixar de ser meus amigos</p>	<p>Suporte social/ apoio dos amigos.</p> <p>Vontade de retribuir o suporte aos amigos</p> <p>Receio da mãe que P1 volte a consumir drogas.</p>

	<p>né. A minha mãe não concorda muito, não concorda porque “ah voltas com eles, voltas a fazer o que eles fazem, e não sei quê, mesmo que tu não queiras há sempre aquele dia que estás mais triste e “ah anda lá fumar uma” e não sei quê” não, já penso, agora já penso.</p> <p>E – Ia-te perguntar se te sentes apoiada por eles, mas já percebi que sim...</p>	
<p>Refere como não gosta da escola, mas possui uma boa relação com professores e colegas.</p> <p>Reconhecer que a escola é importante para o futuro.</p>	<p>E – Em relação à escola, como é que te sentes em relação à escola?</p> <p>P1 – Não gosto da escola, não gosto nada da escola...</p> <p>E – Porquê?</p> <p>P1 – Não gosto nada da escola, sou obrigada né, aquilo, sou obrigada mas não gosto nada.</p> <p>E – Porquê?</p> <p>P1 – Ihh, estar ali sentada, olhar para o quadro, escrever, pensar, fogo, não gosto não gosto.</p> <p>E – Mas é o quê? Dás-te mal com os professores? Com os miúdos da escola?</p> <p>P1 – Não, os professores e os colegas são impecáveis, só que eu não gosto, não gosto nada.</p> <p>E – Ok não gostas mas sabes, sentes, por exemplo, se é importante para o teu futuro, se vai servir para alguma coisa, ou se...</p> <p>P1 – Claro que é, né, nós sem estudos não somos nada, é importante, só que eu é que não, eu tou a pensar em... não sei se me vai fazer alguma pergunta, sobre o que eu penso do meu futuro, sobre o que eu quero fazer, vai fazer?</p> <p>E – Sim.</p> <p>P1 – Ah então já digo.</p> <p>E – Não mas podes dizer...</p>	<p>Rejeição da escola.</p> <p>Reconhece a importância da escola para o futuro.</p>
<p>P1 fala sobre o que quer fazer aquando da saída do CE.</p>	<p>P1 – O que eu estou a pensar é, aos 18 anos, eu vou sair daqui antes dos 18, faltam 3 meses, 1 mês e meio...</p> <p>E – Quando fazes anos?</p>	<p>CE ajudou a clarificar um projeto futuro.</p>

	<p>P1 – Em Dezembro. E estou a pensar aos 18 ir para a tropa, e tirar lá o meu 12º.</p> <p>E – Tirar o secundário?</p> <p>P1 – Sim, a carta de condução. Estava a pensar isso.</p> <p>E – Ok eu depois já te pergunto e já me dizes mais detalhadamente... pronto eu já... aliás, vou-te perguntar agora, porque já me disseste que achas que a escola é boa. Então, planos para o teu futuro... no fundo é entrar para a tropa, tirar a carta de condução e terminar o secundário. No fundo já tens o objetivo todo delineado para quando saíres daqui?</p> <p>P1 – Hum hum</p> <p>E – E tu achas que o Centro Educativo te ajudou a delineares esse objetivo?</p> <p>P1 – Já tinha o objetivo de ir para a tropa antes, antes de vir para cá, mas ficou mais claro desde que vim para cá, sim. Já meti mesmo na minha cabeça que quero ir, já meti aqui mesmo.</p>	<p>Planos para quando sair do CE consistem em continuar os estudos e tirar a carta de condução.</p>
<p>P1 fala sobre a vontade de sair do CE.</p>	<p>E – Ok. E que sentimentos tens quando pensas na tua saída?</p> <p>P1 – Nem sei explicar, isso é inexplicável, fogo isso é mesmo uhhhh.</p> <p>E – É um alívio?</p> <p>P1 – Alívio, alívio mesmo, fogo. Não vejo a hora de passar aquele portão e dizer finalmente!</p> <p>E – Então estás ansiosa é isso?</p> <p>P1 – Tou ansiosa, mas já faltou mais!</p> <p>E – Já, já faltou quase 1 ano.</p> <p>P1 – Pois é, fogo.</p>	<p>Sentimentos de ansiedade e alívio para sair do CE.</p>
<p>Expressa vontade em que as coisas em casa sejam mais calmas aquando da</p>	<p>E – Ok e achas que... o que é que gostarias que mais te acontecesse quando saíesses daqui?</p> <p>P1 – Hum, não sei, que a minha vida se tranquilizasse, que as coisas em casa fossem, porque às vezes a minha</p>	<p>Desejo de uma vida mais tranquila fora do CE.</p>

saída do CE.	<p>irmã tem umas discussões com a minha mãe.</p> <p>E – Ok, mais calmas.</p> <p>P1 – Mais calmas, que tudo ficasse mais tranquilo, é isso que eu quero.</p> <p>E – É isso que tu queres.</p>	
P1 está preparada e não espera dificuldades aquando da saída do CE.	<p>E – E achas que na tua opinião vais ter algumas dificuldades quando saíres daqui?</p> <p>P1 – Não, acho que não, acho que tou preparada para o mundo lá fora.</p> <p>E – Achas que estás preparada?</p> <p>P1 – Acho que sim.</p>	Sente-se preparada para a vida no exterior.
P1 fala sobre como foi importante para o seu futuro a institucionalização em termos de crescimento a nível pessoal e social.	<p>E – Achas que para o teu futuro foi ou é importante estares aqui?</p> <p>P1 – Sim, claro, sem dúvida, porque eu por exemplo, isso da escola, se eu continuasse lá fora não ia à escola, eu aqui mesmo sendo obrigada eu vou né, mas já tenho o 9º ano praticamente feito, lá fora nem o 7º tinha. A sério.</p> <p>E – Ok, mais?</p> <p>P1 – Mais...</p> <p>E – É assim, também já me disseste que, no fundo também foi bom e o que também acaba por ser mais importante para ti conseguires ter empatia pelos outros, ou seja, pensares nos outros também, mais coisas que aches que para o teu futuro foi importante estares aqui?</p> <p>P1 – Foi tudo.</p> <p>E – Tudo, o que é que é tudo?</p> <p>P1 – Se eu não tivesse vindo para aqui não tinha aberto os olhos, não tinha mesmo. Foi muito bom, foi bom mas... ao mesmo tempo foi bom.</p> <p>E – Foi mau porque estás cá dentro.</p> <p>P1 – Porque fui privada da minha liberdade. Ao mesmo tempo foi bom, porque me fez crescer e fez ver o mundo de outra maneira, fez me ver os outros de outra maneira.</p>	<p>Sente que a institucionalização foi importante para o seu futuro.</p> <p>CE como fonte de crescimento pessoal e social.</p>

	<p>Fez me uma pessoa diferente.</p> <p>E – Ok.</p>	
<p>P1 considera que o YLS a ajudou a perceber o que estava mal consigo própria, e o que necessitava de mudar, e que é útil nesse sentido.</p>	<p>E – Sabes que aqui foi te feito sempre um instrumento, o YLS/CMI...</p> <p>P1 – Não...</p> <p>E – Vou-te mostrar, que vou fazer-te umas perguntas sobre isso.</p> <p>P1 – Ok. Ah sim sim, já sei.</p> <p>E – Agora diz-me o que é que tu achas deste instrumento?</p> <p>P1 – Isso foi para mandar para o tribunal não é?</p> <p>E – Não...</p> <p>P1 – Mas isso foi a senhora que fez?</p> <p>E – Não.</p> <p>P1 – Não, foi a Dra. J. Ahh ok. Sim, isso é os nossos objetivos e isso, sim.</p> <p>E – O que é que tu achas disso?</p> <p>P1 – Acho bem.</p> <p>E – Achas que te ajudou?</p> <p>P1 – Sim.</p> <p>E – E que serve para alguma coisa?</p> <p>P1 – Serve, claro.</p> <p>E – Achas que serviu para alguma coisa ou é mais uma coisa burocrática que tinhas de fazer?</p> <p>P1 – Não, acho que serviu para alguma coisa.</p> <p>E – Serviu para quê?</p> <p>P1 – Serviu para eu ver o que tava mal em mim né. Sozinha não conseguia ver o que tava mal em mim e com a ajuda da Dra. J. consegui. Há um aspeto que está aí que é a empatia, não é a empatia, é com os pares, como é que se chama...</p> <p>E – Relação com os pares...</p> <p>P1 – Interpessoal, relação interpessoais com os pares, acho que é isso, tava um bocado complicado...</p>	<p>YLS útil no sentido de perceber o que estava mal consigo e que precisa de mudar.</p>

	<p>E – Estava...</p> <p>P1 – Tava, acho que consegui.</p>	
<p>Menciona em que sentido o YLS foi importante para si.</p>	<p>E – Então e achas que este instrumento te ajudou de alguma forma a criar um objetivo para quando saíres daqui?</p> <p>P1 – Sim. Enquanto eu estou cá, os meus objetivos e passar de fase, ajudar a controlar a minha impulsividade. Por isso, ajudou-me.</p> <p>E – Então foi importante para ti este instrumento?</p> <p>P1 – Foi.</p>	<p>YLS mais útil enquanto institucionalizada.</p> <p>YLS ajuda nos objetivos e a passar de fase.</p> <p>YLS ajudou a controlar a impulsividade.</p>
<p>P1 fala sobre o seu futuro, e na esperança de que as coisas corram bem. Em como não gosta do CE embora goste das pessoas do CE.</p>	<p>E – Eu no fundo já tenho todas as perguntas feitas, não sei se queres dizer mais alguma coisa...</p> <p>P1 – Sim, isso que eu disse do meu futuro, espero ir para a tropa e espero que corra tudo bem.</p> <p>E – E na tropa, o que é que queres fazer na tropa? Qual é o curso que tu queres fazer na tropa?</p> <p>P1 – A minha mãe gostava que eu fosse para a marinha, só que não sei bem, nem é a minha mãe que tem de escolher, sou eu. Mas não sei...</p> <p>E – Ainda não sabes, depois tens de investigar isso, o que é que há e com o que é que te identificas mais.</p> <p>P1 – Pois exatamente, tirar a minha carta de condução, para tar aí no meu pópó, não, tou a brincar. Tirar o 12º ano.</p> <p>E – Hum hum, qual é o curso que vais fazer no 12º ano, no secundário?</p> <p>P1 – Não sei que curso é que há lá dentro.</p> <p>E – Pois... tens várias, tens humanidades que é línguas, tens das tecnologias que é ciências, tens a de gestão...</p> <p>P1 – Isso é bom.</p>	<p>Esperança de que os seus objetivos futuros corram como planeado.</p> <p>Boa relação com os técnicos do CE.</p> <p>Ambivalência do CE: gosta das pessoas mas não gosta de estar “fechada”.</p>

	<p>E – Sim, tens de ver o que é que achas que vais gostar mais.. Ok há mais alguma coisa?</p> <p>P1 – Se quiser saber mais alguma coisa...</p> <p>E – Não me estou a lembrar de mais nada, só se tu te lembrares de me contar mais alguma coisa em relação a como é que te sentes...</p> <p>P1 – Hum, não sei, tou aqui fechada né, não gosto de estar aqui como ninguém gosta, mas gosto das pessoas que me rodeiam, são boas pessoas, sempre prontas a ajudar.</p> <p>E – E tratam-te bem?</p> <p>P1 – Sim, tratam-me bem. Às vezes há alguns problemas né, mas isso é como em qualquer lado, e uma casa cheia de mulheres é um bocado difícil... fogo. Mas é bom, faz-me bem.</p> <p>E – Ok... então obrigada!</p> <p>P1 – Obrigada eu!</p>	
--	--	--

<p>P2 – Rapariga de 16 anos, foi-lhe aplicada medida de internamento de 2 anos, encontra-se institucionalizada há 1 ano e 6 meses em regime semiaberto por ter praticado crime de roubo e crime de ameaça.</p>		
<p>P2 equipara o CE a um retiro espiritual. Refere um revolta inicial que já amenizou, encontrando-se tranquila face ao CE e aos outros.</p>	<p>E – Vou começar com uma pergunta mais geral. Como é para ti estar aqui?</p> <p>P2 – Agora, agora neste momento acho... foi até uma conversa que tive há pouco tempo, acho para mim neste momento acho que até é estar num retiro espiritual. Pode parecer estúpido mas é a sério o que eu sinto porque já tou aqui há um ano e meio e já tou na terceira fase e hum... mudei a minha maneira completamente de ver as coisas de estar aqui porque no início era aquela revolta de estar aqueles primeiros 7 dias em PI, de estar fechada no quarto, não é totalmente mas é parcialmente porque saíamos para ir cumprir medidas e isso, mas durante muito tempo fui uma pessoa um bocado revoltada, tipo não aceitava aquilo que me diziam, não acatava as ordens, mas tipo ao longo do meu tempo percebi que tudo o que tavam a fazer naquele momento era para o meu bem, para a minha mudança e neste momento acho que é... basicamente estou tranquila comigo mesma ao estar aqui, tranquila com as colegas, com todos os adultos. Já tenho saídas lá para fora, por isso é basicamente tar num retiro espiritual que já está quase a acabar!</p> <p>E – Ok... fixe</p>	<p>Retiro espiritual.</p> <p>Revolta inicial.</p> <p>Rejeição dos outros, das ordens.</p> <p>Mudou a perceção das coisas.</p> <p>Tranquilidade face ao CE e aos outros.</p>
<p>P2 refere que uma coisa má de estar em CE é a privação da liberdade, mas que acaba por ser uma coisa boa através das aprendizagens aqui</p>	<p>E – Ok e então que aspetos positivos encontras em estar aqui?</p> <p>P2 – Imensos, são imensos basicamente é tar... mau é estarmos isolados e estarmos privadas da nossa liberdade e do mundo lá fora mas é assim nós precisávamos realmente, se não tivéssemos aqui precisávamos e eu precisava imenso, tou a falar no meu caso. Hum.. porque ensinou-nos tanta coisa, e até as coisas mais estranhas que</p>	<p>Ambivalência: isolados e privados da liberdade sentido como mau Vs necessidade de estar em CE.</p> <p>CE como fonte de</p>

<p>feitas.</p>	<p>possam ser imaginadas, porque são coisas... as regras são coisas tão pequeninas tão pequeninas tipo não fazem sentido mas que são coisas tão simples que nós não praticávamos lá fora e eu então acho que nós aprendemos também a... como é que eu hei de explicar... aprendemos tipo a conviver em sociedade, é isso, é basicamente isso, apesar de estarmos só com raparigas não é e a sociedade são homens e mulheres mas aos poucos e poucos...</p> <p>E – Quando estás de fim-de-semana também acabas por estar com rapazes e com toda a gente...</p> <p>P2 – Sim com toda a gente...</p> <p>E – Ok então esses são os aspetos assim mais positivos.</p> <p>P2 – Sim.</p> <p>E – Que no fundo agora...</p> <p>P2 – Mas são muito difíceis de encontrar ao início atenção, só mais tarde só mais tarde da medida é que a gente começa a ver aspetos positivos porque no início é tudo negativo.</p>	<p>aprendizagens.</p> <p>Regras percecionado como algo bom.</p> <p>Aprender a viver em sociedade.</p>
<p>Refere que embora já tenha adquirido algumas aprendizagens em CE, que possui dificuldades em ter as amigas para si. Refere ainda que um dos aspetos negativos em CE é não haver interação com os rapazes.</p>	<p>E – Ok... ia-te ainda perguntar que dificuldades é que tu encontras em estar aqui, agora hoje em dia.</p> <p>P2 – Ah tenho imensas, ninguém é perfeito, nem...</p> <p>E – Claro.</p> <p>P2 – Basicamente acho que ainda, a minha maior dificuldade enquanto pessoa é ainda encontrar, como é que eu hei de explicar... é encontrar as amigas certas para mim porque, ainda, eu já aprendi a estar bem, a não responder, a ter autocontrolo já, claro que há situações em que uma pessoa não se consegue controlar, mas é basicamente encontrar o grupo ideal de pares para mim porque essa sempre foi a minha dificuldade porque às vezes eu penso “qualquer pessoa serve para mim”, tanto como amigas como namorados, qualquer tipo de relacionamento acho que é a minha dificuldade e aquilo</p>	<p>Aprendizagem de autocontrolo, não responder, a estar bem.</p> <p>Dificuldade em fazer amigas.</p> <p>Privação de estar com rapazes do CE em CE.</p>

	<p>que eu acho que ainda preciso de trabalhar.</p> <p>E – E isso cá dentro?</p> <p>P2 – Sim e lá fora também porque se eu não souber fazer cá dentro acho que muito menos vou conseguir fazer lá fora mas, pronto, é isso.</p> <p>E – E podes-me dar assim mais um ou outro exemplo?</p> <p>P2 – Sim, de aspetos negativos que eu encontro aqui no centro ou em mim?</p> <p>E – Aqui no centro.</p> <p>P2 – Ah, aqui no centro, hum... aspetos negativos... esses são mais difíceis...</p> <p>E – Há mais positivos que negativos?</p> <p>P2 – É, acho que sim, pelo menos agora sim. Aspetos negativos quê tipo com...</p> <p>E – Dificuldades, coisas que tu...</p> <p>P2 – Sinceramente acho que dificuldades... eu vou conseguir eu vou conseguir! Acho que é tipo nós estarmos privadas da estar com os rapazes... nós não estamos privadas de falar com eles porque nós até temos atividades com eles, mistas mas acho que é isso, acho que a única coisa má aqui no centro é ainda não haver mais tipo relacionamento...</p> <p>E – Interação?</p> <p>P2 – Interação exato é isso mesmo, sim porque não é que a gente queira logo ter namorado nem nada disso, mas é mais próximo da realidade do que ser só raparigas, pois secilhar é um choque só para algumas de nós ir lá para fora ir para uma turma onde há rapazes e raparigas tipo isso vai ser um bocado estranho, isso pelo menos para mim acho que vai ser.</p> <p>E – Não te lembrás assim agora de mais nenhuma?</p> <p>P2 – (Abana com a cabeça a dizer que não).</p>	
Dá a conhecer a	E – Ok, agora sim, quero que me fales um pouco sobre ti.	Perceciona-se como

<p>perceção que tem de si mesma e do que os outros pensam de si.</p>	<p>Como é que tu achas que és? Ou seja, a tua opinião sobre ti própria.</p> <p>P2 – Acho que sou uma pessoa muito insegura, muito insegura, muito indecisa também. Sou aquele tipo de pessoa que gosta de mostrar, de mostrar aquilo que não sou mas tipo às vezes as pessoas criam uma imagem diferente de mim, daquilo que eu realmente sou porque eu não mostro os meus sentimentos então tenho tipo, não é uma capa, mas é, secalhar só com as pessoas mais próximas é que mostro mais aquilo que realmente sinto, então as pessoas ficam com aquela ideia “ah tu és uma pessoa forte que aguenta tudo, tem autocontrolo e não sei quê” mas no fundo, tipo eu sinto, toda a gente sente as coisas, e eu acho, é isso, e também sou um bocado teimosa, sou muito teimosa, mas também sou uma pessoa que quando meto na cabeça que tenho um objetivo vou até ao fim, seja qual ele for.</p> <p>E – És determinada...</p> <p>P2 – Sou é isso mesmo.</p>	<p>sendo uma pessoa insegura, indecisa e teimosa.</p> <p>Não dá a conhecer de si, cria uma imagem forte de si.</p> <p>É uma pessoa determinada.</p>
<p>Sente um grande apoio da família e refere uma melhoria significativa na sua relação desde a institucionalização em CE.</p>	<p>E – Queria te perguntar se te sentes apoiada pela tua família.</p> <p>P2 – Completamente, a 100%.</p> <p>E – E sentes que há uma diferença entre a tua relação com eles antes e a relação com eles agora?</p> <p>P2 – Sim sim, há uma diferença enorme porque sei lá, às vezes é preciso estas coisas acontecerem não é? Tipo pode não ser ir para um centro educativo mas coisas mais quase perder alguém, não não é assim tipo morrer, mas tipo assim da pessoa nos estar a deixar, afastar aos poucos, e uma pessoa sente quando uma pessoa se afasta, e acho que agora sim tenho uma relação completamente diferente do início.</p> <p>E – Melhor agora?</p>	<p>Apoio/suporte familiar.</p> <p>Melhoria significativa na relação familiar.</p>

	P2 – Melhor agora sim.	
<p>P2 refere que os tempos livres são a fonte do seu problema presente, que com demasiado tempo livre tinha tempo para consumir drogas e cometer crimes.</p> <p>Expressa preocupação com o que os outros poderão pensar de si.</p>	<p>E – Ok e o que é que tu fazias nos teus tempos livres?</p> <p>P2 – Lá quando tava lá fora? Ai credo, então era, fumava, ia sair à noite, basicamente era coisas más, só coisas más por isso é que depois também parti para o roubo e para o furto porque justamente quando nós temos demasiado tempo livre acho que a cabeça fica desocupada e então pensamos, e além de pensarmos em coisas más consumimos drogas e essas coisas todas e ainda é pior.</p> <p>E – E era só drogas ou álcool?</p> <p>P2 – Não álcool só drogas mesmo.</p> <p>E – Mas que drogas?</p> <p>P2 – MD, ganzas né, haxixe, como é que se chama... speed também, esse tipo de coisas.</p> <p>E – Ok mas por exemplo essas de speed e MD era quando ias sair à noite ou mesmo por exemplo na rua?</p> <p>P2 – Não, às vezes tipo, chegou a uma altura em que era tipo rotineiro.</p> <p>E – Ok e o que é que tu sentes em relação a isso agora?</p> <p>P2 – Ah agora sinto que, no início ainda sentia que precisava disso era normal não é, mas agora não, tou completamente abstinente disso e tabaco também, mas tabaco é uma coisa que eu penso em não deixar porque é um grande vício, mas agora esse tipo de drogas mais pesadas se bem que não são as mais pesadas.</p> <p>E – E o que é que tu sentes em relação à forma como tu antes passavas os teus tempos livres?</p> <p>P2 – Sinceramente, tipo é isso que mais me assusta, porque os meus tempos livres foram passados tipo e é tipo... eu não disse, mas é tipo eu sentia-me bem ao tar só com rapazes, não era, era tipo sei lá sentia-me mais, não era eu porque raparigas com... toda a gente sabe que raparigas são um bocado mais complicadas entre elas, os</p>	<p>Consumo de substâncias: haxixe, MD, speed.</p> <p>Perceção de tempos livres como errado.</p> <p>Tempos livres como fonte de criminalidade.</p> <p>Receio de repetir os mesmos erros nos tempos livres aquando da saída do CE.</p> <p>Desejabilidade social/ preocupação com a sua imagem.</p>

	<p>rapazes às vezes são pessoas mais simples, às vezes também não mas pronto nessa altura o meu pensamento era esse e então sinto tipo que é, como eu disse é o que mais me assusta porque foi os meus tempos livres basicamente definiram o meu passado, então às vezes sinto... é isso que eu não conto, é isso que eu normalmente não falo porque mexe mesmo comigo que sinto que as pessoas lá de fora que estão lá fora têm uma imagem má de mim por causa do meu passado, dos meus tempos livres porque eram passados a fazer... a tar com rapazes, a fumar e essas coisas todas e os rapazes são umas pessoas, são pessoas que, como outras quaisquer não é, mas que normalmente formam uma ideia tipo má das raparigas que se dão só com rapazes e depois que tão só a fumar e isso tudo então é isso.</p> <p>E – Então não gostas da imagem que as pessoas têm de ti lá fora é isso?</p> <p>P2 – Não...</p> <p>E – Ok. Então e isso é no fundo aquilo que mais te custa?</p> <p>P2 – Hum hum</p> <p>E – Então por exemplo quando saíres, o que é que vais fazer nos teus tempos livres?</p> <p>P2 – Hum, não vou fazer o que fazia antes não é, mas isso é, não sei, sinceramente ainda não sei, mas coisas más não são de certeza! Tipo voluntariado, sei lá, estudar é uma coisa que eu gosto muito e voluntariado, também quero mesmo voltar a estudar a sério.</p>	
<p>Reconhece a importância da escola para o seu futuro.</p>	<p>E – Ok e como é que corria a escola antes?</p> <p>P2 – Simplesmente não ia, não frequentava a escola.</p> <p>E – O que é que tu pensas da escola? O que é que tu sentes em relação à escola?</p> <p>P2 – Ai, é fundamental, fogo se eu antes pensava “ah tiro um ano e vou trabalhar” não é assim tão simples e além</p>	<p>Escola percecionado como sendo fundamental e necessária.</p>

	<p>disso quero tirar um mestrado, quero tirar um curso, quero fazer essas coisas todas... ainda não sei em que área ainda! Mas também quero.</p> <p>E – Ok e então antes no fundo não querias saber da escola...</p> <p>P2 – Hum hum</p> <p>E – E agora já, agora até o quê, já tens consciência que a escola é necessária ou...</p> <p>P2 – Sim, sim é completamente necessária porque nós sem escola tipo às vezes as pessoas têm até cursos superiores e não têm quase possibilidade de arranjar emprego quanto mais só tirarmos o 12º ano.</p> <p>E – Pois... ok.</p>	
<p>Aqui P2 refere a sua insegurança face aos pares, reconhece que os pares com quem convivia diariamente não eram seus amigos verdadeiros, e a sua dificuldades em criar amizades nas quais se sente segura.</p> <p>Reconhece que mudou através do CE e que se sente melhor sendo a pessoa que é hoje.</p>	<p>E – Hum... vou ter de te perguntar só para me dizeres mas eu já percebi que é assim um pouco mais difícil esta área, mas fala-me um pouco sobre os teus amigos.</p> <p>P2 – (risos) De agora? Ou de antes?</p> <p>E – Sim dos teus amigos que sentes que são teus amigos.</p> <p>P2 – Bem neste momento sinto que agora comparado com o passado eu não tinha amigos, que simplesmente não tinha, todos os que eu sentia que tinha ou que pensava que tinha neste momento tipo desapareceram, só tavam comigo, tipo desapareceram mesmo, mesmo, e foi e isso também me custou, porque pessoas que secalhar deixei de tar presente na minha família para ajudar algumas pessoas ou para estar com algumas pessoas neste momento simplesmente não tão e fico tipo com o pé atrás em relação às pessoas, agora hoje em dia fico com o pé atrás sempre mas sempre tipo, é uma insegurança enorme. Tipo porque não sei se aquela pessoa vai tar comigo quando eu sair daqui tipo tou a falar das raparigas daqui, não sei elas vão tar comigo e as pessoas que também já saíram de raparigas e rapazes porque eu conheço alguns rapazes que</p>	<p>Insegurança face aos pares.</p> <p>Desejabilidade social.</p> <p>Mudança de identidade.</p>

já saíram não sei se vou manter uma relação boa com eles e às vezes tipo antes de dizer alguma coisa eu penso por duas vezes se aquela pessoa, tipo se eu disser tipo uma coisa má, eu tipo fico a pensar “será que ela tipo vai deixar de ser minha amiga porque eu disse aquilo ou porque eu fiz aquilo ou porque isto e isto ou porque isto e aquilo” basicamente sou uma pessoa mesmo insegura, por isso...

E – É assim, é um bocado compreensível, não é? Mas é assim, às vezes o que importa, e que as pessoas valorizam é que sejas honesta. Não sei se vais manter relação com as pessoas que estão aqui, mas acho que é uma questão de tentar, se calhar elas até pensam o mesmo, não sabes...

P2 – Pois isso também é verdade mas, eu tento ser sempre honesta mas eu penso que eu se calhar se for mesmo eu “e se as pessoas não gostarem mesmo de mim?” não é que eu queira ser uma pessoa diferente porque eu gosto de ser eu e sinto-me bem comigo própria às vezes, não é sempre né, mas por causa do meu passado, porque tenho medo que as pessoas aqui dentro conhecem, e vão lá para fora e vão ouvir coisas sobre mim e eu fico a pensar se realmente, claro que as pessoas que gostam de mim vão ficar comigo por aquilo que eu sou hoje não por aquilo que eu fui antes, eu sei disso, só que é muito fácil falar, né.

E – Então tu sentes que mudaste?

P2 – Sim.

E – E a forma como tu és já não é a forma como tu eras antes de entrares...

P2 – Não era mesmo, não era tipo, não tinha humildade nenhuma, era aquelas pessoas mesmo de nariz empinado e eu sei reconhecer isso, não só porque me dizem, porque até o meu bem estar, antes tipo diziam qualquer coisa e eu

	<p>sentia-me logo tipo atacada, exato, e agora podem tipo falar e uma pessoa sente-se tranquila, consegue reagir bem.</p> <p>E – Ok fixe.</p>	
<p>Demonstra indecisão face a qual área deseja seguir embora tenha já algumas opções em mente.</p>	<p>E – Que planos tens para o teu futuro?</p> <p>P2 – Também é uma pergunta que me andam a fazer há tanto tempo que eu não faço a mínima ideia de que área é que vou seguir, tipo eu gosto, já pensei na área social também e a área do turismo, também já pensei em formar-me em informática, mas é muito difícil.</p> <p>E – É o curso que estás a tirar cá?</p> <p>P2 – Aqui tou a tirar de cabeleireiro, mas também pensei em estética mas também não me vejo mesmo a trabalhar nessa área para o resto da minha vida, por isso, ainda não sei, tou indecisa.</p> <p>E – Ok...</p>	<p>Indecisão face à área que quer seguir, no entanto quer seguir os estudos.</p>
<p>P2 refere que deseja fazer voluntariado pois gosta de fazer com que as pessoas se sintam melhor.</p>	<p>E – E... já pensaste em algum projeto, algum objetivo para quando saíres daqui?</p> <p>P2 – Quando sair daqui é... hum é além de encontrar a área que eu gosto é também continuar a... tipo aos fins de semana, gostava mesmo de ir fazer voluntariado tipo nem que seja só na minha zona de, na minha área de residência só tipo ou até fora, também não me importava de arranjar cabelos às pessoas porque eu gosto mesmo tipo nós fazemos voluntariado aqui e a melhor sensação de sempre é tipo sentir que as pessoas que tipo não se acham bonitas porque é verdade, há pessoas que não se acham bonitas que tipo e só de tocarmos no cabelo e secarmos, lavarmos as pessoas ficam memo tipo num estado! Ai adoro! Ficam memo, adoro fazer isso, sentir, fazer com que as pessoas se sintam bem.</p> <p>E – Então é mesmo uma coisa que gostavas de fazer, continuar a fazer isso?</p>	<p>Desejo de fazer voluntariado.</p> <p>Gosta que os outros se sintam bem.</p>

	<p>P2 – Hum hum, é mesmo um dos meus objetivos.</p> <p>E – Ok boa.</p>	
<p>Refere uma variedade de sentimentos aquando da saída do CE, mas que irá sentir mais assim que a sua saída estiver mais próxima.</p>	<p>E – Que sentimentos tens quando pensas na tua saída?</p> <p>P2 – Ai, euforia, ansiedade, medo também, é basicamente, só se baseia nisso porque de resto, ainda falta tanto tempo que ainda tipo são os sentimentos que eu sinto, mas secalhar vou sentir muito mais quanto mais próxima tiver.</p> <p>E – Exato.</p> <p>P2 – É isso.</p> <p>E – Ok e porque é que sentes essas coisas todas?</p> <p>P2 – Ah, já é muito tempo aqui, um ano e meio, tipo há raparigas que ficam só aqui um ano, claro que as medidas cada um vê, encara como encara, são diferentes né mas dois anos para mim e acho que para qualquer pessoa é imenso tempo e parece que nunca mais passa mas isso é mentira, o tempo aqui passa tão rápido.</p> <p>E – É?</p> <p>P2 – Tão rápido, tipo já estamos no final do mês de Março e ainda há pouco tempo estava em 2017 quando entrei tipo o que é que se passa! Passa tão rápido.</p> <p>E – Ok boa.</p>	<p>Expressa sentimentos de euforia, ansiedade e medo aquando da saída do CE.</p> <p>Sente que o tempo passa a correr no CE.</p>
<p>Expressa o desejo de arranjar um amigo íntimo, um namorado em quem possa confiar e estar com, pois sente-se carente.</p>	<p>E – Hum... o que é que, o que é que mais gostarias que te acontecesse quando saíres daqui? O que é que gostavas que te acontecesse?</p> <p>P2 – Por acaso ando a pensar nisso há tanto tempo, a sério, tipo arranjar um, pode parecer estúpido mas tipo arranjar uma pessoa que goste mesmo de mim e que eu, além da minha mãe claro mas é família tipo um namorado, é isso, um namorado, nem precisa de ser para o resto da vida, nem precisa de ser namorado mas tipo um amigo, um amigo íntimo em que eu possa confiar e ao mesmo estar, é isso. Quero mesmo que isso me aconteça.</p>	<p>Desejo de arranjar um amigo íntimo, em quem possa confiar e estar.</p> <p>Estado de carência em CE.</p>

	<p>E – É mesmo isso o principal, ou tens mais coisas?</p> <p>P2 – Neste momento eu não ando a pensar muito, sinceramente penso muito nisso agora dos namorados porque uma pessoa está aqui está carente, é óbvio mas de resto não, acho que não, porque ainda falta algum tempo então ainda não pensei nisso.</p>	
<p>Expressa preocupação e receio de não ter alguém que a ajude manter autocontrolo fora do CE, e de ser influenciada pelos pares, mais concretamente no consumo de substâncias.</p>	<p>E – E na tua opinião pensas que vais ter algumas dificuldades quando saíres daqui?</p> <p>P2 – Imensas, imensas...</p> <p>E – Porquê?</p> <p>P2 – Acho que tipo aqui dentro nós temos um pensamento que é “não vou fazer isto além de não estar errado porque posso ir para o quarto” quando alguém quando um adulto por exemplo grita connosco ou tipo fala um bocado mais agressivo que nós não fizemos uma coisa bem, eu penso “e se isto fosse lá fora como é que eu iria reagir?” tipo é isso, acho que as coisas tipo aqui dentro parece que nós aqui paramos e dizemos “estamos a preparar vamos ter autocontrolo e vamos conseguir” mas as situações lá fora são completamente diferentes porque já não temos aquela barreira tipo tamos lá fora, é um mundo livre, cada um se, se a doutora falar mal comigo eu tipo acho que é diferente, eu não sei explicar mas acho que é isso.</p> <p>E – Então no fundo tens medo de não te portares tão bem lá fora como aqui? De não te controlares tão bem, os impulsos e...</p> <p>P2 – Hum hum, sim exato...</p> <p>E – Não sabeses “já chega”.</p> <p>P2 – Sim e até mesmo também com as influências também porque eu aqui eu digo “ah não, não vou aceitar uma ganza, não vou aceitar essa” mas eu não sei porque, por mim eu não fazia mas só lá fora, só quando eu estiver</p>	<p>Receio de não conseguir manter autocontrolo fora do CE.</p> <p>Receio de ser influenciada pelos pares fora do CE.</p>

	<p>presente na situação é que nós sabemos o que é que vamos fazer, não é como as pessoas que dizem “ah tar aqui no centro educativo” só quem passa é que percebe, claro que as outras pessoas ajudam e tentam perceber mas só quem tá cá dentro é que vai perceber aquilo que realmente se sente, só quando passamos pelas situações é que percebemos realmente, por isso é isso, é também um dos meus maiores medos, é tipo as influências.</p> <p>E – Ok estou a perceber.</p> <p>P2 – Falo muito não falo?</p> <p>E – Não, por mim perfeito fala aquilo que quiseres e quanto tempo quiseres!</p> <p>P2 – (risos).</p>	
<p>Refere que para si foi importante ter ido para o CE, e que seria importante contar a outras pessoas para que estas não cometam os seus erros e sigam um caminho diferente do seu.</p>	<p>E – Achas que para o teu futuro foi ou é importante teres estado aqui ou estares aqui?</p> <p>P2 – Sim, é importante, é muito importante só que eu não vejo como é que eu vou tipo às pessoas eu não preciso de dizer a ninguém que eu tive aqui, mas tipo ao meu filho, como é que eu, tipo não é que o meu filho precise de saber, mas tipo é importante eu explicar que tive aqui porque imagine que ele agora está numa fase quase a passar, não igual a mim mas, aquela fase da adolescência, é importante que tipo e não só ao meu filho mas às vezes também acho que era bom e já aconteceu aqui dentro por exemplo nós irmos, nós... hum... nós educandos do centro educativo hum alguns já foram tipo a escolas, dizer a turmas que estão em risco, falar sobre isso e se calhar tipo nós passarmos o nosso testemunho acho que é importante não só para o nosso futuro mas para o futuro de outras pessoas, por isso, acho que é fundamental tipo eu dizer, não é dizer é contar a minha experiência, também para o meu futuro e também para o dos outros, para saber parar e pensar “não eu não vou fazer isto porque eu não venho</p>	<p>Reconhece a importância do CE para si.</p> <p>Acredita que o seu testemunho pode prevenir outras pessoas de seguirem o mesmo caminho.</p>

	<p>parar ao centro educativo, nós temos de saber os nossos limites”.</p> <p>E – E achas que foi importante para o teu futuro estares aqui porque hum, no fundo já estavas a cometer crimes e o facto de vires parar aqui impede-te de cometeres, isso pode ter alguma influência ou não?</p> <p>P2 – Sim, completamente, claro que tem, se uma pessoa passa aqui supostamente é uma prática não voltar a cometer crimes, mas acho que, acho que porque eu já vi são maiores as pessoas que voltam para essas vidas do crime do que as que se conseguem safar. É verdade, infelizmente é verdade tenho colegas minhas que aqui dentro eram pessoas excepcionais, completamente com autocontrolo e chegaram lá fora e perderam-se por isso é que é completamente importante para o nosso futuro nós percebermos que estarmos aqui é fundamental para não voltarmos, para termos uma noção que “não, não vou fazer isto não porque não posso mas sim porque está errado”.</p> <p>E – Exato.</p>	
<p>P2 reconhece que com a ajuda do YLS conseguiu perceber o que estava bem e mal e a estabelecer não só objetivos para dentro do CE como a pensar em objetivos para fora do CE.</p>	<p>E – Agora o que é que tu achas do YLS/CMI? O que é que tu achas do instrumento?</p> <p>P2 – Se for aquilo que eu estou a pensar...</p> <p>E – Sim, aquilo dos objetivos...</p> <p>P2 – Que é tipo o PEP que nós fazemos?</p> <p>E – Sim, mas é... no fundo o que está neste instrumento depois passa para o PEP.</p> <p>P2 – Ok, não sei, porque isso é bué tipo bué psicló, é bué dos psicólogos, acho que acho que é bom porque acho que também nos ajuda a perceber onde é que, quais os nossos pontos fracos, é verdade há pessoas que não conseguem ver os seus pontos fracos e acho que é bom para estabelecer os nossos objetivos porque eu fiz isso</p>	<p>YLS visto como útil.</p> <p>YLS ajuda a ver os pontos fracos e a estabelecer objetivos.</p> <p>YLS ajudou a criar objetivos pessoais, para fora do CE.</p>

com a Dra. X, e é... também já me ajudou a perceber onde é que estava bem e onde estava mal.

E – Então sentes que serve para alguma coisa ou que é um coisa mais burocrática?

P2 – O que é burocrática?

E – É tipo mais um documento que tem de ser feito, estilo legislação.

P2 – Não, não acho que é bem isso, serve também, é mais tipo *deep*, é mais fundo, acho que vai mais fundo do que um documento qualquer, por isso acho que sim que serve para alguma coisa.

E – E achas que te ajudou de alguma forma a criar um objetivo para quando saíres daqui?

P2 – Hum hum

E – Sim? Desenvolve esse hum hum

P2 – Como é que eu hei de explicar? Tipo eu acho que me ajudou, porque eu não tinha em mente quando entrei aqui, não tinha em mente continuar a escola, não tinha em mente sequer, tipo não tinha em mente nada, tipo, e quando eu vi, e a primeira coisa que fazemos quando nos aplicam a medida ou se viemos já com medida aplicada fazemos logo é fazer esses o YLS e o PEP e essas coisas todas e... esse é aquele que tem 50 perguntas ou mais o YLS...

E – Não é bem perguntas mas é áreas onde a técnica mete as cruces do que...

P2 – Sim ok do que está mal, sim ok ok acho que, eu não sei explicar.

E – Mas achas que foi bom para ti esta coisa toda de criar objetivos e ações ou...?

P2 – Completamente, completamente, porque sem a ajuda desse programa e também da Dra. X acho que não criava simplesmente objetivos ficava só aqui a passear, as coisas

	<p>têm de ser faladas para se perceberem, por isso acho que sim.</p> <p>E – E achas que também te ajudou para lá para fora? A criar objetivos mesmo para o teu futuro?</p> <p>P2 – Para começar tipo a ver objetivos lá de fora, acho que sim, acho que sim, porque nós quando tamos aqui dentro nós só pensamos em “ah não, criar objetivos para aqui” mas conforme vai-se aproximando a nossa saída nós temos de pensar para além, e essa é ainda a minha dificuldade, é tenho objetivos lá para fora, mas tipo não penso muito nisso, acho que devia pensar mais.</p> <p>E – Ok, é assim também ainda tens um bocadinho de tempo.</p> <p>P2 – Pois, é isso.</p> <p>E – Mas começa a pensar nisso porque quanto mais tiveres objetivos estabelecidos lá para fora melhor vai correr bem, do que ires à deriva.</p> <p>P2 – Sim, é assim eu também sinto que se planear demais...</p> <p>E – Se não correr bem depois...</p> <p>P2 – Pois! E é assim, é isso, eu sou uma pessoa que depois... eu às vezes sou equilibrada mas outras vezes... hum não.</p> <p>E – Também ainda há trabalho a fazer.</p> <p>P2 – Pois (risos).</p> <p>E – Obrigada!</p> <p>P2 – Obrigada!</p>	
--	---	--

<p>P3 – Rapariga de 15 anos, foi-lhe aplicada medida de internamento de 2 anos, encontra-se institucionalizada há 10 meses em regime semiaberto por ter praticado crime de furto e crime de injúrias.</p>		
<p>Ao passar do tempo de ter sido institucionalizada, P3 passou de sentir que o CE não ia servir para nada para verificar uma melhoria em si mesma. É um local sentido como seguro.</p>	<p>E – Ok vou começar então por uma pergunta mais geral. Como é para ti estar aqui? E tenta dizer o mais detalhadamente possível... P3 – Hum, é importante... E – Estás à vontade... P3 – Eu já mudei muito aqui, eu no princípio quando entrei aqui achava que isso era mau, que não ia valer de nada, mas ao passar mais tempo aqui vi que tou melhor, isto educa basicamente, é um centro educativo. E – Hum hum P3 – Educa mesmo, gosto de estar aqui, porque os monitores e as doutoras e os técnicos tão sempre dispostos a ajudar-me. E – Ok... então como... o que é que tu sentes em estar aqui, agora? P3 – Sinto-me segura, segura. E – Ok, boa.</p>	<p>Sentimentos negativos face ao CE aquando da institucionalização.  Visão do CE como local que ensina e propicia a uma melhoria de si mesma (mudança de perceção).  CE sentido como local seguro.</p>
<p>P3 vê como aspetos positivos a educação, a sua melhoria, e as atividades exteriores.</p>	<p>E – Que aspetos positivos encontras em estar aqui? P3 – Hum, como eu disse isto educa, as coisas que eu tinha de mal estou a melhorar, estou a trabalhar para melhorar com o apoio dos técnicos e dos tutores. E também por exemplo, as atividades, nós quando passamos para a segunda fase podemos sair e é sempre bom porque há pessoas aqui que não têm lá fora, que os pais não têm aquela oportunidade de conhecer sítios novos e aqui nós temos por exemplo, museus e essas coisas. E – Ah vocês fazem essas visitas? P3 – Sim. E – Interessante.</p>	<p>CE providencia educação, atividades exteriores e possibilita uma melhoria pessoal, sentido como positivo.</p>
<p>P3 sente que</p>	<p>E – E que dificuldades encontras mais em estar aqui?</p>	<p>Privação de uma</p>

<p>aspectos negativos do CE é a privação de uma vida lá fora, de não poder sair e as muitas regras.</p>	<p>P3 – Como assim?  E – Aspectos negativos.  P3 – De mim?  E – Aqui, aqui do centro educativo.  P3 – Ah ok, não poder sair, ter uma vida lá fora obviamente. E isto tem muitas regras, tem muitas regras.  E – Ok, lá fora não tinhas muitas regras?  P3 – Não.  E – Nenhumas? Fazias o que querias quando querias...  P3 – Sim.  E – Ok então isso para ti é mau haver regras aqui ou até é bom?  P3 – É mau ter tantas regras mas pensando bem é bom, porque as regras têm algum sentido né?  E – Hum hum.</p>	<p>vida lá fora/  Privação da liberdade.</p> <p>Ambivalência em relação às regras: excesso de regras sentido como mau  Vs é bom ter regras porque têm sentido.</p>
<p>P3 expressa várias características de si própria, tanto qualidades como defeitos.  Refere que ganhou o gosto de estudar dentro do CE.  Aprendeu a ver as situações de forma diferente.</p>	<p>E – Então agora sim, fala-me um bocadinho sobre ti, ou seja qual é a tua opinião sobre ti própria? Como é que tu achas que és...  P3 – De qualidades, defeitos...  E – Sim...  P3 – Qualidades é sou amiga, divertida, carinhosa e gosto de passear de me divertir com os meus amigos, e de estudar também gosto de estudar, apesar de não estudar lá fora mas eu agora ganhei o gosto de estudar, de ler apontamentos de estar nas aulas. E defeitos é um bocado teimosa, respondona, tenho sempre a resposta na língua...  E – A sério? (risos) Isso também dependendo das pessoas pode ser bom ou mau!  P3 – Exato... sou um bocado empenhada...  E – Ok... por exemplo como é que sentes o teu comportamento? O que é que achas do teu comportamento?  P3 – Como assim...?</p>	<p>CE ajudou a ganhar o gosto pelos estudos.</p> <p>CE ajudou a ver as situações de forma diferente.</p>

	<p>E – Por exemplo, até podes comparar como era o teu comportamento antes de entrares e como é que é agora... Como eras lá fora e como és agora... Se o teu comportamento mudou...</p> <p>P3 – Sim, hum, tenho notado que, como é que eu hei de dizer... por exemplo que eu, repare, numa das situações que eu tinha lá fora eu via de uma forma e agora quando eu entrei vejo as mesmas situações mas de outra forma, por exemplo, vou dar um exemplo, lá fora se a minha mãe me dissesse que não a alguma coisa eu falava mal ou não reagia bem, mas agora, eu tenho visitas aqui de todos os familiares, agora se houver algum problema ou assim com a minha mãe de ela me dizer que não a qualquer coisa que eu ache que deva dizer que sim, eu consigo para dentro e para fora reagir bem...</p> <p>E – Ok controlas melhor...</p> <p>P3 – É isso...</p> <p>E – Ok... fixe. Estás a começar a controlar melhor os teus impulsos no fundo.</p> <p>P3 – Hum hum.</p> <p>E – E a respirar fundo...!</p> <p>P3 – Sim.</p> <p>E – Ok boa.</p>	
<p>P3 afirma sentir que não possui muito apoio da sua mãe, dado que esta tem um horário cheio. Refere que sentiu uma pequena melhoria na relação com a família.</p> <p>P3 passou por um</p>	<p>E – Hum, sentes-te apoiada pela tua família?</p> <p>P3 – Mais ou menos... pela minha mãe não muito porque ela tem muito trabalho e isso tudo e ela tá sempre com o horário cheio e sou sempre eu que lhe liga, ela muitas vezes não vem cá, só vem cá de duas em duas semanas. Não sinto muito apoio. Do meu tio, há uma relação tio e sobrinha, não é assim muito próxima. Da minha avó sim, mas ela já tá um bocado velhota, pronto, idosa e sinto que tá prestes a... pronto, a morrer entre aspas, ela tá muito doente e essas coisas todas.</p>	<p>Pequena melhoria na relação familiar.</p> <p>Trauma familiar significativo: morte do pai.</p>

<p>evento traumático, a morte do pai, que contribuiu para que a sua relação com a família se destabilizasse.</p>	<p>E – Ok... e sentes que houve alguma diferença na tua relação com a tua família como era antes e é agora?</p> <p>Achas que há alguma diferença?</p> <p>P3 – Sim mas pouca...</p> <p>E – Pouca...</p> <p>P3 – Sim...</p> <p>E – Ok, então a relação melhorou é isso? Com a tua mãe?</p> <p>P3 – Sim, com a minha mãe, com os meus avós da parte da mãe, com a minha avó, porque eu também tinha muitas discussões com a minha avó da parte do pai...</p> <p>E – Ok... pois tu vives só com a tua mãe não é?</p> <p>P3 – Sim... o meu pai faleceu quando eu tinha 9 anos...</p> <p>E – Foi difícil para ti...?</p> <p>P3 – Foi...</p> <p>E – E se calhar foi por isso que meteste um bocado neste mundo dos crimes...</p> <p>P3 – Sim, porque deixei de me dar bem com a minha mãe e isso tudo foi uma bola de neve...</p> <p>E – Pois... e agora como é que te sentes em relação a isso?</p> <p>P3 – Agora estou melhor... sei lá... mas fico um bocado triste com a minha avó porque era mãe do meu pai e não se dá com a minha mãe, não sei porquê...</p> <p>E – Elas não se davam as duas?</p> <p>P3 – Não, o meu pai e a minha mãe até se davam bem com a minha avó da parte do pai, só que depois quando ele morreu não sei se é porque a minha avó fazia-lhe lembrar o meu pai e não sei se ela não conseguia lidar bem com isso deixou-se de dar com a minha avó.</p> <p>E – Deve ter sido difícil para a tua avó também...</p> <p>P3 – Sim ela basicamente tá sozinha, só me tem a mim e até sofreu de depressão e essas coisas...</p> <p>E – Pois... deve ser muito difícil, para ti também...</p>	
--	--	--

	<p>P3 – Sim, claro, ver como uma pessoa que eu gosto tar assim.</p> <p>E – Até estou a ter dificuldades em passar para a próxima pergunta...</p> <p>P3 – Não, mas podes...</p> <p>E – Ok, então (risos).</p>	
<p>P3 refere as várias atividades que realizava em contexto de tempos livres.</p> <p>Estas atividades sobrepunham-se à escola.</p> <p>Inexistência de rotina e hábitos.</p>	<p>E – O que é que fazias antes nos teus tempos livres?</p> <p>P3 – Hum... ia à praia, ia às compras e saía com os meus amigos, ia à escola mas era mesmo só ao intervalo não gostava muito...</p> <p>E – E o que é que tu fazias com os teus amigos nos tempos livres?</p> <p>P3 – Saía e ia à praia com eles, ia às vezes a discotecas...</p> <p>E – Hum hum, e desculpa tu com a tua idade entravas em discotecas?</p> <p>P3 – Sim...</p> <p>E – Muito bem, e tomavas drogas com eles?</p> <p>P3 – Já já experimentei o tabaco só mas não...</p> <p>E – E álcool?</p> <p>P3 – Álcool sim, já bebi mas não tenho assim um gosto.</p> <p>E – Ok, ok. E pronto o que é que tu sentes em como passavas os teus tempos livres antes? O que é que sentes em relação a isso?</p> <p>P3 – Sinto que era bom como eu passava mas que não era saudável, por exemplo não tinha assim uma rotina, às vezes deixava de ir às aulas só para tar com os meus amigos, não tinha assim um horário, não tinha hábitos, um dia ficava em casa a comer cereais e a olhar para a televisão outro dia já ia sair com os amigos.</p> <p>E – Ok, então é a tal questão também das regras.</p> <p>P3 – Hum hum.</p>	<p>Inexistência de rotina e hábitos.</p> <p>Atividades com os amigos sobrepunham-se à escola.</p> <p>Tempos livres sentido como não saudável.</p>
<p>Com a mudança de uma escola privada</p>	<p>E – Fala-me então um pouco sobre os teus amigos.</p> <p>P3 – Quando eu, na minha instituição, eu andava numa</p>	<p>Mudança de contexto social.</p>

<p>para uma instituição também os pares se substituíram.</p> <p>P3 começou a interagir com pares desviantes.</p> <p>Expressa vontade de voltar a dar-se com amigos pró-sociais.</p>	<p>escola, antes de andar na instituição eu andava numa escola privada. Então os meus amigos eram assim betinhos, eram boas influências, pronto...</p> <p>E – E quando mudaste?</p> <p>P3 – Quando eu fui para a instituição é que me fiquei a dar com pessoas tipo assim de bairros, um bocado também com dificuldades em casa e essas coisas, roubavam e fumavam.</p> <p>E – Hum hum, e o que é que... imagina quem é que são os teus amigos, são os da escola dos betinhos ou os da instituição com quem fazias assim umas asneiras?</p> <p>P3 – Mais asneiras? Com quem é que eu fazia?</p> <p>E – Não, quem é que são mais os teus amigos?</p> <p>P3 – Ah, agora neste momento? nenhuns...</p> <p>E – A sério? Então não te sentes apoiada por eles?</p> <p>P3 – Por amigos não. Mas eu tenciono lá fora dar-me mais com os betinhos e isso.</p> <p>E – É assim, tens de saber que andares mais com os betinhos ou até andares com miúdos do bairro que simplesmente não tens de fazer asneiras com eles, não é?</p> <p>P3 – Sim mas eu gosto mais de me dar com as pessoas tipo a senhora tá a ver, que anda na faculdade, que tem uma boa conversa que não fica aí a conversar sobre ganzas e essas coisas.</p> <p>E – Então isso é bom, tu sabes mais ou menos o que é que tu queres.</p> <p>P3 – Sim.</p> <p>E – Ok.</p>	<p>Relação com pares desviantes.</p> <p>Vontade de criar relações com pares pró-sociais.</p>
<p>Em CE P3 percebeu que tem capacidades cognitivas constituindo a</p>	<p>E – Então e como é que tu te sentes no geral em relação à escola? Como é que te sentes?</p> <p>P3 – Aqui dentro?</p> <p>E – Agora.</p> <p>P3 – Sinto que afinal tenho capacidades, que sou</p>	<p>Sente que tem capacidades intelectuais.</p> <p>Desejo de seguir</p>

<p>vontade de seguir os estudos a um nível académico. Reconhece a importância da escola.</p>	<p>inteligente e que se me esforçar que também gostava de andar na faculdade mas não sei, porque eu como chumbei perdi muitas bases.</p> <p>E – Hum hum, é assim tu aqui estás a tirar equivalência ao 9º ano e quando saíres entras no secundário normalmente.</p> <p>P3 – Mas aqui a escola é diferente, é muito mais fácil, não nos dá aquela matéria do 9º ano.</p> <p>E – Ok mas isso não impede que tu faças o secundário, simplesmente sabes que vais ter de trabalhar um bocadinho mais.</p> <p>P3 – Hum hum.</p> <p>E – Então achas que a escola serve para alguma coisa?</p> <p>P3 – Claro.</p> <p>E – Para quê?</p> <p>P3 – Para adquirirmos conhecimentos, também serve para termos valores, educam-nos também.</p> <p>E – Ok, boa.</p>	<p>estudos a nível académico.</p> <p>Reconhece a importância da escola.</p>
<p>P3 refere que tem planos para o futuro a nível escolar e familiar.</p>	<p>E – Diz-me que planos é que tens para o teu futuro?</p> <p>P3 – Concluir o 12º ano, se eu conseguir ir para a faculdade, continuar a viver com a minha mãe, gostava de ser psicóloga. E pronto, ter uma relação estável com a minha mãe.</p> <p>E – Ok, boa. Então tens algum projeto ou assim algum plano para quando saíres daqui?</p> <p>P3 – Arranjar, fazer assim algum curso de psicologia, que aqui dão, quando nós sairmos daqui temos logo um trabalho ou um curso e eu gostava de fazer isso.</p>	<p>Tem planos a um nível académico.</p> <p>Vontade de uma relação estável com a mãe.</p>
<p>P3 expressa sentimentos de insegurança, receio de ser influenciada e simultaneamente</p>	<p>E – Ok, que sentimentos tens quando pensas na tua saída? Daqui do centro educativo.</p> <p>P3 – Sinto-me um bocado insegura porque eu não sei como é que eu vou reagir lá fora, aqui mesmo quando tenho um problema aqui dentro tenho sempre alguém a</p>	<p>Sentimentos de insegurança, medo e receio de ser influenciada aquando da saída do</p>

<p>de felicidade aquando da saída do CE.</p>	<p>dar-me apoio, a chamar-me à razão, lá fora não sei e lá fora é muito mais perigoso, tenho pessoas que posso ser influenciada e essas coisas, mas também me sinto feliz não é, tenho a minha liberdade.</p> <p>E – Então, sentes que tens um bocado medo de quando saíres de não teres apoio, ter alguém que te ajude a guiar?</p> <p>P3 – Hum hum.</p> <p>E – É assim eu acho que até tu saíres daqui também já vais ter mais confiança em ti própria, é uma coisa que vocês devem estar a trabalhar de certeza.</p> <p>P3 – Sim.</p> <p>E – Mas eu compreendo que tenhas esse medo, é normal.</p>	<p>CE.</p> <p>Sentimentos de felicidade com o ganho de liberdade aquando da saída do CE.</p>
<p>P3 gostava de uma atitude de demonstração por parte da mãe de um apoio aquando da saída do CE.</p>	<p>E – Ok e o que gostarias que te acontecesse quando saíres de aqui?</p> <p>P3 – Acho que...</p> <p>E – O que é que gostarias que mais te acontecesse quando saíres daqui?</p> <p>P3 – Tipo acontecesse uma coisa ou...?</p> <p>E – Hum hum uma coisa a ti.</p> <p>P3 – Uma atitude assim boa da minha mãe, tipo “tô contigo” assim um apoio.</p> <p>E – Ok é bonito pensares isso.</p>	<p>Desejo de uma atitude de apoio por parte da mãe.</p>
<p>Refere que como dificuldade aquando da saída do CE é o responder à mãe.</p>	<p>E – Achas que na tua opinião vais ter algumas dificuldades quando saíres daqui? Acho que no fundo também já disseste assim um bocadinho, mas lembraste assim de mais alguma dificuldade que possas ter?</p> <p>P3 – É só assim, de responder à minha mãe, essas coisas, acho que não vou responder mas posso ter alguma dificuldade.</p>	<p>Perceção de como possível dificuldade, aquando da saída do CE, não se conseguir impedir de responder à mãe.</p>
<p>P3 reconhece a importância para o seu futuro de ter sido</p>	<p>E – E achas que para o teu futuro foi ou é importante para ti estares aqui?</p> <p>P3 – Sim, muito.</p> <p>E – Porquê?</p>	<p>Reconhece a importância da institucionalização em CE para o seu</p>

<p>institucionalizada em CE.</p> <p>CE mudou a sua forma de ser.</p>	<p>P3 – Porque mudou-me, a minha maneira de pensar a minha maneira de agir, mudou tudo.</p> <p>E – Ok, e para o teu futuro foi importante estares aqui?</p> <p>P3 – Sim.</p>	<p>futuro.</p> <p>CE mudou a sua forma de ser.</p>
<p>Reconhece que o YLS é útil no sentido de perceber o que tem de mudar em si através de objetivos.</p> <p>YLS ajudou a criar objetivos para a sua vida fora do CE, a nível familiar, escolar e de tempos livres.</p>	<p>E – Sabes qual é que é o instrumento, o YLS? (Mostrei o instrumento).</p> <p>P3 – Isso não é o PI?</p> <p>E – Estás a falar do PEP?</p> <p>P3 – Ah sim, desculpe.</p> <p>E – Não, não é o PEP mas normalmente o que fazes neste instrumento vai para o PEP.</p> <p>P3 – Ah sim já fiz com a psicóloga daqui.</p> <p>E – Então sabes o que é?</p> <p>P3 – Sim.</p> <p>E – Ok então o que é que achas deste instrumento?</p> <p>P3 – Este instrumento não é aquilo que pergunta se já fizeste isso e o que é que achas de ti, é isso?</p> <p>E – É mais tu e a técnica decidem alguns objetivos e...</p> <p>P3 – Ah o que é que tenho de mudar, e essas coisas?</p> <p>E – Sim e depois as ações para atingires os objetivos.</p> <p>P3 – Sim já sei.</p> <p>E – Ok o que é que tu achas sobre isso?</p> <p>P3 – Acho que é bom.</p> <p>E – É bom? Porquê? Desenvolve um bocadinho isso.</p> <p>P3 – É porque treinamos, temos sempre, é um objetivo, não é tipo “P3 tens de mudar isto e isto”, é tens mesmo escrito o que é que eu tenho de mudar e o que é que eu tenho de mais trabalhar.</p> <p>E – Ok, no fundo teres os objetivos à tua frente com as tuas características é melhor para ti, tens de fazer isto e isto.</p> <p>P3 – Sim, sim.</p> <p>E – E sentes que serve para alguma coisa? O instrumento.</p>	<p>YLS ajudou a perceber o que tinha de mudar.</p> <p>YLS é útil porque ajudou a criar objetivos tanto em CE como para o seu futuro fora do CE.</p>

	<p>P3 – Sinto, que é para isso mesmo, para eu olhar para os objetivos que eu tenho e ver se já atingi o pretendido ou não.</p> <p>E – E achas que este instrumento te ajudou de alguma forma a criar algum objetivo para quando saíres daqui do centro educativo ou...</p> <p>P3 – Sim, dar-me bem com a minha mãe, também tenho aí escrito “respeitar e perceber que a minha mãe é autoridade”.</p> <p>E – Ok e mais?</p> <p>P3 – Estudar, ter também lá escrito ter ocupação no meu dia a dia, por exemplo ter um desporto qualquer.</p> <p>E – Hum hum, ter uma atividade estruturada. E já pensaste em algum desporto para ti?</p> <p>P3 – Pensei em andebol, gosto imenso de andebol.</p> <p>E – Vocês fazem isso cá?</p> <p>P3 – Sim com o professor de educação física.</p> <p>E – Ok, então quando saíres depois inscreves-te numa equipa é isso?</p> <p>P3 – Sim gostava.</p> <p>E – Ok boa! E mais coisas?</p> <p>P3 – Também gosto de dança, hip-hop ou contemporânea.</p> <p>E – Ok então no fundo o YLS foi bom para ti porque te ajudou a criar objetivos?</p> <p>P3 – Sim.</p> <p>E – Para ti própria?</p> <p>P3 – Hum hum.</p> <p>E – Ok fixe. Obrigada!</p>	
--	--	--

<p>P4 – Rapariga de 16 anos, foi-lhe aplicada medida de internamento de 1 ano e 3 meses, encontra-se institucionalizada há 1 ano e 2 meses em regime aberto por ter praticado crime de roubo em coautoria, crime de dano e 2 crimes de injúria.</p>		
<p>P4 refere que o CE é tanto bom como mau. Sente que é bom no sentido de aprender a ver as coisas de forma diferente, e a reconhecer os comportamentos incorretos que tinha. Sente que aprendeu diversas coisas dentro do CE.</p>	<p>E – Vou começar por fazer uma pergunta mais geral. Como é para ti estar aqui? P4 – É... é bom mas ao mesmo tempo mau. E – Então? P4 – É bom mas ao mesmo tempo porque nos fez, nos fez parar o que nós estávamos a fazer de mal e fez-nos ver as coisas de maneira diferente, fez-nos ver as coisas de melhor maneira. Fez-nos aprender que, que às vezes era incorreto certos comportamentos que tínhamos lá fora, e faz-nos ver de outra maneira, faz-nos ver de uma maneira melhor e estamos aqui para supostamente aprendermos a viver em sociedade de uma maneira diferente do que nós vivíamos lá fora. E – Então o que é que sentes em estar aqui? P4 – Sinto que mudei e que coisas que eu fazia lá fora não eram certas, aprendi a fazer muita coisa aqui dentro, aprendi a ter respeito pelas pessoas, hum bom, muita coisa.</p>	<p>Ambivalência em relação ao CE.</p> <p>Mudou a sua forma de ver as coisas.</p> <p>Reconhecimento de comportamentos incorretos fora do CE.</p> <p>Aprendizagens em CE.</p>
<p>Como pontos positivos refere o respeito pelas outras pessoas, a organização e forma diferente de ver as coisas.</p>	<p>E – Ok então que aspetos positivos é que encontras em estar aqui? Só positivos agora. P4 – Hum... respeitar as outras pessoas, organizarmo-nos, vermos as coisas de maneira diferente... E – Ok.</p>	<p>Respeito pelas outras pessoas.</p> <p>Organização.</p> <p>Ver as coisas de forma diferente.</p>
<p>Como aspeto negativo refere as regras que apesar de tudo reconhece que é para o seu</p>	<p>E – Então e que aspetos negativos, ou seja, que dificuldades é que encontras em estar aqui? P4 – As regras, as regras são bastante difíceis, chatearem-nos muito para nós, ou seja, quando nos chateiam muito é para o nosso bem, é para nós mudarmos esses tipos de</p>	<p>Regras como algo mau.</p>

bem.	<p>comportamentos, chateiam-nos muito.</p> <p>E – Hum hum, isso é uma coisa má? Fazem demasiada pressão?</p> <p>P4 – Fazem muita pressão, às vezes é uma coisa má mas ao mesmo tempo também é boa.</p> <p>E – Ok.</p>	
Aqui P4 menciona algumas das suas características.	<p>E – Agora fala-me um bocadinho sobre ti, ou seja, qual é a tua opinião que tens sobre ti própria, como é que tu achas que és? Pode ser tanto aspetos positivos como negativos.</p> <p>P4 – Sou uma pessoa, sou uma pessoa simpática, sou uma pessoa que sabe respeitar os outros, sou uma pessoa que gosta de aprender coisas novas, sou uma pessoa compreensiva, às vezes sou chata! Hum...</p> <p>E – Ok e coisas assim mais negativas que aches que tens?</p> <p>P4 – Às vezes não consigo lidar com o sentimento do entusiasmo, às vezes eu entusiasmo-me muito e depois às vezes não sei controlar essas brincadeiras...</p> <p>E – Ok por exemplo?</p> <p>P4 – Hum... agora assim de repente não me lembro de nada.</p> <p>E – Ok.</p>	<p>Descrição de si própria como simpática, respeitadora, compreensiva e chata.</p> <p>Dificuldade de autocontrolo.</p>
Refere sentir-se apoiada pela sua família bem como uma melhoria significativa na sua relação com a mãe.	<p>E – Sentes que és apoiada pela tua família?</p> <p>P4 – Sinto.</p> <p>E – Sentes que houve alguma diferença entre a tua relação com eles antes e a relação com eles agora?</p> <p>P4 – Sim bastante.</p> <p>E – Sim? Tipo o quê?</p> <p>P4 – Hum, eu e a minha mãe tínhamos uma relação que era basicamente discutir todos os dias, discutíamos, discutíamos, discutíamos, porque eu era teimosa, porque ela dizia-me isto e aquilo e eu não queria saber, e agora eu já ouço mais, ela já me ouve mais e já temos uma</p>	<p>Apoio familiar.</p> <p>Melhoria significativa na relação com a mãe.</p>

	<p>relação melhor.</p> <p>E – Boa. E com o resto da tua família? Com o teu pai?</p> <p>P4 – Sempre foi uma relação boa.</p>	
<p>Reconhece que os seus tempos livres a impossibilitaram de focar-se e ir à escola.</p>	<p>E – Ok e o que é que fazias nos teus tempos livres?</p> <p>Antes, lá fora.</p> <p>P4 – Ia às compras, estava com os amigos, ia sair, isso tudo.</p> <p>E – E o que é que tu sentes em relação a isso? Em como eram os teus tempos livres antes.</p> <p>P4 – Hum eram bons mas ao mesmo tempo eram depois distraía-me da escola, não ia à escola, queria tar com os amigos, ia passear para ali, dar uma volta, ir sair e depois não queria saber da escola. Abstraía-me muito.</p>	<p>Reconhecimento dos tempos livres como fator de absentismo escolar.</p>
<p>Reconhece a importância da escola bem como da sua utilidade para o futuro.</p>	<p>E – O que é que tu sentes em relação à escola?</p> <p>P4 – A escola é muito importante para nós para aprendermos a escrever, a ler, ensinam-nos línguas, ensinam-nos coisas novas, aprendemos todos os dias. E eu acho que é importante termos estudos na vida para sermos alguém.</p> <p>E – Ok, e antes? Antes não pensavas dessa forma?</p> <p>P4 – Antes não pensava muito assim “ya a escola, tenho tempo, ainda sou nova ainda tenho tempo para fazer a escola toda e não sei quê” não queria saber.</p> <p>E – Pois então achas que a escola serve para alguma coisa?</p> <p>P4 – Sim.</p> <p>E – Estavas a dizer que serve para ter um futuro.</p> <p>P4 – Sim.</p>	<p>Reconhece a importância da escola.</p> <p>Escola útil para o futuro.</p>
<p>Consumo de álcool.</p>	<p>E – Então e tomavas drogas com os teus amigos?</p> <p>P4 – Não.</p> <p>E – E álcool?</p> <p>P4 – Sim.</p> <p>E – Quando ias sair?</p>	<p>Consumo de álcool.</p>

	<p>P4 – Sim.</p> <p>E – Ou mesmo no dia a dia também?</p> <p>P4 – Não, só quando ia sair.</p>	
<p>Sente-se apoiada pelos seus verdadeiros amigos. Cometia crimes com conhecidos, e de vez em quando reprovava e alertava-os de comportamentos desviantes que considerava desnecessários.</p>	<p>E – Ok. E fala-me um pouco sobre os teus amigos.</p> <p>P4 – Hum, pessoas divertidas, algumas faziam coisas que não deviam ser feitas, que consumiam...</p> <p>E – Drogas?</p> <p>P4 – Drogas, fumavam só.</p> <p>E – Hum hum, então e sentes-te apoiada pelos teus amigos?</p> <p>P4 – Hum... si... por alguns, por alguns dos meus amigos que nunca se meteram na má vida, ou seja, nunca fumaram, trabalham, que tão na escola, sim, por esses meus amigos verdadeiros sinto-me apoiada.</p> <p>E – Ok, e os outros?</p> <p>P4 – Os outros não eram bem amigos, eram conhecidos, andavam na má vida.</p> <p>E – E tu andavas com eles?</p> <p>P4 – Sim, vamos supor que sim.</p> <p>E – Supor que sim?</p> <p>P4 – Sim.</p> <p>E – Sabes que aqui podes falar à vontade!</p> <p>P4 – Hum, muitas das vezes eu também fazia...</p> <p>E – Porcaria?</p> <p>P4 – Sim, porcaria com eles mas ao mesmo tempo também às vezes faziam porcarias que eu dizia “epa porque é que fizeste isso?”, às vezes eram porcarias desnecessárias que eles faziam.</p> <p>E – Tipo o quê? Dá-me um exemplo de uma porcaria desnecessária, só para ter uma noção.</p> <p>P4 – Tipo meterem-se com os miúdos mais novos, na escola.</p> <p>E – Ok e tu não gostavas muito disso?</p>	<p>Sente-se apoiada pelos seus amigos.</p> <p>Comportamentos desviantes com pares em tempos livres.</p> <p>Reprovação de certos comportamentos desviantes de conhecidos.</p>

	<p>P4 – Não gostava muito disso porque são miúdos mais novos, nós somos mais velhos, também às vezes temos de dar o exemplo, e se eles também tivessem irmãos não iam gostar que fizessem isso. Às vezes eu chamava assim um bocado à razão a eles.</p> <p>E – Ok boa.</p>	
<p>Fala sobre os seus planos para o futuro a nível profissional e académico.</p>	<p>E – Diz-me que planos é que tens para o teu futuro?</p> <p>P4 – Quando eu sair daqui vou estagiar numa cozinha de um hotel...</p> <p>E – Uau isso já está mesmo delineado.</p> <p>P4 – Sim hum, vou estagiar, depois vou para a escola vou tirar o 12º ano, curso de pastelaria e, e depois acabo a escola e vou arranjar um emprego na área que eu gosto que é cozinha/pastelaria.</p> <p>E – Ok fixe, então tens algum plano para quando saíres daqui? Falta só um mês!</p> <p>P4 – Hum, o meu plano é estagiar, depois aceitarem-me numa escola boa, tirar o 12º ano e... depois gostava de ter um negócio, uma pastelaria um dia.</p> <p>E – Boa!</p>	<p>Planos para o futuro a nível profissional e académico.</p>
<p>Expressa sentimentos de ansiedade e medo aquando da saída do CE. Sair do CE é como que recomeçar a vida de novo. Tem medo de seguir um mau caminho com o pouco apoio (comparado ao que</p>	<p>E – E que sentimentos é que tens quando pensas na tua saída? Daqui do centro educativo.</p> <p>P4 – Ansiedade, medo.</p> <p>E – Medo, do quê?</p> <p>P4 – Medo porque a nossa vida vai começar outra vez, do zero entre aspas, vai começar de novo mas lá fora, ou seja, lá fora não tenho tantas pessoas ao pé de mim, tanto apoio, ou seja, tenho a minha família. Aqui dentro tenho a minha família, os monitores, os doutores, os técnicos, muitas pessoas, as colegas, os professores, tenho muitas pessoas a ajudarem-me, lá fora só tenho a família. Ou seja, é um bocado mais difícil, e se nós não seguirmos um bom caminho, ou seja perdemos-nos e eu às vezes penso</p>	<p>Sentimentos de ansiedade e medo.</p> <p>Sair do CE é como recomeçar a vida de novo.</p> <p>Receio de seguir um mau caminho fora do CE pela falta de apoio.</p>

<p>tem agora) fora do CE.</p>	<p>nisso, tenho um bocado de medo mas ao mesmo tempo tenho coragem para avançar com a minha vida lá fora. Mas tou bastante ansiosa. E – Ok boa.</p>	
<p>Expressa vontade de realizar um workshop aquando da sua saída do CE.</p>	<p>E – O que é que tu mais gostarias que te acontecesse quando saíres daqui do centro educativo? P4 – Não sei... E – Pensa assim alguma coisa que tu gostasses, imagina, agora saís do centro educativo amanhã o que é que gostavas de fazer ou que te acontecesse? P4 – Adorava fazer um workshop de decorar bolos, de fazer bolos. E – Decoração de bolos... P4 – Sim, decoração de bolos, acho que era super giro. E – Ok fixe. Tens mesmo essa paixão pelos bolos não é? P4 – Hum sim, por cozinhar e bolos, tudo o que seja na cozinha eu adoro. E – Ainda bem porque eu adoro bolos!</p>	<p>Vontade de realizar um workshop aquando da saída do CE.</p>
<p>Sente que vai ter dificuldades mas que vai conseguir superá-las.</p>	<p>E – Na tua opinião pensas que vais ter algumas dificuldades quando saíres do centro educativo? P4 – Sim, a minha vida não vai ser perfeita, vai ter altos e baixos, mas claro que vou ter algumas dificuldades, mas vou conseguir superá-las. E – Ok, portanto estás preparada para isso? P4 – Sim, acho que tou preparada. E – Ok boa.</p>	<p>Reconhecimento de dificuldades aquando da saída do CE mas que as vai superar.</p>
<p>Reconhece importância de ter sido institucionalizada a nível escolar e pessoal e a nível de oportunidades.</p>	<p>E – Pensas que para o teu futuro foi importante estares aqui? P4 – Sim. E – Porquê? P4 – Porque eu se não tivesse vindo para aqui acho que nunca mais ia à escola, acho que não conseguiria usufruir de uma formação que eu adoro, aqui tenho formação, e lá</p>	<p>Reconhecimento da importância da institucionalização a nível escolar e pessoal. Reconhecimento da</p>

	<p>fora se eu não evoluísse acho que não tinha nenhuma dessas oportunidades.</p> <p>E – Pois.</p> <p>P4 – E eu aqui mudei muito e tive oportunidades de fazer o que eu gosto.</p> <p>E – Boa.</p>	<p>importância da institucionalização a nível de oportunidades.</p>
<p>Reconhece que o YLS é bom para atingir os objetivos pretendidos e a sua utilidade para o planeamento da vida em CE e fora do CE.</p>	<p>E – Sabes aquele instrumento, o YLS/CMI? (mostro o instrumento)</p> <p>P4 – Sim, sei o que é.</p> <p>E – Lembras-te de o fazer?</p> <p>P4 – Sim.</p> <p>E – Com a tua psicóloga ou técnica.</p> <p>P4 – Sim.</p> <p>E – O que é que tu achas do instrumento? Dos objetivos e das ações para atingires os objetivos.</p> <p>P4 – Acho que é bom porque conseguimos ver os nossos objetivos que queremos atingir, o que queremos mudar e é supostamente um plano que nós fazemos para as nossas vidas aqui dentro. Se vamos conseguir obter o 9º ano, o 6º ano, se não.</p> <p>E – Hum hum, os objetivos não é só em relação à escola.</p> <p>P4 – Sim eu sei, em relação a vários tipos de comportamentos, a dar melhor com as colegas.</p> <p>E – Então achas que este instrumento serve para alguma coisa?</p> <p>P4 – Sim.</p> <p>E – Serve para quê?</p> <p>P4 – Serve para planearmos a nossa vida.</p> <p>E – Cá dentro?</p> <p>P4 – Sim, cá dentro.</p> <p>E – E tu achas que este instrumento te ajudou de certa forma a delinear algum objetivo para quando saíres daqui, para o teu futuro, para t?</p>	<p>YLS visto como um bom instrumento.</p> <p>YLS útil para atingir os objetivos pretendidos dentro do CE.</p> <p>YLS ajudou a delinear objetivos para um futuro fora do CE.</p>

	<p>P4 – Sim.</p> <p>E – Sim? Por exemplo, o teu objetivo é se calhar um dia tirar um curso de culinária, uma formação em decoração de bolos e se calhar um dia abrires uma loja para venderes bolos, pastelaria. Achas que este instrumento, não só em relação a isso, mas achas que te ajudou...</p> <p>P4 – Sim, a várias coisas!</p> <p>E – Achas que te ajudou de certa forma a delineares esses objetivos mesmo para ti própria? Comportamentos que queres mudar.</p> <p>P4 – Ajudou bastante.</p> <p>E – Para o teu futuro?</p> <p>P4 – Sim, também.</p>	
<p>Reconhece que a harmonia familiar melhorou significativamente através da sua própria melhoria a nível pessoal.</p>	<p>E – Não falaste muito da tua relação com a tua família, da relação com o teu pai.</p> <p>P4 – Eu sempre me dei bem com o meu pai, hum, é basicamente dei-me bem com o meu pai, com a minha tia também sempre me dei bem, com os meus tios também me dei bem até um dia.</p> <p>E – Como é essa harmonia de viverem todos juntos?</p> <p>P4 – É bom quando não há discussões.</p> <p>E – Costumam discutir entre eles também?</p> <p>P4 – Às vezes quando se chateiam com alguma coisa ou porque não fizeram isto ou porque às vezes discutem. Agora já não, antigamente aborrecia-me acho que discutiam um bocado mais mas também por causa de mim, e agora não, acho que eu como mudei eles também viram que também já não é preciso fazer tanto alarido por causa de mim.</p> <p>E – Hum, está bem, agora desde que estás aqui?</p> <p>P4 – Sim. Mas eu principalmente mudei bastante a relação com a minha mãe, porque eu e a minha mãe era todos os dias aos gritos era todos os dias chamar nomes</p>	<p>Reconhece uma melhoria significativa na relação familiar devido à sua melhoria a nível pessoal.</p>

	<p>uma à outra, hum...</p> <p>E – E isso já não acontece desde que estás aqui?</p> <p>P4 – Sim, no início ainda acontecia um bocadinho, eu e ela ainda, mas agora já nos damos melhor.</p> <p>E – Ok, boa. O que é que os teus pais fazem?</p> <p>P4 – O meu pai é eletricista e a minha mãe é empregada de limpezas.</p> <p>E – Ok. Então têm tempo para estar contigo?</p> <p>P4 – Sim.</p> <p>E – Ok. Acho que não tenho assim mais nada para te perguntar, a não ser que me queiras dizer assim, que te lembras de mais alguma coisa, de como é que te sentes em relação a alguma coisa.</p> <p>P4 – Acho que não me lembro de mais nada.</p> <p>E – Ok, obrigada!</p>	
--	--	--

<p>P5 – Rapaz de 17 anos, foi-lhe aplicado medida de internamento de 4 anos, encontra-se institucionalizado há 2 anos em regime fechado por ter praticado crime de tentativa de homicídio.</p>		
<p>P5 já se sente mais habituado em estar no CE mas refere que foi difícil habituar-se ao regime fechado, que não concordava com o sistema e que não respeitava as autoridades.</p>	<p>E – Vou começar com uma pergunta mais geral. Como é para ti estar aqui?</p> <p>P5 – Agora já tou mais habituado mas no início foi mais difícil habituar-me à situação, ao regime de tar fechado e essas cenas assim ya.</p> <p>E – Como foi no início? Quando entraste.</p> <p>P5 – Comecei um bocado mal, não concordava com o sistema, não queria seguir nada, só queria tar no meu canto, diziam-me para fazer qualquer cena não fazia, andava sempre à porrada, era diferente. Agora tou mais ambientado, já consigo separar as coisas.</p> <p>E – Ok, agora consegues seguir as regras?</p> <p>P5 – Numa maneira geral, ya.</p> <p>E – Ok.</p>	<p>Sente-se ambientado e habituado ao CE.</p> <p>Aprendeu a respeitar as autoridades e a seguir as regras.</p>
<p>P5 refere que como aspetos positivos é a possibilidade de acabar os estudos que sentia ser impossível concluir. Para além da escolaridade refere que consegue pensar e querer uma vida diferente da que tinha outrora fora do CE. Agora consegue refletir nas consequências e não agir</p>	<p>E – E que aspetos positivos é que tu encontras em estar aqui dentro?</p> <p>P5 – Acabei o 9º ano, basicamente lá fora não ia conseguir de certeza absoluta. Já tou a pensar numa maneira diferente de viver, já não quero saber desta vida que é tipo um bocado foleira, se tá a perceber.</p> <p>E – O quê, a vida criminosa?</p> <p>P5 – Exatamente, não tem saída e tive que vir para aqui para ver isso.</p> <p>E – Ok, então no fundo isto ajudou-te a ver, a percecionares as coisas de uma forma diferente.</p> <p>P5 – Exatamente.</p> <p>E – Ok. E mais coisas?</p> <p>P5 – Não sei, já tenho outra maneira de pensar, já um bocado mais à frente em vez de tar sempre no mesmo sítio já tou a pensar “se fizer isto assim, depois vai ser pior, então tenho de fazer doutra maneira”.</p>	<p>Vê o CE como local de aprendizagens, com oportunidade para concluir os estudos.</p> <p>Mudança de perspetiva sobre si e sobre o seu futuro.</p> <p>Aprendeu a conter os seus impulsos e refletir nas consequências.</p>

impulsivamente.	<p>E – Ok, então já consegues no fundo calcular se vale a pena fazer isto ou aquilo ou não.</p> <p>P5 – Exatamente.</p> <p>E – Ok.</p>	
<p>P5 refere que como aspeto negativo é o facto de estar fechado e de não poder ter a liberdade de fazer o que quer e de ter várias pessoas a controlar o seu comportamento.</p>	<p>E – Que dificuldades é que tu encontras em estar aqui? Assim mais aspetos negativos.</p> <p>P5 – É estar aqui basicamente. Estar fechado por exemplo não posso fazer o que quero, não... é diferente, não sei muito bem explicar, hum, como é que hei de dizer isto, por exemplo lá fora não tinha limites, eu fazia o que queria basicamente, mais ou menos fazia o que queria, não tinha quem mandasse em mim, a minha mãe tava lá mas era como se não tivesse. E aqui não, aqui é como se tivesse a minha mãe mais mil pessoas a dizer tenho que fazer isto e assado, e basicamente é isso ya. É diferente, não posso fazer o que quero, hum, faço uma coisa mal tenho sempre lá alguém para dizer “olha isto não é assim nem é assado, é assim e cozido” prontos.</p> <p>E – Hum hum, ok.</p>	<p>Privação da liberdade.</p> <p>Sentimento de controlo do seu comportamento por parte de várias pessoas no CE.</p> <p>Não havia supervisão parental (da mãe).</p>
<p>P5 refere ser uma pessoa calma que não gosta de se envolver em confusões e que gosta de se isolar e observar. Sente que se não tivesse sido por um momento em questão que não teria ido parar ao CE.</p>	<p>E – Agora fala-me um bocadinho sobre ti. Sobre o que é que tu achas que és.</p> <p>P5 – Sou uma pessoa calma, não gosto muito de confusões, hum, quero tar sempre no meu canto, não gosto de por exemplo meter-me com pessoas, não gosto ter que tipo, se uma pessoa tá a fazer uma coisa mal eu vou lá e digo, agora se a pessoa tá no canto dela gosto de tar ao pé dela, tipo a gozar com ela ou uma coisa assim, gosto de tar com ela mais retirado no meu canto, isolado, a ver as coisas a passar, gosto mais de observar do que falar.</p> <p>E – Ok.</p> <p>P5 – Não sei, se não fosse por aquele momento acho que não tava aqui. Basicamente é isso.</p>	<p>Considera-se uma pessoa calma e observadora.</p> <p>Referência a um momento em que não conseguiu lidar com a frustração que o levou ao CE.</p>

	E – Ok.	
P5 sente-se apoiado pela mãe nas situações em que esta está presente, no entanto quando não estão em contacto que não sabe se é apoiado. Tem dúvidas quanto a se a sua mãe pensa em si ou não e se fala bem ou não de si quando não estão juntos. No entanto sente uma melhoria na relação com a mãe.	<p>E – Sentes-te apoiado pela tua família?</p> <p>P5 – Há certas situações, sim.</p> <p>E – Como assim? Quais é que são essas certas situações?</p> <p>P5 – Por exemplo, aqui vêm-me ver ya, de vez em quando, quando podem vir-me ver, no tribunal tão sempre lá por mim, tão sempre a apoiar, hum, quando a equipa da DGRSP foi a minha casa a minha mãe falou bem comigo, podia ter falado mal de tantas coisas que fiz lá fora, podia ter falado mal mas não falou. Hum, tão-me sempre a apoiar-me, acho que isso é bom não sei.</p> <p>E – Claro. E sentes que há alguma diferença na relação com a tua família agora, neste caso com a tua mãe e a relação com a tua mãe antes?</p> <p>P5 – Acho que tamos um bocado mais ligados mas é difícil dizer, eu tou cá dentro e não sei o que é que ela tá a fazer lá fora tá a perceber? Não sei se só quando a gente tá junto é que ela tá a pensar em mim ou se não, tá a perceber? É mais isso.</p> <p>E – Então não sentes que haja muita diferença?</p> <p>P5 – Sinto, sinto que estamos um bocado mais ligados, ela tem mais paciência para me aturar, quer tar lá, tá a perceber? Mas não, como eu disse, não sei o que se passa lá fora, não sei se ela tá a pensar em mim, se ela fala bem ou fala mal.</p>	<p>Sente uma melhoria na relação com a mãe.</p> <p>Sente apoio familiar.</p> <p>Dúvidas quanto à mãe quando não estão em contacto.</p>
P5 refere que não tinha hábitos regulares que a sua vida era em tempos livres pois todas as escolas o rejeitaram devido ao seu currículo. Então	<p>E – O que é que tu fazias nos teus tempos livres lá fora?</p> <p>P5 – Ui, muita coisa, sair com amigos, cinema, jogar à bola, muitas cenas, era diferente. Eu fumava lá fora por isso ou tava no bairro também com os amigos aí a fumar ou ouvir música, às vezes íamos para o estúdio de vez em quando brincar com...</p> <p>E – Estúdio de quê?</p> <p>P5 – De música, íamos brincar um bocado mas não era</p>	<p>Hábitos irregulares sem atividades estruturadas.</p> <p>Tempos livres com comportamentos desviantes.</p>

<p>realizava diversas atividades com consumo de drogas com os pares. Não sente que o consumo de drogas fosse algo de mal para si, gostava e pretende continuar. Sente-se mal por trazer desgosto à sua mãe.</p>	<p>nada profissional, não era nada disso.</p> <p>E – Ok. Tu disseste que fazias muita porcaria lá fora era nos teus tempos livres que fazias?</p> <p>P5 – Eu basicamente tava sempre em tempos livres porque eu nasci cá só que fui para Inglaterra, e voltei em 2015 com o meu currículo escolar todo sujo basicamente.</p> <p>E – Porquê?</p> <p>P5 – Basicamente nenhuma escola me aceitava, porque era faltas disciplinares, era pancada, arma de fogo na escola e essas cenas assim, e não me aceitaram na escola por isso basicamente tava sempre em tempos livres. E, sim pode-se dizer que foi em tempos livres.</p> <p>E – Ok. Estavas a dizer que fumavas, o que é que fumavas?</p> <p>P5 – Ganza, erva, e só.</p> <p>E – E álcool, bebias álcool?</p> <p>P5 – Não.</p> <p>E – Ok. Quero saber é o que é que tu sentes em relação a isso, à forma como tu passavas os teus tempos livres. O que sentes em relação a isso?</p> <p>P5 – Não, eu não quero tar aqui a dizer o que você quer ouvir, tipo eu não achava nada de mal tá a ver, fumar e isso não achava, eu gostava, não era cena de tar viciado, é tipo gostava de fumar ya e não acho que era mal mas se me perguntarem se quero voltar a fazer vou dizer que “sim, quero” mas se me perguntassem “se tu tivesses hipótese de voltar atrás antes de conheceres isso tu fazias?” dizia que não porque não dá uma imagem positiva tá a ver, não é que eu queira saber se a pessoa do outro lado tá-me a ver gosta da minha imagem, isso para mim é insignificante, mas não sei, acho que trouxe muito desgosto para minha mãe, e ya, podia voltar atrás.</p> <p>E – Ok, então isso é uma das coisas que mais te preocupa,</p>	<p>Consumo de substâncias e desejo de continuar o consumo.</p> <p>Culpabiliza-se por causar desgosto à sua mãe.</p> <p>Tempos livres como fonte de criminalidade.</p>
---	--	---

	<p>é o que a tua mãe sente em relação a isso...</p> <p>P5 – Não, não me preocupa muito, tipo ya de vez em quando penso nisso mas não é algo que tá-me sempre aqui a dizer “olha tens de mudar e assim e assim”.</p> <p>E – Olha tu não tens de dizer aquilo que achas que eu quero ouvir, diz mesmo a tua verdade, eu quero ouvir a tua verdade, ok?</p> <p>P5 – (Acena com a cabeça)</p>	
<p>P5 refere que as pessoas mudam com o passar do tempo e que os amigos que pensava ter lá fora são agora apenas conhecidos, no entanto que tem um amigo dentro do CE que já conhecia antes. Não se sente apoiado pelos amigos, embora haja um ou outro que liga para saber como ele está.</p>	<p>E – Fala-me um bocadinho sobre os teus amigos.</p> <p>P5 – Pá, não tenho amigos, tenho mais conhecidos, aliás, o amigo mesmo que tenho tá cá dentro, tá comigo aqui. Acho que ele é fiel, tamos aí ya, quando eu sinto que tenho de agir com ele faço o que tenho que fazer, agora quando acho que não tenho nada a fazer não faço nada, tamos aí somos amigos como sempre, eu fiquei um bocado distanciado dele tanto que não é a mesma coisa como era quando nós tavamos lá fora porque eu quando fui para o colégio fui para Coimbra e ele ficou aqui e depois fui transferido para cá e há pouco tempo é que tamos tipo a começar tudo de novo e cenas porque o tempo passa e as pessoas mudam e o que ele pensa posso eu não pensar e da maneira que ele age posso eu não agir tá a perceber? As pessoas mudam e basicamente isso lá fora pensava que tinha amigos e vim cá pa dentro e olha onde é que eles estão?</p> <p>E – Pois. Eu ia-te perguntar se te sentes apoiado por eles.</p> <p>P5 – (risos) Hum... há um e outro que de vez em quando liga que pergunta a minha irmã se eu tou bem se tá tudo a correr bem aqui dentro comigo, mas não, acho que não.</p> <p>E – Ok. Então e esse teu amigo que está aqui dentro contigo, já o conhecias lá fora é isso?</p> <p>P5 – Sim. Conhecia sim.</p> <p>E – Mas de 2015 para cá?</p>	<p>Não se sente apoiado pelos amigos.</p> <p>Crença de que as pessoas mudam.</p>

	<p>P5 – Sim sim.</p> <p>E – E vocês pronto também faziam porcaria os dois juntos ou...?</p> <p>P5 – Sim basicamente estamos aqui por quase as mesmas coisas.</p> <p>E – Ok.</p>	
<p>P5 sente-se aborrecido com a escola porque já fez a matéria que está a ser dada, sente que não tem de a voltar a fazer. Vê a escola como um ponto de refúgio onde aprende coisas novas embora de vez em quando haja aborrecimentos. Acha que toda a gente deveria ter direito à escola. Para P5 a escolar serve tanto para aprender a ler e a escrever como para ter um futuro.</p>	<p>E – Como é que te sentes no geral na escola?</p> <p>P5 – Hum, agora? Agora sinto-me um bocado aborrecido porque já fiz a matéria que eles tão a dar já fiz, ou seja, tar ali a voltar a fazer e ter que tar a fazer as coisas outra vez é um bocado aborrecido porque eu sou assim “já aprendi não tenho que tar a voltar a fazer” tá a perceber?</p> <p>E aqui ou vou à escola ou fico no quarto e ficar no quarto não quero por isso tenho que ir à escola ya.</p> <p>E – E lá fora?</p> <p>P5 – Como assim?</p> <p>E – O que é que tu achavas da escola lá fora?</p> <p>P5 – Eu sempre gostei da escola numa maneira geral, é um ponto de refúgio tá a perceber? É tipo, tou rodeado de pessoas, não é que às vezes é bom, é tou a aprender cenas novas tou... é bom a escola, acho que toda a gente devia ter direito a escola tá a perceber? Só que de vez em quando olha, há aborrecimentos e essas cenas assim.</p> <p>E – Ok. E achas que a escola serve para alguma coisa ou...?</p> <p>P5 – Primeiro serve como ponto de refúgio, e sim, para aprender também, não ficar burro até ao resto da vida. Pelo menos aprender a ler e a escrever. É um meu concelho para quem não gosta da escola, pelo menos vai aprender a ler e escrever “se não quiseres podes ir embora”.</p> <p>E – Ok, e achas que vai servir para alguma coisa no teu futuro?</p>	<p>Escola útil para o futuro e para aprender a ler e a escrever.</p> <p>Ambivalência em relação à escola no CE: ponto de refúgio Vs sente-se aborrecido.</p>

	<p>P5 – Ler e escrever?</p> <p>E – Não, a escola.</p> <p>P5 – Sim, porque vou tentar tirar um curso para poder ir trabalhar para essa área tá a perceber? Porque eu não percebo lá muito de trabalhos e essas cenas tá a perceber? Mas eu acho que se tiver curso, tenho futuro. Também tenho de ser bom trabalhador, certo, mas se tiver curso já meio caminho andado.</p> <p>E – Exato.</p>	
<p>P5 refere que embora queira preservar o que vem a seguir, que deseja para o futuro trabalhar, construir uma família e emigrar, tal como conhecer pessoas novas num ambiente diferente.</p>	<p>E – Fala-me um bocadinho sobre que planos é que tu tens para o teu futuro.</p> <p>P5 – Hum, eu não penso muito no futuro a longo prazo, é uma maneira de preservar o que vem a seguir tá a perceber? Mas quero trabalhar, quero arranjar uma mulher e construir uma família, quero emigrar, não quero ficar aqui, hum, Portugal já não dá com nada, quero voltar para Inglaterra, seguir caminhos totalmente diferentes, quero conhecer pessoas novas, fazer amigos diferentes, noutro tipo de ambiente. Basicamente é isso.</p> <p>E – Ok. Portanto não tens assim nenhum plano em concreto para quando saíres daqui?</p> <p>P5 – Por enquanto não.</p> <p>E – É só assim essas ideias mais abstratas.</p> <p>P5 – Ya.</p> <p>E – Ok.</p>	<p>Tem planos futuros a nível profissional e pessoal.</p> <p>Deseja conhecer pessoas novas num ambiente diferente, noutro país.</p>
<p>P5 refere que quer recomeçar a sua vida quando sair do CE de modo a poder fazer aquilo que não teve oportunidade enquanto está no</p>	<p>E – E que sentimentos é que tu tens quando pensas na tua saída?</p> <p>P5 – Penso num começo novo, poder recomeçar mais ou menos. Poder fazer aquilo que não fiz enquanto o tempo que tou aqui, o que perdi.</p> <p>E – E o que é que tu sentes que perdeste?</p> <p>P5 - Muita coisa. A minha irmã tem 3 irmãs da parte do meu padrasto, a mais nova tem 6 anos e dos 4 até agora</p>	<p>Deseja recomeçar a sua vida fora do CE.</p> <p>Sente que perdeu oportunidades enquanto institucionalizado em CE.</p>

<p>CE. Vê o seu padrasto como seu pai, pois foi este que o criou.</p>	<p>não vi ela, não tou a ver ela a crescer, acho que isso é uma das coisas que perdi também. Festas, muitas festas que já perdi, o meu cunhado era um dos meus melhores amigos lá fora e de vez em quando, quando liga para aí, ele “ah já, fogo ontem tive numa festa” e cenas assim, e um gajo tá a pensar “fogo, eu tou aqui dentro, filha da mãe”. Basicamente é isso.</p> <p>E – Então mas explica-me lá a tua família, tu vives com a tua mãe mas...</p> <p>P5 – Eu vivo com a minha mãe, tenho dois irmãos mais novos que é do fruto da relação com o meu padrasto, e do meu padrasto tenho 3 irmãs que não é fruto da relação com a minha mãe mas doutra relação. E como foi o meu padrasto que me criou, eu considero ele meu pai, e as filhas dele considero minha irmãs, basicamente é isso.</p> <p>Tenho avó em Inglaterra, um dos meus irmãos mais novos está em Inglaterra também, os meus tios, os meus primos, as minhas tias.</p> <p>E – Tens lá a tua família toda é isso?</p> <p>P5 – Ya.</p> <p>E – E só cá está a tua mãe e o padrasto.</p> <p>P5 – E o meu irmão.</p> <p>E – Um dos mais novos.</p> <p>P5 – Sim sim, os dois rapazes são os mais novos.</p> <p>E – Quando te perguntei com quem vives, disseste só com a tua mãe mas é também com o teu irmão?</p> <p>P5 – Não, o meu irmão tá com o meu padrasto.</p> <p>E – Ah ele não...</p> <p>P5 – De vez em quando vai pá casa da minha mãe mas ele prefere tar com o meu pai, com o pai dele.</p> <p>E – Porquê?</p> <p>P5 – Não sei, é uma coisa que ele gosta, não sei, é diferente mas quando veio, inicialmente morava com a</p>	
---	---	--

	<p>gente depois, agora vai para a frente e para trás, uma semana tá com a minha mãe outra semana tá com o meu pai, é sempre assim.</p> <p>E – Ok.</p>	
<p>Deseja poder ter um filho quando sair do CE.</p>	<p>E – O que é que tu mais gostarias que te acontecesse quando saíres daqui do centro educativo?</p> <p>P5 – Poder ter um filho ou uma filha.</p> <p>E – Hum hum, precisas de ter uma relação primeiro para isso (risos)</p> <p>P5 – (risos) ya. Para ter filhos já tá meio caminho andado.</p> <p>E – A sério?</p> <p>P5 – (acena com a cabeça)</p> <p>E – Ok.</p>	<p>Desejo de ter um filho aquando da saída do CE.</p>
<p>P5 refere que vai ter muitas dificuldades aquando da saída do CE, nomeadamente poder desorientar-se outra vez, porque o ambiente em que está é muito mais contentor do que fora do CE. Sente que lá fora é mais fácil agir porque não tem como se retirar e encontrar um ponto de refúgio.</p>	<p>E – E tu achas que quando saíres daqui vais ter algumas dificuldades?</p> <p>P5 – Muitas.</p> <p>E – Então?</p> <p>P5 – Poder-me desorientar-me outra vez. Aqui a realidade cá dentro é muito diferente da realidade lá fora. Aqui o ambiente tá muito mais contentor, muito mais agressivo, é diferente. Eu se for lá fora assim, se me mandarem embora lá para fora, eu de certeza absoluta que voltava para aqui ou ia ali para cima. De certeza absoluta.</p> <p>E – O que é ali para cima?</p> <p>P5 – Prisão de Caxias.</p> <p>E – Ah ok.</p> <p>P5 – De certeza absoluta porque aqui é muito mais agressivo o ambiente, aqui não, não podes papar a mínima coisa possível é logo para a violência ou bate bocas e cenas assim tá a perceber?</p> <p>E – Mas com os teus colegas daqui?</p> <p>P5 – Sim sim com os colegas e às vezes também com os adultos. Não é que comigo tenha acontecido, eu desde</p>	<p>Receio de se desorientar fora do CE.</p> <p>Perceção de necessidade de um ponto de refúgio fora do CE que serve como contentor.</p>

	<p>que tou aqui neste centro não tive conflitos com ninguém, tou mais reservado, mas é porque tou a fazer esforço, porque às vezes não dá, às vezes tenho de me isolar, tenho que me retirar para o quarto ou fazer outra cena para me manter ocupado tá a perceber? Para me distrair. Isso se me levasse lá para fora agora não vai haver como eu me distrair tá a perceber?</p> <p>E – Achas que lá fora é mais fácil perderes a cabeça?</p> <p>P5 – É mais fácil é, é mais fácil agir do que aqui dentro, porque aqui dentro temos seguranças e monitores certo?</p> <p>E mesmo assim conseguimos agir, lá fora não temos ninguém.</p> <p>E – Então achas que é um bocado aí que vais ter dificuldade, não teres ninguém no fundo a ajudar-te a manter-te o controlo?</p> <p>P5 – Não é ajudar, é refúgio, tá a perceber? É um ponto de refúgio, porque eu não gosto de tar muito dentro de casa, tipo sou uma pessoa que gosta mais de tar na rua, em ambientes abertos, tá a perceber? E dentro de casa não faz muito o meu estilo. Eu por mim casa é comer, dormir, tomar banho e mais nada. E basicamente é isso. É a minha dificuldade se calhar.</p> <p>E – Ok.</p>	
<p>P5 refere que para o seu futuro foi importante o CE pela escolaridade, pelo aprendizagem de autocontrolo e por conseguir pensar no outro.</p>	<p>E – Achas que para o teu futuro foi importante estares aqui?</p> <p>P5 – Posso dizer que sim.</p> <p>E – Porquê?</p> <p>P5 – Porque se não não aprendia nem metade daquilo que aprendi cá dentro.</p> <p>E – Tipo o quê?</p> <p>P5 – Para começar, a escola, não acabava o 9º ano, também autocontrolo, porque era muito impulsivo, tudo o que me vinha à cabeça eu fazia, não pensava duas vezes,</p>	<p>Reconhece a importância do CE.</p> <p>CE importante pela escolaridade, aprendizagem de autocontrolo e por conseguir pensar no outro.</p>

	<p>não pensava na vítima, não pensava basicamente, era o que me vinha à cabeça era logo, fazia.</p> <p>E – E tu agora consegues pensar mais na outra pessoa?</p> <p>P5 – Sim. Posso dizer que sim.</p> <p>E – Então ensinaram-te isso aqui?</p> <p>P5 – Custou mas sim.</p>	
<p>YLS útil para os técnicos perceberem melhor os educandos do CE e para perceberem melhor o que querem.</p> <p>YLS útil para o seu futuro no sentido de ajudar a criar um objetivo de uma vida estável fora do CE.</p>	<p>E – Sabes o que é o YLS/CMI?</p> <p>P5 – Quê?</p> <p>E – É isto aqui (estou a mostrar)</p> <p>P5 – Fogo já vi isso tantas vezes nos meus processos, nunca percebi.</p> <p>E – É isto aqui, dos objetivos e ações. Foi feito com a psicóloga daqui ou com a técnica.</p> <p>P5 – Ah isso é aquela coisa da perícia não é?</p> <p>E – Mais ou menos, eles veem o que é que precisa de melhoria em ti (continuo a mostrar o instrumento). É feito de 6 em 6 meses, por isso já deves ter feito alguns.</p> <p>P5 – Sim, não me lembro.</p> <p>E – Mas sabes o que é?</p> <p>P5 – Mais ou menos.</p> <p>E – Hum, tens aqui algumas áreas, por exemplo a educação/emprego deves ter um objetivo de acabar o 9º ano...</p> <p>P5 – Ah sim acho que sim.</p> <p>E – Pronto, o que é que tu achas deste instrumento?</p> <p>P5 – Já não me lembro muito bem, mas acho que é útil para quem faz esse questionário, basicamente é um questionário, para perceber um pouco da gente, perceber um pouco do que é que a gente quer, do que é que nós não queremos, do que é que nós somos e essas coisas.</p> <p>E – E tu achas que este instrumento serve para alguma coisa?</p> <p>P5 – Tem a sua ciência, agora o que é que não me</p>	<p>YLS útil para os técnicos compreenderem melhor os educandos.</p> <p>YLS útil para criar objetivos para o futuro fora do CE.</p>

	<p>pergunte que eu não sei.</p> <p>E – E achas que foi útil para ti para... ajudou-te a criar algum objetivo ou assim? Cria-te objetivos enquanto estás cá mas achas que te ajudou a criar algum objetivo para quando saíres daqui?</p> <p>P5 – Sim. Sim, basicamente uma vida estável se calhar. Em vez de andar para trás, andar para a frente.</p> <p>E – Boa, ok. Lembras-te assim de mais alguma coisa que me queiras falar?</p> <p>P5 – Não, só se me fizer as perguntas (risos).</p>	
<p>P5 refere que não desejaria o CE a ninguém, pois toda a gente merece a sua liberdade e porque sente que os jovens saem de lá pior do que quando entram.</p> <p>Acredita que toda a gente merece uma segunda chance e que dependendo do crime, o Juiz não deveria condenar ninguém, sente que a maior parte das pessoas não querem saber das razões do que leva às pessoas a cometerem crimes. Sente que o CE</p>	<p>E – Fala-me só mais um bocadinho em relação a como é que tu te sentes em relação ao centro educativo?</p> <p>P5 – O que é que eu sinto?</p> <p>E – Hum hum.</p> <p>P5 – Epa, isto aqui, como é que hei de explicar, eu não desejaria isto nem para o pior inimigo, tá a perceber?</p> <p>Acho que a gente merece a sua liberdade, por mais que possam fazer o que fizessem, não diria para virem para aqui tipo uma coisa leve, porque isto basicamente você entra para aqui mal, sai daqui pior, 75% dos jovens que vêm parar ao centro educativo, vão presos, tá a perceber?</p> <p>Nos últimos anos têm vindo a diminuir, acho que agora tá 50 ou 60. Mas basicamente voltam todos lá para cima, porque não há maneira de mudar, alguns conseguem, não vou dizer que eu sou o caso porque não sei o dia de amanhã, não sei se vou ter que voltar a fazer o que fiz ou que vai acontecer alguma coisa de mal e vou ter que voltar a fazer uma coisa que eu venha a tar preso por causa disso, mas eu acredito que toda a gente tem uma segunda chance, merece uma segunda chance, eu se fosse juiz não condenava ninguém, quer dizer, ninguém vamos lá ver, depende do crime e depende das razões, porque a maior parte das pessoas não querem saber das razões do</p>	<p>Perceção de que o CE não tem um efeito pedagógico.</p> <p>Perceção de que não há uma verdadeira averiguação do contexto (o que leva a cometer os crimes).</p> <p>CE dificulta a relação dos jovens com as suas famílias.</p> <p>CE ajuda a criar empatia e consciência pelos outros.</p>

<p>dificulta a relação dos jovens com as suas famílias. Sente que o CE facilita no sentido de abrir a mente e a pensar nos outros.</p>	<p>porquê que a gente fez o que fez. Eu acho que o centro tá aqui para ajudar mas também tá aqui para dificultar.</p> <p>E – Dificultar para ti no fundo é o facto de estares aqui preso?</p> <p>P5 – Hum às vezes isto aqui também estraga a relação da família, tá a perceber? Às vezes a certa atenção que alguns jovens tinham na família perdem cá dentro, alguns até perdem a atenção toda a cortam relações com a família. E acho que é nesse ponto de vista que eu digo que tá a dificultar.</p> <p>E – Ok e o que é que facilita?</p> <p>P5 – O que é que facilita? Abre a nossa mente. Em vez de pensar no agora pensamos no amanhã. Em vez de pensar só em nós, pensamos nos outros. E é, acho que isso é fundamental.</p> <p>E – Também acho. Acho que já não tenho assim mais nada para te perguntar. Obrigada!</p> <p>P5 – Obrigado eu.</p>	
--	---	--

<p>P6 – é um rapaz de 18 anos, foi-lhe aplicado medida de internamento de 1 ano e 4 meses, encontra-se institucionalizado há 2 meses em regime semiaberto por ter praticado 2 crimes de furto.</p>		
<p>P6 considera o CE tranquilo e tinha expetativas de ser uma coisa diferente, muito mais pesada. Aquando da entrada no CE foi sentido como um abanão e um choque, sente que já estava mais ou menos orientado, por estar a trabalhar. Gosta do CE pelo apoio e oportunidades que lhe fornecem.</p>	<p>E – Como é que é para ti estar aqui?  P6 – Tranquilo, acho isto tranquilo.  E – É tranquilo?  P6 – Sim. É o que eu também disse às pessoas que me perguntaram, achava que era uma coisa muito mais diferente, muito mais pesada e isso, e acho que é tranquilo, sim.  E – Ok. E mesmo há 2 meses atrás quando entraste aqui dentro, também foi assim mais algum choque ou...?  P6 – Foi, sim, foi mais um choque... pronto, eu também o processo que eu tenho já foi em 2015 e isso e já tava mais ou menos a trabalhar e isso, foi assim um tipo um abanão, mas pronto.  E – Pois.  P6 – Pois e depois quando comecei a entrar no... entrar no pronto nas regras e isso, a entrar nas regras e isso fui me adaptando e acho isto tranquilo, sim. E até gosto no sentido do apoio que eles dão aqui, de poder ir à escola e isso, é mais fácil de ver. Essas coisas.</p>	<p>Adaptou-se ao CE assim que começou a seguir as regras.  CE percecionado como tranquilo.  Expetativas do CE como um local diferente, mais pesado.  Quando entrou no CE foi como um choque e abanão.  Gosta do CE pelo apoio e oportunidades que lhe fornecem.</p>
<p>Como aspetos positivos do CE é o apoio para a escola, ajudarem a arranjar trabalho e a tirar a carta de condução.</p>	<p>E – Então e que aspetos positivos é que tu encontras em estar aqui dentro?  P6 – Por exemplo o apoio da escola, lá fora não tinha força nem cabeça para ir à escola e isso, a escola, por exemplo ajudarem-nos a arranjar trabalho, mesmo, quando eu vim para aqui eu pedi ajuda para a escola e para a carta de condução, e assim esses apoios que eu acho que, é diferente, todos aqui são iguais, e acho que até foi o que a enfermeira disse que nós se calhar o que precisávamos era mesmo de ser obrigados a ir e coiso, e é nesse sentido.</p>	<p>Como aspeto positivo do CE é as oportunidades que providenciam: apoio para a escola, arranjar trabalho e tirar a carta de condução.</p>

	E – Ok.	
P6 não encontra nenhuma dificuldade em CE, refere dar-se bem com os colegas e monitores, mas considera que para si é difícil não poder ir à rua quando quer para respirar ar fresco e o afastamento da família.	<p>E – E que dificuldades é que tu encontras em estar aqui?</p> <p>P6 – Mais ou menos assim nenhuma, dou-me bem com tudo, faço o que me mandam fazer e ainda não tive assim nenhum problema grave nem nada assim demais.</p> <p>E – E mesmo quando entraste também não?</p> <p>P6 – Não, não, pensava que era muito mais pesado aqui, e que se calhar me ia dar muito mal do que coiso, do que, aqui tou super tranquilo, dou-me com todos, falo com todos, até mesmo com os monitores e isso, está tudo bem.</p> <p>E – E o que é que é mais difícil para ti de estar aqui?</p> <p>P6 – Mais difícil é não poder ir à rua ou assim quando quero, mesmo no sentido de respirar ar fresco e sair, e mesmo assim a minha família também, é só, já termos as visitas já é bom mas às vezes tarmos mais com a família ou assim, mas pronto.</p> <p>E – Ok.</p>	<p>Não vê dificuldades no CE.</p> <p>Bom relacionamento com colegas e monitores.</p> <p>É difícil não poder sair para apanhar ar fresco (privação da liberdade).</p> <p>É difícil estar afastado da família.</p>
P6 considera ser uma pessoa calma mas extrovertida, observador e de conhecer outras histórias de vida interessantes.	<p>E – Fala-me um bocadinho sobre ti, sobre como é que tu achas que és.</p> <p>P6 – Acho que sou calmo, sou muito extrovertido também, sou observador muito observador. Mais ou menos é isso, gosto muito de observar e de conhecer também outras histórias assim de vida e isso, coisas assim interessantes.</p>	<p>Considera ser uma pessoa calma e extrovertida, que gosta de observar e de conhecer outras histórias de vida interessantes.</p>
P6 sente-se apoiado pela sua família através das visitas e dos contactos telefónicos. Sente que a relação com a família melhorou desde que entrou em CE, por	<p>E – Sentes-te apoiado pela tua família?</p> <p>P6 – Sim. Sinto, sinto.</p> <p>E – Sim? Em que medida?</p> <p>P6 – No sentido de, por exemplo, a minha mãe vem a todas as visitas, liga-me todos os dias, sempre, pronto ela disse que o possível que pode fazer é vir a todas as visitas, e é tudo nesse sentido, sim.</p> <p>E – Ok, boa. E sentes alguma diferença na relação com eles agora e antes de entrares aqui?</p>	<p>Sente-se apoiado pela família.</p> <p>Sente que a relação com a família melhorou e se fortificou.</p>

<p>conseguirem falar sobre certos assuntos que antes não falavam. Sente que têm uma relação mais forte.</p>	<p>P6 – Sim, no sentido, de entre aspas melhor de se calhar falar sobre certas coisas que em casa não falávamos porque também quando eu ia, quando eu tava em casa tinha sempre o meu espaço o meu quarto e isso com o meu irmão e, prontos, comíamos ali e não sei quê, claro que se a minha mãe precisasse de ajuda ou assim a gente tava lá, mas o falar mais como aqui falamos sobre certas coisas do que se passaram e isso desde que eu entrei para aqui é muito mais do que lá fora.</p> <p>E – Então mas tens uma boa relação com eles é isso?</p> <p>P6 – Sim, sim. Agora ainda mais, ainda mais forte.</p> <p>E – Certo, ainda melhor.</p>	
<p>P6 refere que nos tempos livres à data da prática dos factos, passava muito tempo na rua com os seus amigos e com consumos regulares de haxixe e com consumos ocasionais de álcool. Refere que se confronta com as coisas que fez, que diz terem sido estúpidas e sem cabimento, que não acrescentaram nada para si. Refere que era por não ter nada para fazer no dia a</p>	<p>E – O que é que tu fazias nos teus tempos livres?</p> <p>P6 – Por exemplo, agora já tava a trabalhar na agricultura, mas de resto o tempo que ainda não tive a trabalhar praí desde 2016/2015 fiquei máximo em casa, fiquei muito tempo em casa quase sem fazer nada, às vezes só ia à rua, ia dar uma volta ou assim, mas coisas assim muito básicas.</p> <p>E – Ok e na altura em que tu cometeste o crime, no fundo pelo que estás aqui, o que fazias na altura?</p> <p>P6 – Tava sempre na rua, tava sempre com amigos e consumia também e isso.</p> <p>E – O quê?</p> <p>P6 – Haxixe.</p> <p>E – Ok e álcool também?</p> <p>P6 – Sim, às vezes sim, não era tanto como o haxixe, basicamente só raramente em festas ou assim, não muitas vezes, mas pronto.</p> <p>E – Ok e...</p> <p>P6 – De resto não sei.</p> <p>E – E o que é que tu sentes em relação à forma como tu antes passavas os teus tempos livres?</p>	<p>Os tempos livres eram passados com os seus amigos e a consumir haxixe, na rua.</p> <p>Consumo de drogas.</p> <p>Confronta-se com as coisas que fez, que não acredita terem trazido qualquer benefício para si.</p> <p>Relaciona o consumo de drogas à ausência de hábitos regulares e estruturados nos tempos livres.</p>

<p>dia que o levava a consumir mais.</p>	<p>P6 – Mais ou menos encarar-me agora, agora encaro-me e acho muito que coisas que fiz foram muito estúpidas muito sem cabimento, que não valiam mesmo a pena, também não me trouxeram nada de mais, tudo aquilo que eu fiz, e acho que o que nos levava mais a consumir e isso era o tempo de ficar parado sem nada para fazer era o que me levava mais a consumir porque quando eu ia trabalhar não consumia só depois à noite é que consumia e tava bem sempre o dia todo e isso.</p>	
<p>Refere que apesar de os outros o considerarem como bom aluno, se desorientou na escola devido às más companhias e por não ter aulas práticas. Refere ainda que, o facto de o CE possuir formações com aulas práticas é uma das razões por gostar do CE. Refere que a escola é importante e útil, mas que deveria ter aulas mais práticas, o que acredita que iria beneficiar muitos outros alunos com dificuldades que</p>	<p>E – Ok e em relação à escola, como é que tu te sentes no geral?  P6 – Aqui?  E – E antes também.  P6 – Antes, por exemplo, não sei bem explicar mas antes eram também as más companhias porque também aquilo que a minha mãe sempre disse e as professoras, disseram sempre que eu era bom aluno e isso, só que o que eu acho que tinha, era que gostava muito mais de ter prática do que se for preciso ter as aulas e isso, e acho que era isso que eu desorientava um bocadinho, mas prontos. Por exemplo porque aqui até acho que se apertassem bem as cadeiras nas escolas com formação na escola mais como aqui por exemplo temos a formação acho que era uma coisa mais valia para miúdos que não veem tanto futuro assim nas aulas, não terem tanta paciência para tarem nas aulas e sim, sim. Acho que sim, que o que eu gostei por acaso, quando vim para aqui foi a formação, de trabalharmos com máquinas e isso, pois isso é fixe.  E – Ok, e achas que a escola serve para alguma coisa?  P6 – Sim, sem dúvida, que agora também revejo-me que certas... por exemplo mais em matemática, sim, que tenho muito mais dificuldade, se fosse lá fora notava isso aqui acho que é mais... de resto assim português também</p>	<p>Sente ser visto por terceiros como bom aluno.</p> <p>Considera que se desorientou em relação à escola devido às más companhias e por não ter aulas práticas.</p> <p>Gosta do CE por haver aulas práticas.</p> <p>Considera a escola útil e importante para o futuro.</p> <p>Acredita que muitos alunos beneficiariam se houvesse aulas mais práticas.</p>

<p>ele teve com aulas teóricas.</p>	<p>alguma assim, nos verbos e essas coisas, de resto assim inglês e isso até me dou bem.</p> <p>E – Ok, achas que para o futuro a escola é importante?</p> <p>P6 – Sim, sim, mas acho que, é aquilo que eu digo, que não sei bem explicar mas acho que devia ter um pouco de, mostrar mais o que é o trabalho, uma coisa no sentido de mais prático, de ter coisas mais práticas, porque às vezes é sempre, claro que eu sei, é uma coisa que já me disseram que a escola, por exemplo isso de fazermos as contas e muitos dizem que não vale a pena que não vamos usar isso, mas no fim aquilo dá-nos, é cálculo mental mais rápido e isso é uma coisa que eu sinto que não tenho, as crianças fazem aquele jogo do 24 e eu não consigo calcular as coisas muito rápido e isso, mas prontos.</p> <p>E – Vais lá chegar.</p> <p>P6 – Sim, sim. Com calma também.</p>	
<p>Refere que na altura em que cometeu os crimes, tinha mais amigos do que os que tem atualmente. Sente que gosta dos seus amigos e dá-se bem com eles, no entanto, difere dos seus amigos na medida em que consegue pensar por si próprio e confia em si mesmo. Sente-se</p>	<p>E – Fala-me um bocadinho sobre os teus amigos.</p> <p>P6 – Assim, quando eu era mais novo e fazia mais essas, prontos os furtos e isso, sentia que tinha muitos mais amigos do que agora por exemplo só me dou com poucos, que considero mesmo meus amigos só tenho assim um ou dois, ya, e também claro o meu irmão mas só assim um ou dois.</p> <p>E – E sentes que és apoiado por eles?</p> <p>P6 – Sim, sim, mais ou menos, também é que eu não me revejo e não sei bem explicar, mas não é um mundo, não me revejo muito neles entre aspas, eu sou um bocadinho... penso por mim próprio agora, penso muito mais por mim próprio, dou-me bem com eles e tudo e gosto muito deles e isso mas confio mais e vou muito mais pela minha cabeça do que, nesse sentido de eles terem de me apoiar ou assim, mas desabafar e isso também gosto por acaso, é</p>	<p>Reduziu o seu número de amigos, desde a altura em que cometeu crimes.</p> <p>Gosta dos seus amigos e dá-se bem com eles.</p> <p>Mudança de perceção em relação aos seus amigos.</p> <p>Pensa por si próprio e confia em si mesmo.</p>

<p>apoiado pelos seus amigos em momentos de desabafo.</p>	<p>uma coisa que me dá, pronto às vezes desabafar com eles ou assim. E – Claro, é importante. P6 – Sim.</p>	<p>Gosta de desabafar com os seus amigos, sentindo-se apoiado por eles.</p>
<p>P6 refere alguns planos para o futuro, como tirar o 9º ano, a carta de condução e trabalhar de forma a poder ajudar a sua mãe.</p>	<p>E – Conta-me que planos é que tens para o teu futuro? P6 – Aqui, prontos, queria tirar o 9º ano, a carta de condução e depois ir trabalhar e ajudar a minha mãe, e pronto, se for preciso também juntar dinheiro para comprar um carro ou assim, ir aos poucos ir ajudando a minha mãe. E – Ok e tens assim algum projeto assim mais específico para quando saíres daqui? Assim delineado. P6 – Não, não.</p>	<p>Expressa vontade de continuar a escola.  Quer arranjar um trabalho para poder ajudar a mãe financeiramente.  Quer tirar a carta de condução e comprar um carro.</p>
<p>P6 refere que ao pensar na sua saída do CE tem sentimentos de alegria, liberdade e receio de voltar a consumir.</p>	<p>E – Que sentimentos é que tu tens quando pensas na tua saída daqui do centro educativo? P6 – Penso mais ou menos, alegria e liberdade também, sim, mais ou menos, ya é isso. E – E mais? P6 – E sustenho assim um bocadinho de... não é medo mas tipo... E – Receio? P6 – Não é das outras pessoas ou assim, é de eu me conseguir tipo ficar lá fora e começar bem tipo não consumir ou assim, furtos já não, isso já não, porque já disse desde praí 2016 que, eu não digo nunca porque isso eu não sei o que é que pode acontecer, mas desde 2016 que nunca mais fiz essas coisas nem nada, tive sempre assim mais em casa, mas no sentido assim de consumir é que tenho mais receio e assim, mas prontos.</p>	<p>Sentimentos de alegria, liberdade e receio de voltar a consumir quando pensa na sua saída do CE.  Ambivalência em cometer crimes fora do CE: nunca mais Vs nunca se sabe.</p>
<p>P6 refere que</p>	<p>E – O que é que tu mais gostarias que te acontecesse</p>	<p>Aquando da sua</p>

<p>aquando da sua saída do CE gostaria de arranjar um trabalho de forma a poder ajudar a sua mãe para poderem arranjar uma casa sua.</p>	<p>quando saíres daqui?</p> <p>P6 – Mais assim que só espero é conseguir um bom trabalho e ajudar a minha mãe, no sentido se fosse preciso, nós estamos na casa dos meus avós, e se fosse preciso irmos só para uma casa nossa, só ter a nossa família e isso, mas prontos.</p> <p>E – Só tu, a tua mãe e os teus irmãos?</p> <p>P6 – Sim, sim.</p> <p>E – Ou também com a tua tia?</p> <p>P6 – Sim, também não vejo nenhum mal mas no sentido assim, de sentir que é uma coisa nossa, porque se for preciso lá em casa fazer alguma coisa a gente não pode porque é a casa da mãe da minha mãe, e acho que ter assim o nosso cantinho, o nosso espaço e isso, sim.</p>	<p>saída do CE gostaria de arranjar um trabalho com o objetivo de ajudar a mãe para se mudarem para uma casa só sua.</p>
<p>P6 refere que pode sentir dificuldades em manter o absentismo de consumo de drogas, no entanto que será mais fácil se conseguir arranjar algum trabalho.</p>	<p>E – Na tua opinião achas que vais ter algumas dificuldades quando saíres daqui?</p> <p>P6 – Acho que sim, se conseguir logo arranjar algum trabalho e isso acho que vai ser muito mais fácil para mim do que por exemplo, no sentido de consumir e isso, porque é aquilo que eu digo, o tempo que eu tou parado é o tempo que eu tava parado é que era mais para consumir e ficava aborrecido e isso. Mas acho que se conseguir logo assim um trabalho e isso, acho que vai ser fácil.</p> <p>E – Ok.</p>	<p>Espera dificuldades no absentismo de consumo de drogas, mas considera que será mais fácil se arranjar um trabalho.</p>
<p>P6 refere que apesar da institucionalização ser importante para si e para o seu futuro que teria sido melhor se tivesse sido mais cedo.</p>	<p>E – Achas que para o teu futuro foi importante estares aqui?</p> <p>P6 – Sim, sim. Acho que se calhar se tivesse sido mais cedo era mais, porque por exemplo o tempo que estive em casa a refletir muito, e pensei muito sobre as coisas que fiz e a minha cabeça mudou muito, já cheguei aqui e por exemplo acho que se tivesse sido mais naquela altura tinha muito mais que pensar logo, e ajudava-me muito mais e também se fosse naquela altura encarava isto de</p>	<p>Considera que o CE é importante para si e para o seu futuro.</p> <p>Acredita que teria sido melhor para si se a institucionalização tivesse sido mais</p>

	<p>uma maneira muito mais diferente do que agora, mas de resto acho que é, encaro muito mais como uma oportunidade, de fazer o 9º ano e isso também era uma coisa que eu não tinha cabeça lá fora.</p>	<p>cedo.</p>
<p>P6 refere que acha o YLS/CMI uma coisa boa e útil, no sentido de criar objetivos. Considera ainda que este instrumento ajudou a criar objetivos para o seu futuro, objetivos que considerava serem impensáveis antes da entrada no CE.</p>	<p>E – O que é que tu achas do YLS/CMI?  P6 – Hum, acho que é uma coisa boa assim, no sentido de isso de estipular o objetivo e isso também, de encarar por exemplo aquilo que eu me foco muito é isso, de tirar o 9º ano, se conseguir tirar a carta de condução, e a abstenção do haxixe e pronto.  E – São só esses os objetivos que tu tens?  P6 – Sim, sim. E aquilo, de eu não sei, porque a técnica disse isso e eu não sei se dava para meter mais, mas o que eu queria era também de sair logo daqui com trabalho, mas prontos, logo se vê.  E – Ok. E sentes que este instrumento serve para alguma coisa?  P6 – Sim, no sentido de a gente traçar os nossos objetivos, temos os nossos objetivos porque também lá fora eu não tinha objetivos, por isso é que também não tinha muita força para... fosse para fazer alguma coisa por exemplo ir à escola ou assim, e acho que aqui é, sim, sim.  E – E achas que este instrumento te ajudou de alguma forma a criar um objetivo para quando saíres daqui?  P6 – Sim, sim, no sentido de tirar a carta de condução, e isso. Também era uma coisa que se calhar lá fora era uma coisa impensável, pensava menos nisso do que agora aqui dentro, o que eu mais me foco é isso, tirar a escola, tirar a carta de condução e depois o trabalho.  E – E tu sentes-te bem aqui?  P6 – Sim, sinto. Acho isto tranquilo. Gosto do apoio que aqui dão, no sentido de acordar, fazermos a faxina, vamos para as aulas, vão todos para as aulas, formações, é tudo,</p>	<p>Considera o YLS/CMI útil e bom, porque ajuda a criar objetivos que antes eram impensáveis para si, tanto no CE como para o seu futuro fora do CE.</p>

	<p>sim, gosto.</p> <p>E – Ok. Boa, então eu acho que não tenho assim mais perguntas, a não ser que me queiras dizer assim mais alguma coisa.</p> <p>P6 – Assim, de resto, sinto-me super tranquilo aqui.</p> <p>E – Ok, então obrigada.</p>	
--	---	--

### Apêndice G - Estrutura constituintes essenciais

Constituintes essenciais	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Importância do CE	(...) podem dizer que nós aprendemos todos os dias e é verdade, nós aprendemos todos os dias coisas novas, mas acho que aqui já aprendi, aqui dentro acho que já aprendi tudo o que tinha para aprender (...).  Se eu não tivesse vindo para aqui não tinha aberto os olhos, não tinha mesmo. Foi muito bom (...) porque me fez crescer e fez ver o mundo de outra maneira, fez me ver os outros de	Hum.. porque ensinou-nos tanta coisa, e até as coisas mais estranhas que possam ser imaginadas, porque são coisas (...) aprendemos tipo a conviver em sociedade, é isso, é basicamente é isso, apesar de estarmos só com raparigas não é e a sociedade são homens e mulheres mas aos poucos e poucos...  (...) é completamente importante para o nosso futuro nós percebermos que estarmos aqui é fundamental para não voltarmos,	Eu já mudei muito aqui, eu no princípio quando entrei aqui achava que isso era mau, que não ia valer de nada, mas ao passar mais tempo aqui vi que tou melhor, isto educa basicamente , é um centro educativo. Hum, como eu disse isto educa, as coisas que eu tinha de mal estou a melhorar, estou a trabalhar para melhorar com o apoio dos técnicos e dos tutores. E também por exemplo, as atividades,	Sinto que mudei e que coisas que eu fazia lá fora não eram certas, aprendi a fazer muita coisa aqui dentro, aprendi a ter respeito pelas pessoas, hum bom, muita coisa. Sim (...) Porque eu se não tivesse vindo para aqui acho que nunca mais ia à escola, acho que não conseguiria usufruir de uma formação que eu adoro, aqui tenho formação, e lá fora se eu não evoluísse acho que não tinha nenhuma dessas oportunidades.	Acabei o 9º ano, basicament e lá fora não ia conseguir de certeza absoluta.  Posso dizer que sim (...) Porque se não não aprendia nem metade daquilo que aprendi cá dentro (...) Para começar, a escola, não acabava o 9º ano, também autocontrolo, porque era muito impulsivo, tudo o que me vinha à cabeça eu fazia, não pensava duas vezes, não pensava na vítima, não	E até gosto no sentido do apoio que eles dão aqui, de poder ir à escola (...)  lá fora não tinha força nem cabeça para ir à escola e isso, ajudarem-nos a arranjar trabalho, mesmo, quando eu vim para aqui eu pedi ajuda para a escola e para a carta de condução, e assim esses apoios que eu acho que, é diferente (...).  Acho que se calhar

	<p>outra maneira. Fez me uma pessoa diferente.</p>	<p>para termos uma noção que “não, não vou fazer isto não porque não posso mas sim porque está errado”.</p>	<p>nós quando passamos para a segunda fase podemos sair e é sempre bom porque há pessoas aqui que não têm lá fora, que os pais não têm aquela oportunidade e de conhecer sítios novos e aqui nós temos por exemplo, museus e essas coisas.</p> <p>Sim, muito (...) Porque mudou-me, a minha maneira de pensar a minha maneira de agir, mudou tudo.</p>		<p>pensava basicament e, era o que me vinha à cabeça era logo, fazia.</p>	<p>se tivesse sido mais cedo era mais, porque por exemplo o tempo que estive em casa a refletir muito, (...) a minha cabeça mudou muito, (...) acho que se tivesse sido mais naquela altura tinha muito mais que pensar logo, e (...) encarava isto de uma maneira muito mais diferente do que agora, mas de resto acho que é, encaro muito mais como uma oportunidade, de fazer o 9º ano (...).</p>
<p>Mudança de perspetiva</p>	<p>Torno-me numa pessoa</p>	<p>(...) mudei a minha maneira</p>	<p>Sim, hum, tenho notado que,</p>	<p>É bom mas ao mesmo tempo porque nos fez,</p>	<p>Já tou a pensar numa</p>	<p>(...) penso por mim próprio</p>

	<p>completamente diferente, eu sinto-me uma pessoa completamente diferente.</p> <p>Consigo-me colocar no lugar do outro, coisa que eu não conseguia, eu só pensava em mim praticamente, e agora consigo.</p>	<p>completamente de ver as coisas de estar aqui porque no início era aquela revolta de estar aqueles primeiros 7 dias em PI, de estar fechada no quarto, (...) durante muito tempo fui uma pessoa um bocado revoltada, tipo não aceitava aquilo que me diziam, não acatava as ordens, mas tipo ao longo do meu tempo percebi que tudo o que tavam a fazer naquele momento era para o meu bem, para a minha mudança e neste momento acho que é... basicamente estou</p>	<p>como é que eu hei de dizer... por exemplo que eu, repare, numa das situações que eu tinha lá fora eu via de uma forma e agora quando eu entrei vejo as mesmas situações mas de outra forma, por exemplo, vou dar um exemplo, lá fora se a minha mãe me dissesse que não a alguma coisa eu falava mal ou não reagia bem, mas agora, eu tenho visitas aqui de todos os familiares, agora se houver algum problema ou assim com a minha mãe de ela me dizer que</p>	<p>nos fez parar o que nós estávamos a fazer de mal e fez-nos ver as coisas de maneira diferente, fez-nos ver as coisas de melhor maneira.</p> <p>Fez-nos aprender que, que às vezes era incorreto certos comportamentos que tínhamos lá fora, e faz-nos ver de outra maneira, fez-nos ver de uma maneira melhor e estamos aqui para supostamente aprendermos a viver em sociedade de uma maneira diferente do que nós vivíamos lá fora.</p>	<p>maneira diferente de viver, já não quero saber desta vida que é tipo um bocado foleira, se tá a perceber. Não sei, já tenho outra maneira de pensar, já um bocado mais à frente em vez de tar sempre no mesmo sítio já tou a pensar “se fizer isto assim, depois vai ser pior, então tenho de fazer doutra maneira”.</p>	<p>agora, penso muito mais por mim próprio (...) confio mais e vou muito mais pela minha cabeça (...)</p>
--	--	--	---	--	---	---

		tranquila comigo mesma ao estar aqui, tranquila com as colegas, com todos os adultos.	não a qualquer coisa que eu ache que deva dizer que sim, eu consigo para dentro e para fora reagir bem...			
Posicionamento em relação às regras	(...) há muitas regras e eu tenho 17 anos não é... o que eu gostava era de estar lá fora a curtir a vida entre aspas, sim, como qualquer adolescente, mas tem muitas regras. Mas as regras também fazem bem né?	(...) as regras são coisas tão pequeninas tão pequeninas tipo não fazem sentido mas que são coisas tão simples que nós não praticávamos lá fora e eu então acho que nós aprendemos também...	E isto tem muitas regras, tem muitas regras.  É mau ter tantas regras mas pensando bem é bom, porque as regras têm algum sentido né?	As regras, as regras são bastante difíceis, chatearem-nos muito para nós, ou seja, quando nos chateiam muito é para o nosso bem, é para nós mudarmos esses tipos de comportamentos, chateiam-nos muito. Fazem muita pressão, às vezes é uma coisa má mas ao mesmo tempo também é boa.	(...) não concordava com o sistema, não queria seguir nada, só queria tar no meu canto, diziam-me para fazer qualquer coisa não fazia, (...) Agora tou mais ambientado, já consigo separar as coisas.	(...) quando comecei a entrar no... entrar no pronto nas regras e isso, a entrar nas regras e isso fui me adaptando e acho isto tranquilo, sim.
Transformação positiva na relação com a família	Muito muito, vêm todos os fins-de-semana, ligam todas as semanas, muito	Completamente, a 100%.  Sim sim, há uma diferença enorme porque sei lá,	Mais ou menos... pela minha mãe não muito porque ela tem muito trabalho e	Hum, eu e a minha mãe tínhamos uma relação que era basicamente discutir todos os dias, discutíamos,	(...) aqui vêm-me ver ya, de vez em quando, quando podem vir-me ver, no	Sinto (...), a minha mãe vem a todas as visitas, liga-me todos os dias,

	<p>apoiada muito. Eu aprendi a dar muito mais valor à minha mãe.</p> <p>(...) a minha família para mim é tudo, tudo.</p>	<p>às vezes é preciso estas coisas acontecerem não é? Tipo pode não ser ir para um centro educativo mas coisas mais quase perder alguém, não não é assim tipo morrer, mas tipo assim da pessoa nos estar a deixar, afastar aos poucos, e uma pessoa sente quando uma pessoa se afasta, e acho que agora sim tenho uma relação completamente diferente do início.</p>	<p>isso tudo e ela tá sempre com o horário cheio e sou sempre eu que lhe liga, ela muitas vezes não vem cá, só vem cá de duas em duas semanas. Não sinto muito apoio. Do meu tio, há uma relação tio e sobrinha, não é assim muito próxima. Da minha avó sim, mas (...) ela tá muito doente e essas coisas todas.</p> <p>Sim mas pouca...</p> <p>Sim, com a minha mãe, com os meus avós da parte da mãe, com a minha avó, porque eu também tinha muitas</p>	<p>discutíamos, discutíamos, porque eu era teimosa, porque ela dizia-me isto e aquilo e eu não queria saber, e agora eu já ouço mais, ela já me ouve mais e já temos uma relação melhor.</p>	<p>tribunal tão sempre lá por mim, tão sempre a apoiar (...) acho que isso é bom não sei.</p> <p>Acho que temos um bocado mais ligados mas é difícil dizer, eu tou cá dentro e não sei o que é que ela tá a fazer lá fora tá a perceber? Não sei se só quando a gente tá junto é que ela tá a pensar em mim ou se não, tá a perceber?</p> <p>Sinto, sinto que estamos um bocado mais ligados, ela tem mais</p>	<p>sempre, pronto ela disse que o possível que pode fazer é vir a todas as visitas (...).</p> <p>Sim, no sentido, de entre aspas melhor de se calhar falar sobre certas coisas que em casa não falávamos (...) falar mais como aqui falamos sobre certas coisas do que se passaram e isso desde que eu entrei para aqui é muito mais do que lá fora.</p>
--	--	--	---	--	--	--

			discussões com a minha avó da parte do pai...		paciência para me aturar, quer tar lá, tá a perceber? Mas não, como eu disse, não sei o que se passa lá fora, não sei se ela tá a pensar em mim, se ela fala bem ou fala mal.	
Modificação da percepção sobre a escola	Não gosto nada da escola, sou obrigada né, aquilo, sou obrigada mas não gosto nada (...) nós sem estudos não somos nada, é importante.	Ai, é fundamental, fogo se eu antes pensava “ah tiro um ano e vou trabalhar” não é assim tão simples e além disso quero tirar um mestrado, quero tirar um curso, quero fazer essas coisas todas... ainda não sei em que área ainda! Mas também quero.	Sinto que afinal tenho capacidades, que sou inteligente e que se me esforçar que também gostava de andar na faculdade mas não sei, porque eu como chumbei perdi muitas bases.  Mas aqui a escola é diferente, é muito mais fácil, não nos dá aquela	A escola é muito importante para nós para aprendermos a escrever, a ler, ensinam-nos línguas, ensinam-nos coisas novas, aprendemos todos os dias. E eu acho que é importante termos estudos na vida para sermos alguém. Antes não pensava muito assim “ya a escola, tenho tempo, ainda sou nova ainda tenho tempo para	Agora sinto-me um bocado aborrecido porque já fiz a matéria que eles tão a dar (...) porque eu sou assim “já aprendi não tenho que tar a voltar a fazer” tá a perceber?  Eu sempre gostei da escola numa maneira geral, é um	(...) antes eram também as más companhias (...) gostava muito mais de ter prática do que se for preciso ter as aulas e isso, e acho que era isso que eu desorientava um bocadinho, mas prontos.  Acho que sim, que o

		<p>Sim, sim é completamente necessária porque nós sem escola tipo às vezes as pessoas têm até cursos superiores e não têm quase possibilidade de arranjar emprego quanto mais só tirarmos o 12º ano.</p>	<p>matéria do 9º ano.</p> <p>Claro (...) Para adquirirmos conhecimentos, também serve para termos valores, educam-nos também.</p>	<p>fazer a escola toda e não sei quê” não queria saber.</p>	<p>ponto de refúgio tá a perceber? É tipo, tou rodeado de pessoas, não é que às vezes é bom, é tou a aprender cenas novas tou... é bom a escola, acho que toda a gente devia ter direito a escola tá a perceber? Primeiro serve como ponto de refúgio, e sim, para aprender também, não ficar burro até ao resto da vida. É um meu concelho para quem não gosta da escola, pelo menos vai aprender a</p>	<p>que eu gostei por acaso, quando vim para aqui foi a formação, de trabalharmos com máquinas e isso, pois isso é fixe.</p> <p>Sim, sem dúvida, (...) mas acho que devia ter um pouco de, mostrar mais o que é o trabalho, uma coisa no sentido de mais prático (...).</p>
--	--	--	---	---	--	--

					ler e escrever “se não quiseres podes ir embora”.	
Impacto na relação com os pares	Mandam mensagem à minha mãe, mandam mensagem a mim, perguntam por mim. São meus amigos. Estão-me a apoiar em tudo. E, portanto, no que eles precisarem eu tou cá para todos, como eles sempre tiveram para mim eu vou estar também.	Bem neste momento sinto que agora comparado com o passado eu não tinha amigos, que simplesmente não tinha, todos os que eu sentia que tinha ou que pensava que tinha neste momento tipo desaparecera m, só tavam comigo, tipo desaparecera m mesmo, e foi e isso também me custou, porque pessoas que se calhar deixei de tar presente na minha família para ajudar algumas pessoas ou	Quando eu, na minha instituição, eu andava numa escola, antes de andar na instituição eu andava numa escola privada. Então os meus amigos eram assim betinhos, eram boas influências, pronto...  Quando eu fui para a instituição é que me fiquei a dar com pessoas tipo assim de bairros, um bocado também com dificuldades em casa e essas coisas, roubavam e fumavam.  Por amigos	Hum, pessoas divertidas, algumas faziam coisas que não deviam ser feitas, que consumiam (...) Drogas, fumavam só.  Hum... si... por alguns, por alguns dos meus amigos que nunca se meteram na má vida, ou seja, nunca fumaram, trabalham, que tão na escola, sim, por esses meus amigos verdadeiros sinto-me apoiada.  Os outros não eram bem amigos, eram conhecidos, andavam na má vida (...) muitas das vezes eu também fazia	Pá, não tenho amigos, tenho mais conhecidos, aliás, o amigo mesmo que tenho tá cá dentro, tá comigo aqui. Acho que ele é fiel, (...) eu fiquei um bocado distanciad o dele tanto que não é a mesma coisa como era quando nós tavamos lá fora (...) há pouco tempo é que tamos tipo a começar tudo de novo e cenas porque o tempo	Assim, quando eu era mais novo e fazia mais essas, prontos os furtos e isso, sentia que tinha muitos mais amigos do que agora por exemplo só me dou com poucos, que considero mesmo meus amigos (...).

		<p>para estar com algumas pessoas neste momento simplesmente e não tão e fico tipo com o pé atrás em relação às pessoas, agora hoje em dia fico com o pé atrás sempre mas sempre tipo, é uma insegurança enorme.</p>	<p>não. Mas eu tenciono lá fora dar-me mais com os betinhos e isso.</p>	<p>(...) porcaria com eles mas ao mesmo tempo também às vezes faziam porcarias que eu dizia “epa porque é que fizeste isso?”, às vezes eram porcarias desnecessárias que eles faziam. Tipo meterem-se com os miúdos mais novos, na escola.</p>	<p>passa e as pessoas mudam e o que ele pensa posso eu não pensar e da maneira que ele age posso eu não agir tá a perceber? As pessoas mudam e basicamente isso lá fora pensava que tinha amigos e vim cá pa dentro e olha onde é que eles estão?  Hum... há um e outro que de vez em quando liga que pergunta a minha irmã se eu tou bem se tá tudo a correr bem aqui dentro comigo, mas não, acho que</p>	
--	--	--	---	--	---	--

					não.	
Perceção negativa sobre a forma como passavam os tempos livres	Fumava e estava com os meus amigos, convivía, ficava na casa deles e ia sair.  O que eu sinto? Que estava errado, sinto que está errado.	Ai credo, então era, fumava, ia sair à noite, basicamente era coisas más, só coisas más por isso é que depois também parti para o roubo e para o furto porque justamente quando nós temos demasiado tempo livre acho que a cabeça fica desocupada e então pensamos, e além de pensarmos em coisas más consumimos drogas e essas coisas todas e ainda é pior. (...) como eu disse é o que mais me assusta porque foi os meus tempos livres basicamente definiram o	Hum... ia à praia, ia às compras e saía com os meus amigos, ia à escola mas era mesmo só ao intervalo não gostava muito... Saía e ia à praia com eles, ia às vezes a discotecas...  Sinto que era bom como eu passava mas que não era saudável, por exemplo não tinha assim uma rotina, às vezes deixava de ir às aulas só para tar com os meus amigos, não tinha assim um horário, não tinha hábitos, um dia ficava em casa a comer cereais e a olhar para a	Ia às compras, estava com os amigos, ia sair, isso tudo.  Hum eram bons mas ao mesmo tempo eram depois distraía-me da escola, não ia à escola, queria tar com os amigos, ia passear para ali, dar uma volta, ir sair e depois não queria saber da escola. Abstraía-me muito.	Ui, muita coisa, sair com amigos, cinema, jogar à bola, muitas cenas, era diferente. Eu fumava lá fora por isso ou tava no bairro também com os amigos aí a fumar ou ouvir música.  Basicamente nenhuma escola me aceitava, porque era faltas disciplinarem, era pancada, arma de fogo na escola e essas cenas assim, (...) por isso basicamente e tava sempre em tempos	Tava sempre na rua, tava sempre com amigos e consumia também e isso (...) agora encaro-me e acho muito que coisas que fiz foram muito estúpidas muito sem cabimento, que não valiam mesmo a pena, também não me trouxeram nada de mais, tudo aquilo que eu fiz, e acho que o que nos levava mais a consumir e isso era o tempo de ficar parado sem nada para fazer era o que

		meu passado, então às vezes sinto... é isso que eu não conto, é isso que eu normalmente não falo porque mexe mesmo comigo que sinto que as pessoas lá de fora que estão lá fora têm uma imagem má de mim por causa do meu passado, dos meus tempos livres porque eram passados a fazer... a tar com rapazes, a fumar e essas coisas todas (...).	televisão outro dia já ia sair com os amigos.		livres. (...) eu não achava nada de mal tá a ver, fumar e isso não achava, eu gostava (...) mas se me perguntass em “se tu tivesses hipótese de voltar atrás antes de conheceres isso tu fazias?” dizia que não porque não dá uma imagem positiva tá a ver, (...) acho que trouxe muito desgosto para minha mãe (...).	me levava mais a consumir (...).
Perceção utilitária do YLS/CMI	Serviu para eu ver o que tava mal em mim né. Sozinha não conseguia ver o que tava mal em mim (...)	(...) acho que é bom porque acho que também nos ajuda a perceber onde é que, quais os nossos	Acho que é bom (...) porque treinamos, temos sempre, é um objetivo, não é tipo “P3 tens de	Acho que é bom porque conseguimos ver os nossos objetivos que queremos atingir, o que queremos mudar e é	(...) acho que é útil para quem faz esse questionário, basicament e é um questionári	Hum, acho que é uma coisa boa assim, no sentido de isso de estipular o objetivo e isso

	<p>Enquanto eu estou cá, os meus objetivos e passar de fase, ajudar a controlar a minha impulsividade. Por isso, ajudou-me.</p>	<p>pontos fracos, é verdade há pessoas que não conseguem ver os seus pontos fracos e acho que é bom para estabelecer os nossos objetivos porque eu fiz isso com a Dra. X, e é... também já me ajudou a perceber onde é que estava bem e onde estava mal.</p>	<p>mudar isto e isto”, é tens mesmo escrito o que é que eu tenho de mudar e o que é que eu tenho de mais trabalhar.</p> <p>Sinto, que é para isso mesmo, para eu olhar para os objetivos que eu tenho e ver se já atingi o pretendido ou não.</p>	<p>supostamente um plano que nós fazemos para as nossas vidas aqui dentro. Se vamos conseguir obter o 9º ano, o 6º ano, se não.</p> <p>Serve para planearmos a nossa vida.</p>	<p>o, para perceber um pouco da gente, perceber um pouco do que é que a gente quer, do que é que nós não queremos, do que é que nós somos e essas cenas.</p> <p>Sim, basicamente e uma vida estável se calhar. Em vez de andar para trás, andar para a frente.</p>	<p>também, de encarar por exemplo aquilo que eu me foco muito é isso, de tirar o 9º ano, se conseguir tirar a carta de condução, e a abstenção do haxixe e pronto.</p> <p>Sim, no sentido de a gente traçar os nossos objetivos, temos os nossos objetivos porque também lá fora eu não tinha objetivos, por isso é que também não tinha muita força para... fosse para fazer alguma coisa por</p>
--	---	--	---	--	--	--

						exemplo ir à escola ou assim, e acho que aqui é, sim, sim.
Planos para o futuro	E estou a pensar aos 18 ir para a tropa, e tirar lá o meu 12º. Sim, a carta de condução. Estava a pensar isso. Já tinha o objetivo de ir para a tropa antes, antes de vir para cá, mas ficou mais claro desde que vim para cá, sim.	Também é uma pergunta que me andam a fazer há tanto tempo que eu não faço a mínima ideia de que área é que vou seguir, tipo eu gosto, já pensei na área social também e a área do turismo, também já pensei em formar-me em informática, mas é muito difícil.  Quando sair daqui é... hum é além de encontrar a área que eu gosto é também continuar a... tipo aos fins de semana, gostava mesmo de ir	Concluir o 12º ano, se eu conseguir ir para a faculdade, continuar a viver com a minha mãe, gostava de ser psicóloga. E pronto, ter uma relação estável com a minha mãe.  Arranjar, fazer assim algum curso de psicologia, que aqui dão, quando nós sairmos daqui temos logo um trabalho ou um curso e eu gostava de fazer isso.	Quando eu sair daqui vou estagiar numa cozinha de um hotel (...) depois vou para a escola vou tirar o 12º ano, curso de pastelaria e, e depois acabo a escola e vou arranjar um emprego na área que eu gosto que é cozinha/pastelaria.	Hum, eu não penso muito no futuro a longo prazo, é uma maneira de preservar o que vem a seguir tá a perceber? Mas quero trabalhar, quero arranjar uma mulher e construir uma família, quero emigrar, não quero ficar aqui, hum, Portugal já não dá com nada, quero voltar para Inglaterra, seguir caminhos totalmente diferentes, quero	Aqui, prontos, queria tirar o 9º ano, a carta de condução e depois ir trabalhar e ajudar a minha mãe, e pronto, se for preciso também juntar dinheiro para comprar um carro ou assim, ir aos poucos ir ajudando a minha mãe.

		fazer voluntariado tipo nem que seja só na minha zona de, na minha área de residência só tipo ou até fora, também não me importava de arranjar cabelos às pessoas porque (...) adoro fazer isso, sentir, fazer com que as pessoas se sintam bem.			conhecer pessoas novas, fazer amigos diferentes, nouro tipo de ambiente.	
Sentimentos quando pensam na sua saída do CE	Nem sei explicar, isso é inexplicável , fogo isso é mesmo uhhhh.  Alívio, alívio mesmo, fogo. Não vejo a hora de passar aquele portão e dizer finalmente!  Tou ansiosa, mas já	Ai, euforia, ansiedade, medo também, é basicamente, só se baseia nisso porque de resto, ainda falta tanto tempo que ainda tipo são os sentimentos que eu sinto, mas se calhar vou sentir muito mais quanto mais próxima tiver.	Sinto-me um bocado insegura porque eu não sei como é que eu vou reagir lá fora, aqui mesmo quando tenho um problema aqui dentro tenho sempre alguém a dar-me apoio, a chamar-me à razão, lá	Ansiedade, medo (...) porque a nossa vida vai começar outra vez, do zero entre aspas, vai começar de novo mas lá fora, ou seja, lá fora não tenho tantas pessoas ao pé de mim, tanto apoio (...) só tenho a família. Ou seja, é um bocado mais difícil, e se nós não seguirmos um bom	Penso num começo novo, poder recomeçar mais ou menos. Poder fazer aquilo que não fiz enquanto o tempo que tou aqui, o que perdi. (...) o meu cunhado era um dos meus melhores amigos lá	Penso mais ou menos, alegria e liberdade também, sim, mais ou menos, ya é isso.  E sustenho assim um bocadinho de... não é medo mas tipo (...) é de eu me conseguir tipo ficar lá fora e começar bem tipo

	faltou mais!		fora não sei e lá fora é muito mais perigoso, tenho pessoas que posso ser influenciada e essas coisas, mas também me sinto feliz não é, tenho a minha liberdade.	caminho, ou seja perdemos e eu às vezes penso nisso, tenho um bocado de medo mas ao mesmo tempo tenho coragem para avançar com a minha vida lá fora. Mas tou bastante ansiosa.	fora e de vez em quando, quando liga para aí, ele “ah já, fogo ontem tive numa festa” e cenas assim, e um gajo tá a pensar “fogo, eu tou aqui dentro, filha da mãe”.	não consumir ou assim, furtos já não, isso já não, porque já disse desde praí 2016 que, eu não digo nunca porque isso eu não sei o que é que pode acontecer (...) mas no sentido assim de consumir é que tenho mais receio e assim, mas prontos.
--	--------------	--	--	--	--	--